



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS UFSC DE FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Robson Nepomuceno

A dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina

Florianópolis
2024

Robson Nepomuceno

A dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos José Espíndola

Florianópolis
2024

Nepomuceno, Robson

A dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina / Robson Nepomuceno ; orientador, Carlos José Espíndola, 2024.

135 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Geografia. 3. Dinâmica Geoeconômica. 4. Produção de Tabaco. 5. Santa Catarina. I. Espíndola, Carlos José. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

Robson Nepomuceno

A dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 01 de março de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

.....
Prof. Dr. Eduardo Von Dentz
Instituição UFCE

.....
Prof. Dr. Nazareno José de Campos
Instituição UFSC

.....
Prof. Dr. Roberto César Cunha
Instituição FAPESC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Geografia.

.....
Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

.....
Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Dr. Carlos José Espíndola
Orientador

Florianópolis, 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a Deus.

Agradecimentos a minha família pelo apoio.

Agradecimentos ao orientador Prof. Dr. Carlos José Espíndola pelos ensinamentos e apoio.

Agradecimentos ao Programa UNIEDU/FUMDES PÓS-GRADUAÇÃO, pela concessão de bolsa de estudo.

Agradecimentos a todos que de alguma forma apoiaram a construção desse trabalho.

RESUMO

A disseminação do tabaco pelo mundo teve início com a chegada dos europeus a América, onde tribos indígenas já se utilizavam da planta. A indústria mundial do tabaco se consolidou a partir do final do século XIX, com a invenção da máquina de confeccionar cigarros nos Estados Unidos da América, no ano de 1881. Nos dias hoje, a indústria de cigarros produz no mundo cerca de 5,4 trilhões de unidades por ano. O mercado global possui valor estimado de, aproximadamente, R\$ 2,5 trilhões, impactando economicamente mais de 200 países. No Brasil, o cultivo de tabaco teve início na Região Nordeste, migrando para a Região Sul no final do século XVIII. Atualmente, o Brasil é o segundo maior produtor mundial de tabaco e líder em exportações do produto desde o ano de 1993. A Região Sul do país é responsável por cerca de 95% da produção nacional, e dentre os estados que compõem essa região, Santa Catarina, objeto deste estudo, é o segundo maior produtor do país. Deste modo, esta pesquisa teve como objetivo realizar análise sobre a dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva de tabaco do estado de Santa Catarina, Brasil. Assim, do ponto de vista teórico a pesquisa está embasada na ideia de formação sócio espacial. E, metodologicamente, baseada em pesquisa bibliográfica, em conjunto com saídas de campo, em que foram realizadas entrevistas não estruturadas com produtores, sindicatos, associações e empresas do setor. Obteve-se como resultado que a cadeia produtiva de tabaco de Santa Catarina sustenta-se com base no sistema integrado de produção, tendo como base o fumicultor. Verificou-se, também, tendência de concentração da produção, cujos produtores com capacidades produtivas reduzidas, automaticamente estão sendo excluídos da atividade. Observou-se, ainda, que essa cadeia produtiva tem importante papel social, visto que a atividade está presente em 183 municípios do estado e abriga 38 mil estabelecimentos produtores e 152 mil pessoas envolvidas diretamente no meio rural. Salienta-se ainda que essa cadeia produtiva pode ser potencializada, por meio de maior internalização da industrialização final do produto. Percebe-se até o presente, que essa atividade, na maioria das vezes, é a principal ou única renda de milhares de famílias no meio rural do estado.

Palavras-chave: dinâmica geoeconômica; produção de tabaco; Santa Catarina.

ABSTRACT

The spread of tobacco around the world began with the arrival of Europeans in America, where indigenous tribes were already using the plant. The global tobacco industry was consolidated at the end of the 19th century, with the invention of the cigarette-making machine in the United States of America, in 1881. Today, the cigarette industry produces around 5.4 trillion units per year. Its global market has an estimated value of approximately R\$2.5 trillion, economically impacting more than 200 countries. In Brazil, tobacco cultivation began in the northeast region, migrating to the southern region at the end of the 18th century. Currently, Brazil is the second largest producer of tobacco in the world, and leader in exports of the product since 1993. The southern region of the country is responsible for around 95% of national production, and among the states that make up this region, Santa Catarina, the object of this study, is the second largest producer in the country. Therefore, this research aimed to carry out an analysis of the geoeconomic dynamics of the tobacco production chain in the state of Santa Catarina. Thus, from a theoretical point of view, the research is based on the idea of socio-spatial formation. And methodologically, based on bibliographical research in conjunction with field trips, where unstructured interviews were carried out with producers, unions, associations and companies in the sector. The result was that the tobacco production chain in Santa Catarina is supported by an integrated production system, based on the tobacco grower. There was also a tendency towards concentration of production, where producers with reduced productive capacities are automatically being excluded from the activity. It was also observed that this production chain has an important social role, as the activity is present in 183 municipalities in the state and is home to 38 thousand producing establishments and 152 thousand people directly involved in rural areas. It should also be noted that this production chain can be enhanced through greater internalization of the final industrialization of the product. It is clear to date that this activity is most often the main or only income for thousands of families in rural areas of the state.

Keywords: geoeconomic dynamics; tobacco production; Santa Catarina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – IMAGEM DA PRIMEIRA MÁQUINA INVENTADA PARA ENROLAR CIGARROS	14
FIGURA 2 – IMAGEM DE SOLDADOS FUMANDO CIGARRO DURANTE A 1º GUERRA MUNDIAL	15
FIGURA 3 - PRIMEIRAS LAVOURAS DE TABACO EM SANTA CATARINA, REGIÃO DO ALTO VALE DO ITAJAÍ	19
FIGURA 4 - PLANTA DA EMPRESA ALLIANCE ONE – RECEBIMENTO - PROCESSAMENTO – EXPORTAÇÃO – DE TABACO	21
FIGURA 5 - MICRORREGIÕES DE SANTA CATARINA.....	22
FIGURA 6 - CARRO DE FÓRMULA 1: ESCUDERIA ITALIANA FERRARI - POR MUITOS ANOS PATROCINADA PELA PHILIP MORRIS, PRINCIPALMENTE ATRAVÉS DA MARCA MARLBORO	37
ORGANOGRAMA 1 – FORMAÇÃO DA EMPRESA TRANSNACIONAL DE TABACO, JAPAN TOBACCO INTERNATIONAL	38
ORGANOGRAMA 2 – FORMAÇÃO DA EMPRESA DE MELHORAMENTO GENÉTICO E PRODUÇÃO DE TABACO, ALLIANCE ONE.....	40
ORGANOGRAMA 3 – FORMAÇÃO DA EMPRESA DE PRODUÇÃO DE TABACO, UNIVERSAL LEAF TABACOS	41
FIGURA 7 - DINÂMICA DA ÁREA PLANTADA COM FUMO ENTRE 1990 E 2016 NO BRASIL	42
FIGURA 8 - DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE TABACO NA REGIÃO SUL DO BRASIL	43
FIGURA 9 - LOCALIZAÇÃO DAS PIONEIRAS COLÔNIAS ESTABELECIDAS NO ESTADO DE SANTA CATARINA NO ANO DE 1885.....	49
FIGURA 10 – CARTOGRAMA – FUMO – FOLHA SECA DE SANTA CATARINA POR NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	55
FIGURA 11 – RANKING – FUMO – FOLHA SECA DOS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA POR NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS	55
FIGURA 12 – CARTOGRAMA – FUMO – FOLHA SECA DE SANTA CATARINA POR QUANTIDADE PRODUZIDA.....	56
FIGURA 13 – RANKING – FUMO – FOLHA SECA DOS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA POR QUANTIDADE PRODUZIDA.....	56

FIGURA 14 – CARTOGRAMA – FUMO – FOLHA SECA DE SANTA CATARINA POR VALOR DA PRODUÇÃO.....	57
FIGURA 15 – RANKING – FUMO – FOLHA SECA DOS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA POR VALOR DA PRODUÇÃO.....	57
FIGURA 16 - FUMO DO TIPO BURLEY	87
FIGURA 17 - FUMO DO TIPO VIRGINIA.....	87
FIGURA 18 - PRODUÇÃO DE FUMO EM FOLHA/T. NO BRASIL	90
FIGURA 19 - FUMO GALPÃO COMUM	91
FIGURA 20 - CIGARRO DE TABACO AQUECIDO	94
FIGURA 21 - CONSUMO MUNDIAL DE CIGARROS.....	97
FIGURA 22 - DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE TABACO PARA TODO NO MUNDO (2023).....	99
FIGURA 23 - ESTUFAS USADAS PARA ABRIGAREM PLANTAS DE TABACO PARA MELHORAMENTO GENÉTICO.....	103
FIGURA 24 – CANTEIROS E BANDEJAS PARA A PRODUÇÃO DE MUDA DE TABACO.....	108
FIGURA 25 – GRADE ACOPLADA EM TRATOR PARA PREPARO DO SOLO PARA O PLANTIO DE TABACO.....	108
FIGURA 26 – IMPLEMENTO ACOPLADO EM TRATOR PARA PREPARO DO CAMALEÃO PARA O CULTIVO DO TABACO	108
FIGURA 27 – MODELO DIFERENCIADO DE IMPLEMENTO ACOPLADO EM TRATOR PARA PREPARO DO CAMALEÃO	109
FIGURA 28 – EQUIPAMENTO UTILIZADO PARA O TRANSPORTE DO TABACO ATÉ AS ESTUFAS DE CURA.....	109
FIGURA 29 – POSIÇÃO, COR E QUALIDADE DO TABACO.....	109
FIGURA 30 – CAIXA PARA A PRODUÇÃO DOS FARDOS DE FUMO PARA SEREM ENVIADOS PARA A COMERCIALIZAÇÃO	110
ORGANOGRAMA 3 - CADEIA PRODUTIVA DE TABACO	121

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DA FUMICULTURA SUL BRASILEIRA – FAMÍLIAS PRODUTORAS – HÁ PLANTADOS – TON. PRODUZIDAS	45
GRÁFICO 2 - EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE TABACO EM SANTA CATARINA ENTRE OS ANOS DE 1940 E 2006.....	51
GRÁFICO 3 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE TABACO EM SANTA CATARINA	53
GRÁFICO 4 - PRINCIPAIS MUNICÍPIOS PRODUTORES DE FUMO EM SANTA CATARINA	79
GRÁFICO 5 - PRODUÇÃO DE FUMO NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 1976 ATÉ 2016 – TONELADAS.....	82
GRÁFICO 6 - CONSUMO DE TABACO NO PAÍS POR REGIÃO	89
GRÁFICO 7 - PREVALÊNCIA DO USO DE CIGARROS NAS CIDADES BRASILEIRAS.....	89
GRÁFICO 8 - CIDADES BRASILEIRAS QUE MENOS CONSOMEM CIGARROS ..	90
GRÁFICO 9 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE TABACO – 2009 – 2022	98

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DE TABACO.....	16
QUADRO 2 - PRODUÇÃO DE TABACO E ÁREA COLHIDA EM SANTA CATARINA: ANOS 1985 ATÉ 2006	77
QUADRO 3 - PRODUÇÃO DE FUMO CONSIDERANDO A MESORREGIÃO DE SANTA CATARINA (1996 ATÉ 2016) E ÍNDICE DE PRODUÇÃO POR MICRORREGIÃO (2015/2016).....	82
QUADRO 4 - COMPARATIVO 21/22 – 22/23: SANTA CATARINA	92
QUADRO 5 - COMPARATIVO 21/22 – 22/23: SANTA CATARINA	92
QUADRO 6 - COMPARATIVO 21/22 – 22/23: SANTA CATARINA	92
QUADRO 7 - COMPARATIVO 21/22 – 22/23: SANTA CATARINA	93
QUADRO 8 – PRODUÇÃO DE CIGARROS NO BRASIL (2021).....	95

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - EVOLUÇÃO DA FUMICULTURA SUL BRASILEIRA – KG/HÁ – VALOR R\$/ KG – VALOR TOTAL EM R\$.....	47
TABELA 2 - NÚMERO DE EVENTOS CLIMÁTICOS E/OU SINISTROS OCORRIDOS RESPALDADOS PELO SISTEMA MUTUALISTA DA AFUBRA.....	65

LISTA DE SIGLAS

AFUBRA - Associação do Fumicultores do Brasil
ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BAT - British American Tobacco
CEPA - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola
CIDASC - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina
Conicq - Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco
CQCT - Convenção Quadro para Controle do Tabaco
CTA - Continental
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa de Agropecuária
EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFS - Instituto Federal do Sergipe
INCA - Instituto Nacional do Câncer
JTI - Japan Tobacco International
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONU - Organização das Nações Unidas
OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde
PMI - Philip Morris International
PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SIE - Serviço de Inspeção Estadual
SINAJUVE - Sistema Nacional de Juventude
SINDITABACO - Sindicato Interestadual das Indústrias de Tabaco
SIPT - Sistema Integrado de Produção Tabaco
ZARC - Zoneamento Agrícola de Risco Climático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICA DA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO NO BRASIL EM SANTA CATARINA	29
2.1 GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICA DA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO NO BRASIL	29
2.2 GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICA DA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO EM SANTA CATARINA.....	42
2.3 O PAPEL DA PEQUENA PRODUÇÃO MERCANTIL NA GÊNESE NA EVOLUÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO DE SANTA CATARINA.....	53
2.4 AS INOVAÇÕES INSTITUCIONAIS NA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO EM SANTA CATARINA.....	54
2.4.1 O papel do estado na cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina.....	54
2.4.2 O papel da EMBRAPA.....	55
2.4.3 O papel da Epagri e Cidasc na cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina.....	56
2.4.4 O papel da Cidasc na fumicultura Catarinense.....	57
2.4.5 O papel da AFUBRA.....	58
2.4.6 O papel do SINDITABACO.....	61
2.4.7 Leis, Regras, Convenção Quadro para o Controle do Tabaco e Tabagismo.....	62
3 DINÂMICA TERRITORIAL DA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO EM SANTA CATARINA	71
3.1 A DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DA PRODUÇÃO DE TABACO EM SANTA CATARINA.....	71
3.1.1 A concentração da produção de fumo em Santa Catarina.....	74
3.2 FATORES RESPONSÁVEIS PELO DESLOCAMENTO DA PRODUÇÃO.....	77
3.3 A ORIGEM TERRITORIAL DA MATÉRIA PRIMA E OS FLUXOS ENTRE AS UNIDADES PRODUTIVAS.....	79
3.4 OS MERCADOS CONSUMIDORES.....	82
3.4.1 O mercado interno.....	82
3.4.2 O mercado externo.....	90
4 DINÂMICA TÉCNICO ECONÔMICA DA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO EM SANTA CATARINA	95
4.1 O SISTEMA TÉCNICO PRODUTIVO DO FUMO EM SANTA CATARINA “ANTES DA PORTEIRA”.....	96
4.2 O SISTEMA TÉCNICO PRODUTIVO “DENTRO DA PORTEIRA”.....	99
4.3 DENTRO DA PORTEIRA.....	113
4.4 O SISTEMA TÉCNICO PRODUTIVO “FORA DA PORTEIRA”,.....	113
4.5 O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE PRODUTORES E INDÚSTRIA,	114
4.6 ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO EM SANTA CATARINA.....	114
5 CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	120

1 INTRODUÇÃO

A disseminação do tabaco¹ pelo mundo teve início com a chegada dos europeus à América, em que tribos indígenas já se utilizavam da planta. Chegando à Europa, nos séculos XVI e XVII, o tabaco era restrito ao uso medicinal. No entanto, com a revolução industrial e as mudanças na rotina de trabalho promovidas pelo avanço do capitalismo no século XVIII, o tabaco passou a ser utilizado com outros propósitos, principalmente o hábito de fumar (Bat, 2019).

Essa transformação foi impulsionada pelo aumento do comércio internacional, pela expansão das plantações de tabaco e popularização do cigarro. A industrialização permitiu a produção em larga escala, tornando o cigarro produto acessível a diferentes camadas da sociedade. O hábito de fumar, inicialmente, visto como sofisticação e status, foi se disseminando e se tornando parte da cultura de diversos países. A indústria do tabaco, por sua vez, cresceu significativamente e se tornou um dos setores mais lucrativos globalmente (Bat, 2019).

Não é possível dissociar o desenvolvimento do capitalismo com o uso do tabaco na história da sociedade moderna:

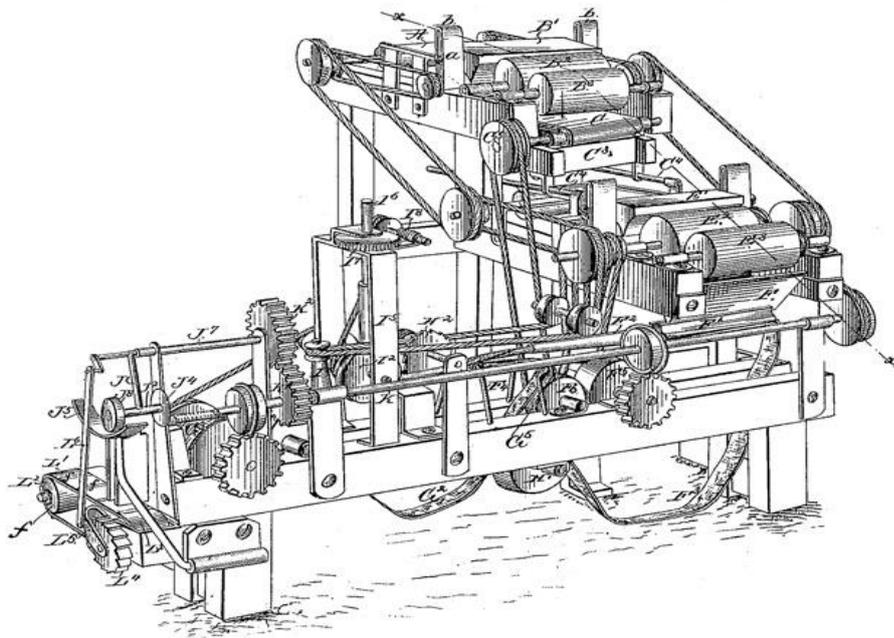
A rotina que o capitalismo começa a impor é muito diferente do trabalho do mundo mercantil ou do mundo medieval. Você é obrigado a permanecer uma grande quantidade de horas num ambiente que não é mais um ambiente seu; é uma fábrica, é uma indústria. A sua atenção é requerida o tempo todo. Então alguns aditivos acabam mexendo com a concentração; e eu acho que o café e o cigarro, que são bem típicos desse tipo de alteração da consciência, vão acompanhar o avanço do capitalismo (CARVALHO, 2001).

A indústria de tabaco se consolidou a partir do final do século XIX, com a invenção da máquina de confeccionar cigarros nos Estados Unidos da América, no ano de 1881, sendo o setor dominado nesse período pelas multinacionais estadunidenses e britânicas. Entre 1904 e 1947, as indústrias de tabaco dos Estados

¹ O tabaco, cientificamente, é denominado de *Nicotiana tabacum L.*, e pertence à família *Solanaceae*, originária, provavelmente, do norte da Argentina ao sudoeste da Bolívia. A utilização do tabaco pela sociedade é datada de 6000 ano a.C. (Barbieri e Stumpf, 2008, p. 377). Acredita-se que tribos indígenas dessa época e região já a utilizavam, e foi por meio de migrações desses povos que a planta se dissipou, inicialmente, pela América. Primeiramente, o tabaco possuía caráter sagrado e era utilizado em diversos rituais e também para fins medicinais. Era mascado, ingerido, bebido, aspirado, mas tinha como a principal utilização o hábito de fumar. Logo, o hábito foi conhecido pelos recém chegados europeus no ano de 1492. No entanto, somente quatro décadas depois chegou à Europa, sendo cultivado inicialmente em Portugal e depois na França, onde a nobreza aderiu ao hábito de fumar, influenciando todo o restante da Europa e, posteriormente, o mundo (Favarin, s.d.).

Unidos crescem tão ou mais rapidamente que as de carros, lançando marcas populares de cigarros que se difundiram pelo mundo (Boeira, 2006).

Figura 1 – Imagem da primeira máquina inventada para enrolar cigarros



Fonte: Kremer, 2012.

O desenvolvimento de novas tecnologias, como a máquina de enrolar cigarros, fez com que a produção desse um salto e o preço caísse, tornando-o acessível às populações mais pobres, assim, o produto se tornava cada vez mais popular. É importante destacar quanto à popularização do cigarro que o consumo de tabaco na forma de cigarro ganhou alavancagem especialmente durante o período das grandes guerras, muitos soldados o usavam como forma de combate à ansiedade e ao estresse nos campos de batalha (Vieira, 2005).

No período das guerras, o consumo de cigarro foi muito facilitado:

Desde a primeira guerra mundial, os exércitos incluem o cigarro nas rações de seus soldados. Da mesma forma como você ganha farda, bala, armamento, faca, bota, você ganha cigarro. E os próprios militares têm todo um culto do cigarro. Vários generais americanos, por exemplo, diziam: 'Olha, você quer que eu ganhe uma batalha? Então, me dê um pelotão bem treinado e cigarro à vontade (Carvalho, 2001).

Figura 2 – Imagem de soldados fumando cigarro durante a 1ª Guerra Mundial



Fonte: Wikipédia, s.d.

Atualmente, a indústria de cigarros produz, no mundo, cerca de 5,4 trilhões de unidades por ano. O mercado global do tabaco possui valor estimado de aproximadamente R\$ 2,5 trilhões, cuja cadeia produtiva impacta economicamente mais de 200 países, apresentando relevância econômica para milhões de pessoas envolvidas direta e indiretamente. O mercado de tabaco desempenha importantes papéis socioeconômicos em todos os países em que está presente. O cultivo do tabaco, bem como o processo de industrialização, geram milhões de empregos em todo o mundo. Em todos estes países, o tabaco ainda possui grande importância em termos fiscais, sendo que, na maior parte deles, os tributos que incidem sob produtos originários do tabaco, são uma das principais, senão a principal, fonte de arrecadações tributárias de seus governos (Bat, 2023).

Nos dias atuais, as maiores empresas transnacionais de tabaco do mundo são conhecidas como as “Big 4” e incluem a Philip Morris International (PMI), British American Tobacco (BAT), Japan Tobacco International (JTI) e Imperial Brands. Além dessas quatro grandes transnacionais, a indústria chinesa de tabaco, também, tem muita representatividade, pois é a maior fabricante mundial de cigarros. Trata-se da China National Tobacco Corporation, empresa estatal que atende principalmente ao próprio mercado, que também é o maior consumidor de cigarros do planeta, com mais de 300 milhões de fumantes. Juntas, todas essas empresas produzem e vendem trilhões de cigarros em todo o mundo todos os anos (G. T. I. W, 2023).

Hoje, em dia o tabaco é produzido em mais de 100 países, distribuídos pelo continente americano, Europeu, Africano, Asiático e Oceania, sendo o continente asiático e americano juntos, responsáveis por cerca de 77% de toda a produção mundial (Hilsinger, 2016. p. 51).

O Quadro 1 a seguir demonstra a participação mundial dos principais produtores tabaco em folha cru, processado, consumo, estoque, importação e exportação do produto.

Quadro 1 - Participação dos principais países produtores de tabaco

FUMICULTURA MUNDIAL							
PAÍSES		PRODUÇÃO DE TABACO t		T O N E L A D A S			
		Cru	Processado	Consumo	Estoque	Export.	Import.
1	China	2.400.000	2.160.000	2.562.050	553.960	0	538.960
2	Brasil	745.360	670.820	86.060	112.580	651.190	12.320
3	Índia	640.820	576.740	465.510	134.240	271.060	200.930
4	Estados Unidos	235.580	212.020	441.720	1.580.130	153.130	430.440
5	Indonésia	212.510	191.260	147.940	134.830	50.270	27.440
6	Turquia	169.090	152.190	106.240	34.620	98.200	60.430
7	Zimbabwe	141.320	127.190	3.990	229.930	43.520	80
8	Argentina	115.330	103.790	29.950	364.650	36.100	1.630
9	Paquistão	83.230	74.910	76.300	91.570	5.390	10.390
10	Malavi	79.250	71.320	1.290	166.580	91.500	890
93	Outros	1.703.500	1.533.150	1.850.430	3.055.200	608.630	725.480
103	T O T A L	6.525.990	5.873.390	5.771.480	6.458.290	2.008.990	2.008.990

Fonte: ITGA / AFUBRA, 2014

Brasil, Estados Unidos da América e China, respectivamente, destacam-se como pioneiros, quando se trata de altos volumes de produção desde o início do século XX. Posteriormente, em meados deste mesmo século, a produção de tabaco na Índia e no continente africano também vem ganhando notoriedade, para que, atualmente, consolidem-se também como um dos maiores produtores da folha, no caso da produção africana, com diversos países envolvidos que produzem grandes quantidades de tabaco.

Em síntese, a indústria do tabaco no mundo se desenvolveu paralelo ao desenvolvimento do capitalismo, principalmente a partir do final do século XIX. As mudanças no modo de viver das sociedades, proporcionadas pelo sistema em expansão, fez com que o uso tabaco se populariza em todas as classes sociais. Dessa forma, a demanda pelo tabaco cresceu, e a planta passou a ser cultivada em praticamente todos os lugares do mundo.

No Brasil, o cultivo do tabaco teve início na Região Nordeste, onde atualmente situa-se o Recôncavo Baiano, de Salvador na Bahia a Recife, em Pernambuco. Colonos portugueses iniciaram o cultivo primeiramente para consumo próprio, somente o excedente passou a ser comercializado. Depois, o tabaco, durante o século XVII, passou a ser um dos principais produtos de moeda de troca e exportação do então Império português (Bat, 2023).

O tabaco continuou sendo importante produto de exportação nos séculos seguintes. Tanto que, Celso Furtado, na clássica obra “Formação Econômica do Brasil”, destaca que o fumo, antes destinado principalmente ao escambo de escravos, na segunda metade do século XIX, encontrou mercado crescente na Europa. Tendo a quantidade exportada aumentada em 362 % entre os anos quarenta e os noventa, os preços subiram 41%. Aponta ainda, que considerando o cacau e o tabaco em comparação, nesse mesmo período, o valor médio das exportações aumentaram de 151 mil libras para 1.057.000 libras. Dados que representaram desenvolvimento na Região Nordeste do Brasil, principalmente do estado Baiano à época (Furtado, 2005, p. 148).

No início do século XX, o setor fumageiro se expandiu pelo Brasil, a produção de tabaco se diversificou, surgindo novas variedades de cultivo, novos produtos e novas áreas de plantio. O fumo passou a ser cultivado em Minas Gerais, Goiás, São Paulo e, principalmente, nos três estados da Região sul, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. A expansão da cultura pela Região Sul do Brasil ocorreu por conta das condições edafoclimáticas favoráveis e, principalmente, pela chegada de imigrantes alemães, italianos e poloneses, que se estabeleceram em colônias pela região. Muitos desses imigrantes já cultivavam o tabaco nos países de origem, sendo, então, fator contribuidor para instalação de empresas fumageiras e conseqüente expansão da cultura nessa região. Em outras palavras, o cultivo do tabaco na Região Sul foi incentivado por meio de ações governamentais com o propósito de criar condições de sobrevivência aos recém chegados imigrantes (Schenato, 2015).

Atualmente, o Brasil se encontra como segundo maior produtor mundial de tabaco, ficando atrás apenas da China, ocupando a primeira posição em exportações desde o ano de 1993. Cerca de 85% de toda a produção brasileira é destinada à exportação, tendo 104 países importadores no ano de 2022. O faturamento total do setor é um pouco maior do que 26 bilhões de reais/ ano (2021). A produção brasileira de tabaco se restringe basicamente aos três estados da Região Sul, juntos produzem cerca de 95% de todo o tabaco nacional. A fumicultura sul brasileira registrou na safra 2021/22, produção de 560.181 toneladas, cultivado em uma área de 246.590 hectares, em cerca de 488 municípios, gerando renda para, aproximadamente, 512 mil pessoas (SINDITABACO, 2023, p. 7).

A produção de fumo brasileira tem como base os pequenos estabelecimentos² rurais, com média de 12,1 hectares, sendo que, destes, apenas 23% são dedicados à produção da folha. Apesar da área plantada ser considerada pequena, o cultivo representa 52% da renda bruta do produtor (SINDITABACO, 2023. p. 20).

Quando se remete à cadeia produtiva de tabaco do estado de Santa Catarina, objeto deste trabalho, verifica-se que a produção de fumo foi ganhando espaço no estado a partir de 1850, principalmente, após a chegada de imigrantes europeus. A ênfase é dada, principalmente, às colônias de alemães, instaladas na região denominada, atualmente, como Vale do Itajaí, onde iniciaram a produção nas pequenas propriedades por volta dos anos 1930/40. Esses agricultores passaram a produzir fumos claros, esses, especiais para fabricação de cigarros. Essa qualidade obtida, ainda escassa no mercado mundial, era influenciada principalmente pelas condições edafoclimáticas encontradas na região, por tratos culturais e técnicas de cura/secagem melhoradas. Assim, com o mercado do cigarro em plena ascensão mundial, ocorreram grandes incentivos ao cultivo de tabaco, não somente por parte governamental, mas como das empresas fumageiras que se instalaram nessa região. Principalmente por meio de financiamentos das lavouras, instalações e assistência técnica aos produtores, assistência considerada por muito tempo como um dos melhores modelos de extensão rural no Brasil (Kopper-Müller; Tavares, 2018).

² Para mais informações sobre o perfil médio do estabelecimento produtor de tabaco, consultar sites da AFUBRA e SINDITABACO, abas, perfil do produtor/unidade produtora.

Figura 3 - Primeiras Lavouras de Tabaco em Santa Catarina, Região do Alto Vale do Itajaí



Fonte: Joly, 2014.

Assim, com o passar do tempo, entre meados da década de 1950/60, a produção catarinense de tabaco se expandiu para outras regiões do estado. O fumo passou a ser cultivado na região oeste, meio oeste, sul e planalto norte, sendo a última, respectivamente, a que produz o maior volume de tabaco do estado, atualmente.

Nos dias de hoje, o estado de Santa Catarina é o segundo maior produtor de tabaco do Brasil, correspondendo a 31% de toda a produção sul brasileira, ocupando, também, a mesma posição, em âmbito de exportações. O estado catarinense possui 183 municípios produtores de tabaco, com destaque para dois (Itaiópolis e Canoinhas) que estão entre os 10 maiores produtores do país. Na safra 2022/2023, Santa Catarina produziu 172 mil toneladas de tabaco, em área plantada de 71 mil hectares, por 38 mil produtores, gerando receita de 2 bilhões de reais e movimentando cerca de 213 milhões de dólares em receitas de exportações (SINDITABACO, 2023, p. 9).

Por volta dos anos de 1960, a produção de tabaco catarinense passou por algumas realocações territoriais, em que a região do planalto norte e meio oeste do estado começaram a ganhar destaque na produção, principalmente influenciada pela queda no desempenho da indústria madeireira nessas regiões, influenciando, assim, a inserção do cultivo do fumo, principalmente nas “áreas ditas menores” e de relevo mais acidentado, salientando que a região do planalto norte, atualmente, lidera com os maiores volumes de produção de tabaco na última década.

Algo semelhante ocorreu em relação à produção existente à época na região do Vale do Itajaí. Nesse caso, motivada principalmente pela ascensão da indústria têxtil e moveleira, fez com que a produção passasse a concentrar-se na microrregião de Rio do Sul e Ituporanga, influenciando, também, o aumento dos cultivos de tabaco na Região Sul do estado.

Com o relação à região oeste, o cultivo de fumo, principalmente após os anos de 1970, também reduziu as áreas de plantio, influenciada, em grande maioria, pelo avanço das agroindústria de leite, suínos e aves. Além do fato de que agricultores com maiores extensões de terra migraram para o cultivo de soja e milho, principalmente para atender à demanda da agroindústria de produção de carne e leite que se encontrava em plena ascensão nessa região.

Na região sul do estado catarinense, principalmente pós os anos de 1980, também aumentou consideravelmente. E, influenciada principalmente por questões logísticas, está localizada nessa região a mais importante unidade de beneficiamento e exportação de tabaco de Santa Catarina, a empresa multinacional Alliance One, no município de Araranguá. Empresa visitada em uma das saídas de campo realizadas durante a construção deste trabalho. Essa unidade é referência no setor, pois conta com planta com instalações modernas de compra e beneficiamento de tabaco, em área construída de cerca de 10 mil metros quadrados, gerando cerca de 600 empregos diretos e operando com mais de 1.000 funcionários na época de pico de safra, que para a empresa é no momento do recebimento/compra do fumo diretamente dos produtores, entre os meses de fevereiro e julho.

A Figura 4 demonstra a planta da empresa Alliance One, no município de Araranguá, na região sul de Santa Catarina. A empresa fica estrategicamente localizada às margens da BR 101, uma das rodovias federais mais importantes no escoamento de todo tipo de produção do estado, principalmente quando se trata de exportações, por se localizar em paralelo aos principais portos da Região Sul do Brasil.

Destaca-se, ainda, que a unidade da Alliance One, em Araranguá, opera ao modo “*Joy Venture*”³, com a empresa “China Tabacos do Brasil”, estatal chinesa, e com a transnacional estado unidense “Universal Leaf Tabacos” desde o ano de 2018 (Alliance One, 2023).

³ “A expressão *joint-venture* quer dizer “união com risco.” Ela, de fato, refere-se a um tipo de associação em que duas entidades se juntam para tirar proveito de alguma atividade, por um tempo limitado, sem que cada uma delas perca a identidade própria” (IPEA, 2006).

Figura 4 - Planta da Empresa Alliance One – Recebimento -Processamento – Exportação – de Tabaco



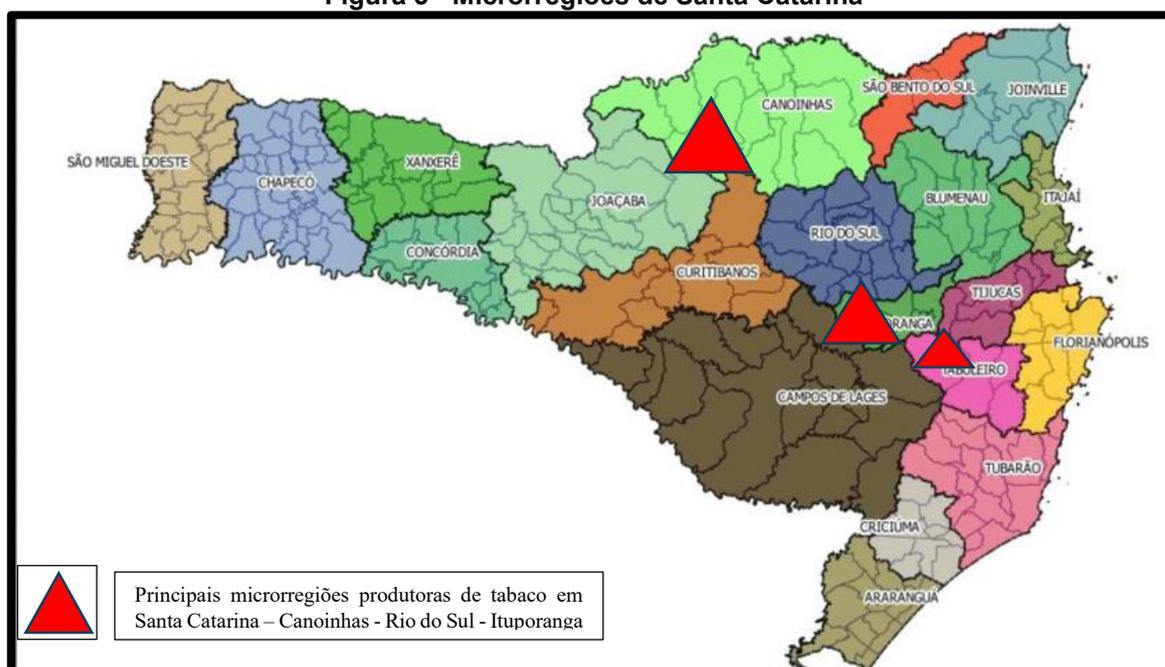
Fonte: Foto tirada pelo autor, setembro, 2023.

Quanto ao desempenho atual das regiões produtoras de tabaco em Santa Catarina, constata-se que em relação à área plantada, quantidade produzida e rendimento obtido na safra 2020/21, em comparação à safra 2019/20, por microrregião⁴, segundo a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/ Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (EPAGRI/CEPA), as três principais microrregiões produtoras de Santa Catarina contribuem com 69,8% da produção estadual, e estão distribuídas da seguinte forma: microrregião de Canoinhas (42,8%); microrregião de Rio do Sul (14,8%); e, microrregião de Ituporanga (12,2%) (EPAGRI/CEPA, 2022, p. 98).

A Figura 5 apresenta a localização das microrregiões mais importantes na produção de tabaco no estado de Santa Catarina, na safra 2021/2022.

⁴ Em 2017, o IBGE atualizou o quadro regional do país em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias. O uso da divisão por regiões e microrregiões se justifica pelos dados da plataforma utilizada estar disposta ainda na forma de divisão regional anterior à atual.

Figura 5 - Microrregiões de Santa Catarina



Fonte: elaborado pelo autor a partir de mapas do IBGE, 2023.

Santa Catarina também se destaca na produção de fumo pela grande contribuição para o Brasil se manter como maior exportador mundial do produto nos últimos 30 anos, pois grande parte da produção é destinada ao mercado externo (EPAGRI/CEPA, 2019, p. 97). Dados⁵ da Síntese Anual da Agricultura Catarinense do ano 2018/19 mostram que as safras compreendidas entre o período de 2010 a 2019, fazendo menção aos tabacos dos tipos Virgínia, Burley e outros, que o maior volume exportado do produto, ocorreu no ano de 2012, com 176.573,19 Kg. Ao considerar esse mesmo período, o tabaco tipo Virgínia participou com 70%, o tipo Burley com 7% e outros tipos com 23%, em média, das exportações do estado (EPAGRI/CEPA, 2019, p. 97).

Dessa forma, percebe-se que a cadeia produtiva de tabaco catarinense é uma importante mola propulsora para economia, participando no ano de 2022 com 1,78 % de todos os produtos exportados pelo estado, contribuindo como renda principal para mais de 38 mil famílias, que detém pequenos estabelecimentos rurais.

Não diferente de outros setores do agronegócio brasileiro, que especialmente após a década de 1970, intensificando-se na década de 1980, transformaram-se e fundaram-se em grandes complexos agroindustriais, com a produção de tabaco não foi diferente. O Sistema Integrado de Produção Tabaco (SIPT), que será analisado no

⁵ Última amostragem de um período de dez anos realizada EPAGRI/CEPA para essa especificação.

segundo capítulo deste trabalho, elemento base dessa cadeia, é um reflexo dos processos de modernização que passaram a predominar no Brasil, cujo conjunto dessas alterações consolidaram-se, possibilitando a inserção econômica de pequenos agricultores nesse setor produtivo (Dutra; Hilsinger, 2013).

Sobre pequenos agricultores, denominados por diversos autores, de variados campos da ciência, como agricultura familiar, é o que predomina na produção de tabaco na Região Sul do Brasil e também no estado catarinense, sendo que os mesmos detêm, em média, cerca de área 12,1 hec, predominando o trabalho na cultura, na grande maioria dos casos, pelos integrantes das próprias famílias que o cultivam.

A categoria de Agricultura Familiar, pela Lei 11.326 (24.07.2006), “considera-se agricultor familiar aquele que pratica atividades no meio rural atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos” (Mattei, 2010):

- I- Deter área não superior a quatro módulos fiscais⁶;
- II- Utilizar predominantemente mão-de-obra familiar na execução das atividades agropecuárias;
- III- Ter renda familiar predominantemente do estabelecimento agropecuário;
- IV- IV- Dirigir o estabelecimento contando com a participação da família.

O aspecto que distingue as abordagens sobre a agricultura familiar se dão pelas ferramentas aplicadas para análise, destacando, respectivamente, três grandes vertentes sobre o estudo da agricultura familiar: o marxismo, o chayanoviano e o weberiano. Para Plein (2010):

1- Base epistemológica, baseada em Marx e seguidores, como Lênin e Kautky. A preocupação fica em torno da inserção do Capitalismo na agricultura. Alicerçados na divisão social do trabalho e apropriação privada do valor. Portanto, uma abordagem macro (econômica, social e política).

2- A vertente Chayanoviana: considera abordagem invertida à anterior, trata-se da microeconômica. No entanto, não desconsidera o ambiente macro, ou

⁶ Módulo fiscal é uma unidade de medida, em hectares, cujo valor é fixado pelo INCRA para cada município, levando-se em conta: (a) o tipo de exploração predominante no município (hortifrutigranjeira, cultura permanente, cultura temporária, pecuária ou florestal); (b) a renda obtida no tipo de exploração predominante; (c) outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada; (d) o conceito de “propriedade familiar.” A dimensão de um módulo fiscal varia de acordo com o município onde está localizada a propriedade. O valor do módulo fiscal no Brasil varia de 5 a 110 hectares.

seja, o capitalismo. O individual é capaz de superar o sistema, por meio de estratégias diferenciadas de reprodução.

3- A Weberiana: fica em torno de criar um modelo de análise para a explicação da sociedade, sobretudo a um modelo de funcionamento da agricultura, bem como a utilização de tipos ideais para análise de cada realidade.

Ao analisar a realidade da fomicultura no estado de Santa Catarina, observa-se que a abordagem proposta por Marx na relação entre o capitalismo e a agricultura, trazendo para o que se conhece hoje como agricultura familiar, é a que melhor interpreta a atualidade. Não somente da produção de tabaco brasileira, como a sul brasileira e catarinense, visto que a grande maior parte do que é produzido, são apropriadas pelo capital, ou seja, as empresas transnacionais são as que ditam as regras do mercado.

Dentro de uma conjuntura capitalista, a categoria de “agricultura familiar” é substituída pela vertente marxista, como de “pequena produção mercantil”, em que tais agricultores, de uma forma ou outra, estão inseridos dentro do sistema, quando trata-se da comercialização de produções. Em outras palavras, não há diferenciação entre o produto da chamada agricultura familiar entre qualquer tipo de produto/produção provinda de uma empresa inserida dentro do sistema capitalista propriamente dito, o que é denominado por “A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira”, como a “Industrialização da Agricultura” (Silva, 1988):

São portanto dois processos: um de destruição da economia natural, pela retirada progressiva dos vários componentes que asseguravam a “harmonia” da produção assentada na relação Homem-Natureza (e suas contradições); e o outro, de uma nova síntese, de recomposição de uma outra “harmonia” – também permeadas por novas contradições – baseada no conhecimento e no controle cada vez maior da Natureza e na possibilidade da reprodução artificial das condições naturais da produção agrícola. A esta passagem se denomina “industrialização da agricultura” (Silva, 1998, p. 19).

Ainda sobre a industrialização da agricultura:

A separação da cidade/campo só se dá por inteiro quando a indústria se muda para a cidade; a reunificação, quando o próprio campo se converte numa fábrica. Quando isso ocorre, a entendida como um “setor autônomo” desaparece: ou melhor, converte-se num ramo da própria indústria (SILVA, 1998, p. 19).

Dessa forma, essa discussão vem à tona, devido à produção de tabaco em toda a Região Sul do Brasil ser caracterizada por agricultura familiar, e isso denota-se em diferenças, principalmente em âmbito de políticas públicas, quando comparada por exemplo a grandes culturas, sendo que entidades públicas de pesquisa agropecuária, dedicam-se com maior ênfase a pesquisas e outros investimentos voltadas ao setor do agronegócio produtor de commodities. A fumicultura, desde sua gênese, sempre esteve incluída dentro de uma cadeia industrial que, nesse caso, é conduzida praticamente em todos os aspectos pelo setor privado, na grande maioria multinacionais, sem que os agricultores, base dessa cadeia, produzam com pouco ou nenhum aporte do estado.

Essa conjuntura, social e política fez com que a modernização da agricultura brasileira, quando se considera a fumicultura, se desse a passos um pouco mais lentos, pois, além das dificuldades, principalmente no aspecto de inserção de uma maior mecanização, devido a fatores como relevo e outras limitações, o que será discutido mais a frente, teve pouco ou nenhum apoio ou investimento por parte do estado em âmbito de progresso técnico desse setor.

Considerando-se essa realidade, na obra “Dinâmica do Capitalismo Agrário em Questão”, trata-se do desenvolvimento agrário brasileiro, comparado ao desenvolvimento agrário dos países denominados como de capitalismo desenvolvido (Abramovay. 1997). Nesse caso, o autor defende a ideia de que o desenvolvimento agrário brasileiro partiria de um desenvolvimento baseado na evolução dos estabelecimentos rurais de pequeno porte, em outras palavras, um desenvolvimento provindo do que ele caracteriza como “agricultura familiar.”

Nesse sentido, a incorporação de um progresso técnico para os ditos agricultores familiares, seria essencial para se obter desenvolvimento para o campo brasileiro. Ou seja, a fumicultura brasileira e também de outros setores agrícolas de pequeno porte, considerando as características de produção, tem grande potencial de contribuir significativamente para o rural brasileiro, principalmente a nível de Região Sul do Brasil.

É importante ainda salientar que o conceito agricultura familiar já surge por volta dos anos de 1950 no Brasil. Porém, esse movimento não foi eficaz para diminuir as desigualdade existentes no campo brasileiro, principalmente por falta de políticas públicas destinadas a essa população. Assim, o estado brasileiro buscou fortalecer

primeiramente o aumento da fronteira agrícola para produção de commodities, como milho, soja, algodão e cana de açúcar (Silva; Jesus, 2016).

O termo agricultura familiar vem à pauta novamente por volta dos anos de 1990, quando o estado brasileiro passa a reconhecer essa classe de agricultores, detentores de poucas extensões de terras, por meio de programas de apoio à manutenção e fortalecimento desses estabelecimentos, como considerado o mais importante, o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), no ano de 1995, cujo principal objetivo era proporcionar linha de crédito/custeio para esses agricultores (IPEA, 1999). Porém, devido a alguns critérios, como a restrição aos estabelecimento agrícolas que não produzem algum tipo de alimento, a fumicultura não poderiam ter acesso a essa importante linha de crédito. Desta maneira, a fumicultura continuaria a mercê de financiamentos e outros tipos de investimentos da indústria privada.

Dessa forma, observa-se que a produção de tabaco tem a gênese, em grande maioria, ligada à indústria. Em outras palavras, a fumicultura não recebeu a ênfase necessária para ser ferramenta ainda mais eficaz ao desenvolvimento do rural brasileiro. Um aproveitamento mais efetivo dessa cultura poderia ter representado avanço em grande potencial, principalmente a nível de agricultores detentores de estabelecimentos rurais de pequeno porte.

Nesse caso, então, pode-se afirmar que a fumicultura catarinense está intimamente ligada ao desenvolvimento da produção mercantil, desde a gênese até a atualidade, ou seja, sempre baseada em relações capitalistas contribuidores à formação de oligopólios existentes nesse setor.

Consequente, é importante analisar a cadeia produtiva de tabaco no Brasil e no estado de Santa Catarina, por meio de contribuições oriundas de autores que a fazem, principalmente, no que se pode definir como o “pós porteira”, ou seja, a partir do momento em que o tabaco é vendido pelo fumicultor à indústria e, posteriormente, industrializado, vendido ao mercado consumidor.

No livro “Organização e Funcionamento do Mercado de Tabaco no Sul do Brasil”, realiza-se análise quanto ao consumo de cigarros, principal produto oriundo do tabaco. Essas ficam em torno da crescente demanda mundial vivenciadas nas décadas de (1990-2010), que foram influenciadas por determinadas variáveis, como normas e dispositivos legais governamentais de responsabilização as empresas fabricantes de produtos do tabaco em razão dos efeitos advindos do tabagismo

contrários à saúde pública; crescimento da tributação sobre o consumo de cigarros; normas e dispositivos legais de restrição à produção, à comercialização e à publicidade de produtos do tabaco; e ainda a diminuição da aceitação social do tabagismo. Ou seja, os desafios governamentais e sociais fizeram com que muitas empresas trabalhassem com estoques maiores, garantindo o fornecimento em eventual retração na produção e, conseqüentemente, essa demanda aumentou substancialmente durante o período citado, resultando, assim, em maiores incentivos por parte das empresas à manutenção dos produtores já integrados e uma procura por expansão da fronteira tanto de produção quanto de consumo (Buainain; Souza Filho, 2009).

O mercado consumidor de tabaco vem apresentando mudanças quanto às principais áreas de consumo, sendo que áreas tradicionais de consumo veem apresentando retração, enquanto novas áreas de consumo veem surgindo. Por exemplo, nos Estados Unidos, no Canadá e em alguns países europeus, tem ocorrido certa diminuição do consumo de tabaco, influenciadas principalmente por fatores como diminuição no ritmo de crescimento populacional, conscientização quanto aos efeitos maléficis do cigarro, aumento de impostos sobre a produção e o comércio de cigarros (Silveira, 2007).

Já quanto a áreas de expansão do consumo de tabaco, aponta-se que, na Alemanha, Inglaterra, França e Itália, o consumo se mantém elevado. Assim, mantendo esses países como mercados importantes para o tabaco brasileiro. O autor também destaca que “com a queda do muro de Berlim e avanço da economia capitalista, o leste europeu também avançou significativamente no consumo de cigarros” (Silveira, 2012).

Ainda em relação às áreas de expansão do consumo de tabaco, verifica-se que, em países como a China, Japão, Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Malásia e Austrália, o consumo de tabaco tem aumentado significativamente, nos últimos quinze anos. É importante estacar que a fumicultura também se expandiu pelo continente africano, principalmente em países como Zimbábue e Malawi que vem apresentando, além do aumento da produção, evolução técnica bastante significativa, sobretudo, quando se trata do melhoramento genético das plantas que vem representando maior produtividade e qualidade do produto (SINDITABACO, 2023).

Essa crescente no consumo de cigarros nessa região se deve basicamente a fatores sociais, como aumento da população urbana, desenvolvimento de uma nova

classe média com maior poder de compra, liberação feminina ao hábito de fumar, entre outros (Silveira, 2015).

Quanto ao grande debate que cerca a produção de tabaco e o tabagismo, que permeiam na sociedade brasileira e mundial, intensificado principalmente pós anos 2000, no caso do Brasil, com o ingresso na Convenção Quadro para Controle do Tabaco⁷ (CQCT), em 2005 (OMS), representa instrumento de resposta dos 192 países membros da Assembleia Mundial à crescente epidemia do cigarro em todo o mundo.

Poucos trabalhos foram encontrados acerca do tema no Brasil, sendo ainda bastante abstruso quando se trata das complexidades entre o tabagismo, grandes empresas e produtores da planta.

O tabagismo é em parte voluntário e outro involuntário. E explica que é mais voluntário quanto mais opções, informações e terapias antitabagistas são de conhecimento e acessível à população. E é tanto mais involuntário quanto mais jovem for o cérebro atingido pela nicotina. Também, tende a ser mais involuntário de acordo do quanto vulnerável for o capital cívico no qual o consumidor está inserido como cidadão:

O tabagismo pode ser finalmente definido como uma atividade compulsiva determinada por um conjunto de fatores interconectados e de mútuo reforço, ainda que independentes uns dos outros. Além disso, esses fatores podem ser contraditórios entre si e variáveis conforme aspectos bioquímicos e/ou genéticos, e também culturais, sociológicos e históricos. Essa definição tem correspondência com o paradigma da complexidade. Sinteticamente ressaltamos que esse paradigma concebe a unidualidade (natural e cultural, cerebral e psíquica) da realidade humana, ou seja, trata-se de um paradigma complexo-dialógico de implicação, distinção e conjunção simultâneas entre o homem e a natureza. Do ponto de vista sociológico, a definição complexa de tabagismo implica considerá-lo como parte significativa do processo de autoconfronto ou reflexividade social da modernidade, no qual há um choque de valores e leituras entre o corpo e o *self*, a natureza e o espírito, a liberdade do sujeito e a influência das estruturas sociais no que se refere à saúde e à doença (Boeira, 2006).

As possíveis consequência de uma efetividade na implantação da (CQCT), que tem como premissa extinguir a produção e o consumo do tabaco, afetaria diretamente e, principalmente, os pequenos produtores da Região Sul, cuja atividade fumageira ainda é a principal fonte de renda desses estabelecimentos, sem deixar de salientar,

⁷ É o primeiro tratado internacional de saúde pública, desenvolvido sob os auspícios da Organização Mundial da Saúde entre 1999 e 2003, após audiências públicas e seis reuniões de negociações envolvendo os 192 países membros da OMS. O tratado entrou em vigor em fevereiro de 2005 e o Brasil foi um dos líderes em processo de desenvolvimento. O objetivo é “proteger as gerações presentes e futuras das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas geradas pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco” (ONU, 2023).

que no Vale do Rio Pardo, região central do estado do Rio Grande do Sul, está instalado “o maior complexo industrial do mundo”, nos municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires que, além de gerarem arrecadação fiscal importante, geram mais de 2000 empregos direto nas indústrias (Hilsinger, 2016).

Ainda com relação ao maior complexo industrial de tabaco do mundo (Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires), a região do vale do Rio Pardo/RS, também, é responsável por receber e industrializar a grande maioria da produção do estado de Santa Catarina e Paraná.

Ainda é importante destacar que, no Valle do Rio Pardo/RS, mais precisamente no município de Passo do Sobrado/RS, está instalado um dos maiores Centros Globais de Desenvolvimento e Difusão de Pesquisa, Melhoramento Genético e Produção de Sementes de Tabacos, referência em todo o mundo. Esta unidade foi visitada em uma das saídas de campo, realizadas para elaboração deste trabalho, com objetivo de melhor compreender como ocorre a produção e o melhoramento genético da cultura.

Nessa unidade, foi possível acompanhar todo o processo de melhoramento genético da Empresa Alliance One, sendo que o processo é bastante minucioso e demanda alto grau de pesquisa e investimentos.

Muitos dos desafio encontrados pelos produtores à campo já foram solucionados pelo centro de pesquisa, como doença viral denominada “PVY” (*Meloidogyne incógnita*⁸) e ainda a “Murcha Bacterina” (*Ralstonia solanaceacearum*⁹) que causam necrose na planta do tabaco diminuindo sua produtividade e qualidade, que assolaram as produções de fumo, principalmente no início da década de 2000.

Encabeçadas por pesquisas da Alliance One, em parceria com outras empresas, como por exemplo a ProfiGen do Brasil, uma empresa de destaque

⁸ O vírus da batata Y é generalizado em todo o mundo e relativamente grave em todos os continentes. A Europa é particularmente afetada por esse vírus. Estirpes necróticas muito agressivas são relatadas em muitos países do leste, como Hungria, Bulgária e Polônia, mas também do oeste deste continente, na Espanha, Itália e França. A Ásia também é muito afetada por cepas necróticas; sendo relatadas na China, Japão, Coreia e Taiwan. Vários países africanos, também, são afetados, mas o PVY parece particularmente sério no norte da África, especialmente no Marrocos. No continente americano, a situação parece confusa. Na América do Norte, mesmo que esse vírus seja observado com bastante frequência nos cultivos, as estirpes predominantemente difundidas não parecem ter poder patogênico comparável ao das estirpes europeias. Este não é o caso na América do Sul, especialmente na Argentina e no Chile, onde estão ocorrendo graves epidemias de estirpes necróticas.

⁹ Uma versátil Bactéria do solo, que ataca grande número de espécies pertencentes a mais de 50 famílias botânicas. As espécies mais susceptíveis, entretanto, pertencem à família das Solanáceas, que compreendem, além do tomate, a batata, o pimentão, a berinjela, o jiló e o fumo (Lopes, 2009, p. 3)

mundial, que também trabalha no desenvolvimento de sementes de tabaco resiste a uma série de doenças, e também com foco no aumento da produção e qualidade à campo. Da qual as duas empresas juntas constituem, assim, nas maiores produtoras de sementes de tabaco do mundo.

Quanto à adesão do Brasil a CQCT, finaliza em tese, que as repercussões e as possíveis consequências principalmente para os municípios do sul do Brasil podem implicar, de maneira muito significativa, na economia sul brasileira. E que é necessário que essa discussão seja repercutida no meio acadêmico para divulgar a realidade empírica vivida por milhares de agricultores familiares do Sul do Brasil e contribuir para compreensão da complexidade que envolve o caso (Hilsinger, 2016).

Nesse sentido, ao considerar essa contextualização temática, e breve análise e revisão de informações e de dados realizada, além da constatação da expressiva presença da atividade fumageira, no estado de Santa Catarina, principalmente os caracterizados pela pequena produção mercantil¹⁰. Verifica-se que abordagem na qual busque conhecer e interpretar a fundo a cadeia produtiva de tabaco catarinense, faz-se de grande significância, visto a complexidade, pois essa análise busca possibilitar e disponibilizar ferramentas para se estabelecer parâmetros contribuidores e essenciais para melhor desvendar esse setor.

Assim, o ponto de partida deste trabalho está assentado na seguinte questão-problema;

a) Qual é a importância socioeconômica da cadeia produtiva de tabaco para o estado de Santa Catarina?

Desse modo, esta investigação considerou as seguintes hipóteses como norteadoras da pesquisa:

a) Para o estado Santa Catarina, a cadeia produtiva do tabaco permite que agricultores/fumicultores que detêm extensões de terras reduzidas, consigam viabilizar e/ou otimizar os estabelecimentos, baseados, em grande maioria, com a renda oriunda da produção de tabaco.

b) Em Santa Catarina, o setor fumageiro tem a importância verificada por ser grande impulsionador da economia, gerando significativa arrecadação fiscal e

¹⁰ O desenvolvimento histórico do capitalismo resulta de dois momentos; 1) transformação da economia natural em economia mercantil. 2) transformação da economia mercantil em economia capitalista. A primeira transformação ocorre em virtude da divisão social do trabalho e da especialização dos produtos individuais. Já a segunda, ocorre quando há produção isolada de mercadorias por parte de cada produtor, que se coloca, assim, em posição de competidor (Lênin, 1982).

renda para milhares de famílias envolvidas em todas as etapas da cadeia (produção, industrialização e mercado).

Ao partir desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo geral realizar análise sobre a dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva de tabaco no estado de Santa Catarina.

E, com vistas a alcançar este objetivo, utilizar-se-á dos seguintes objetivos específicos;

- Analisar a gênese e a evolução geoeconômica da cadeia produtiva do tabaco em Santa Catarina, bem como as relações em âmbito de mundo e Brasil. Identificando, ainda, o papel da pequena produção mercantil, as inovações institucionais e a atuação das instituições públicas e privadas no setor.
- Identificar a dinâmica territorial da cadeia produtiva de tabaco do estado catarinense, verificando a distribuição territorial, o deslocamento e a concentração da produção, bem como os fluxos produtivos e mercado consumidor interno e externo.
- Compreender a dinâmica econômica da cadeia produtiva de tabaco do estado de Santa Catarina, caracterizando todo sistema técnico produtivo, entre sistema de integração, melhoramento genético, uso de insumos, inovações técnico produtivas e industrialização do produto.

Tendo em vista que os discursos sobre a cadeia produtiva de tabaco brasileira e, conseqüentemente, a catarinense, há muitas contradições em questões que permeia sobre essa atividade, não sendo possível identificar uma única verdade. Essa verdade pode se manifestar por meio de diversos viés, o que se pode definir como a dinâmica da contradição que podem estar distantes entre espaço e tempo. Em outras palavras, existe adaptação da verdade a quem a defende. A exemplo, o discurso do fumicultor não se assemelha ao provindo da indústria, o da mídia não é o mesmo que do agricultor e da indústria, e assim sucessivamente. Deste modo, entende-se que o método dialético é o que se mostra como o mais indicado para otimizar a análise dessas diferenças.

Assim, do ponto de vista teórico, a pesquisa estará embasada na ideia de formação sócio espacial, que expõe o conceito de formação econômica e social é a categoria capaz de explicar o desenvolvimento dos mais variados tipos de sociedade, isso, nas escalas mundo, país, região e local. Desta forma, a partir de métodos dialéticos, possibilita resultado totalizador, pois apresenta, também, a vantagem de

formar maior amplitude de análise, o que proporciona maior aproximação entre o teórico e o empírico otimizando assim a pesquisa (Santos, 1977).

A geografia sempre se interessou mais pela forma das coisas do que pela formação, sendo que seu domínio era de coisas cristalizadas, possibilitando, assim, interpretação limitada da realidade. E segue afirmando que, se o desejo é interpretar o espaço humano como fato histórico, que o é, a geografia deve considerar a história mundial, aliada a sociedade local, para servir de ferramenta à compreensão da realidade espacial para a transformação a serviço do homem, já que a história não é escrita alheia ao espaço e não existe sociedade a- espacial (Santos, 1977).

Dessa forma, a teoria da formação socioespacial permite que se reintroduza na Geografia, uma abordagem histórica, uma síntese de múltiplas determinações e uma visão totalizadora, capazes de possibilitar correta interpretação de determinada realidade em diversas escalas espaciais, como mundial, nacional, regional e local (Santos, 1977).

Em uma forma mais didática para compreensão, “destaca que, a FSE é uma realidade que nasce, evolui e se transforma, ela é composta por relações de produção e forças produtivas” (Espíndola, 2002). Desta forma, entende-se que tal categoria analítica é a que melhor explica a gênese, o desenvolvimento e a atualidade da atividade fumageira no estado de Santa Catarina.

Ao partir da conjectura de formação socioespacial, definiu-se como essa estratégia metodológica seria utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. Desta forma, primeiramente, realizou-se ampla revisão bibliográfica sobre o estado da arte acerca da temática. Essa revisão buscou, inicialmente, entendimento sobre a variedade de pesquisas e também atualidades sobre a cadeia produtiva brasileira e do estado de Santa Catarina. Para isso, procedeu-se à pesquisa em trabalhos científicos multidisciplinar relacionados ao objeto de estudo. Dentre eles, artigos, dissertações, teses, boletins econômicos e demais manuscritos úteis a atingir o objetivo de pesquisa.

Salienta-se que se observou, durante a pesquisa bibliográfica inicial, grandes discrepâncias na literatura consultada, além de déficit sobre trabalhos que versam sobre a cadeia produtiva de tabaco no estado de Santa Catarina. Muitos dos estudos verificados fazem recortes muito específicos sobre o setor, dos quais real interpretação desse setor produtivo se torna difusa com mínimas inter-relações de trabalhos e conexões, no que se trata da complexidade que essa cadeia produtiva

representa. Além de insuficiência, no que diz respeito às diferenças na forma de funcionamento da atividade entre outros elementos, não somente em âmbito de país, Região Sul e até mesmo dentro de cada estado.

Posteriormente, realizou-se revisão mais focada, com intuito de resgatar informações que servissem de base para construção argumentativa da pesquisa. E, com base em tais dados, fosse possível retratar a importância socioeconômica da cadeia produtiva do estado de Santa Catarina. Assim, a referida revisão permitiu verificar aspectos importantes, principalmente em como se deu o desenvolvimento dos grupos e das empresas de maior representatividade do ramo. E, ainda, permitiu indicar com mais clareza as principais perspectivas e os desafios dessa atividade, julgados como essenciais para maior inserção da pesquisa, no que diz respeito a parte industrial e comercial do setor.

Nesse sentido, reforça-se que a pesquisa bibliográfica, quando tomada como base metodológica de um trabalho, é desenvolvida com base em material elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e demais documentos. Desta forma, verifica-se que quase todos os estudos exigem essa espécie de trabalho, sendo também que há pesquisas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (Gil, 2002, p. 44). Esse tipo de pesquisa, geralmente, é requerido quando as informações disponíveis referente a determinado assunto se encontram em estado dispersivo, como verificado nesse setor produtivo, da qual, muitas vezes, não pode ser completamente adequado ou relacionada ao problema (Gil, 2002). Assim, verifica-se que pesquisa bibliográfica é essencial na construção da pesquisa científica, pois permite conhecer melhor o fenômeno em estudo para, assim, melhor interpretá-lo (Sousa *et al.*, 2021).

Outra estratégia adotada para elaboração desta pesquisa visou ampliar o viés de entendimento sobre a dinâmica da produção de tabaco, principalmente referindo-se ao objetivo específico relacionado a caracterizar o sistema produtivo de tabaco, o sistema de integração na fumicultura, os principais fluxos produtivos, assim como as principais inovações na cadeia produtiva de tabaco no estado de Santa Catarina. Essa estratégia consistiu em realizar saídas de campo em estabelecimentos produtores de tabaco da região do Alto Vale do Itajaí, região Sul e também do Planalto Norte catarinense, região destaque entre as principais produtoras do país. Além de visita às principais empresas do setor, instaladas no estado de Santa Catarina e no estado do Rio Grande do Sul. Essas saídas de campo, objetivaram conhecer instalações e a

demais, de agricultores e também dessas companhias, com intuito de se obter dimensão ainda maior de entendimento acerca do assunto.

Desse modo, além dessa parte introdutória, determinou-se a divisão desse trabalho em três capítulos. O primeiro descreve o processo de evolução histórico e geográfico da produção e uso do tabaco, em âmbito de mundo, Brasil e Santa Catarina. Do mesmo modo que, também, irá identificar o papel do estado e empresas privadas no desenvolvimento de todo esse processo. Posteriormente, no segundo capítulo, será caracterizado o funcionamento do sistema produtivo do tabaco, o sistema de integração, as técnicas de produção, os principais fluxos produtivos, assim como as principais inovações na cadeia produtiva de tabaco no estado de Santa Catarina. Já, no terceiro e último capítulo, será analisada a dinâmica espacial da produção de tabaco, mercado interno e externo, bem como enunciar a importância socioeconômica da fumicultura para o estado catarinense. Por fim, serão apresentados as principais reflexões e as considerações finais resultantes do trabalho.

2 GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICA DA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO NO BRASIL EM SANTA CATARINA

2.1 GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICA DA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO NO BRASIL

No continente europeu, mais precisamente na Espanha, no ano de 1636, nasceu a que viria ser atualmente uma das maiores empresas transacionais da indústria de tabaco, a “Imperial Brands.” No decorrer dos anos, a empresa ampliou as áreas de atuação, por meio de fusões com outras empresas de menor porte por vários países da Europa.

Durante a trajetória de parcerias e junções, a empresa Lacroix, uma das parceiras, troca o papel de seda que usava na produção de mortalhas para a produção de cigarro por papel de arroz e, por sua vez, adiciona “Riz” ao seu nome La Croix, criando a marca Rizla, fazendo-se, assim, uma das inovações mais importantes na produção de cigarros há época.

Por meio de uma parceria com uma empresa alemã, a “Dixi”, a produção disparou por meio da automação, passando de 575 mil cigarros por mês em 1916 para 4 milhões apenas dois anos depois.

Dessa forma, considera-se a “Imperial Brands” uma das pioneiras em inovações e produção de cigarros em larga escala, principalmente no continente Europeu (Imperial Brands, 2023).

No Brasil, segundo a maioria dos historiadores e economistas, como Celso Furtado, Caio Prado Júnior, entre outros, considera-se que a gênese do tabaco ocorreu no ano de 1492, os europeus conheceram nas américas o hábito indígena de fumar. No entanto, foram necessários quase quatro décadas para que a planta chegasse ao solo europeu. Assim, o fumo passou a ser cultivado pela família real portuguesa, primeiramente com fins medicinais, no Brasil e depois na Europa. Desta forma, a planta chegou à França, no ano de 1560. Um personagem importante para a disseminação do tabaco pela Europa foi o então embaixador francês em Portugal, Jean Nicot, que enviou tabaco à rainha Catherina de Medicis para tratamento das enxaquecas, ela teria dado início ao hábito de fumar, que foi rapidamente difundido entre a nobreza francesa e, posteriormente, entre os demais países da Europa.

Nesse mesmo período, a produção de tabaco no Brasil foi se intensificando, e o excedente passou a ser comercializado com a Europa, tanto que, durante o século XVII, o tabaco passou a ser um dos principais produtos de exportação do então Império português. As lavouras, no entanto, expandiram-se rapidamente somente após a Proclamação da Independência do Brasil, no ano de 1822 (Bat, 2023).

A empresa BAT (British American Tobacco), em 1903, foi a pioneira a fazer parte da cadeia produtiva do tabaco no Brasil, por intermédio do imigrante português Albino Souza Cruz, fundador da empresa Souza Cruz, que pôs em funcionamento, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira máquina de enrolar cigarros já em papel¹¹.

A boa aceitação do produto no mercado da então capital federal incitou a Albino a difundir os negócios. Desta forma, no ano de 1910, a BAT Brasil adquiriu a chamada “Imperial Fábrica de Rapé”, administrada pela Souza Cruz e instalou a fábrica propriamente dita (Bat, 2023). No entanto, havia falta de recursos para investimentos em tecnologia, para que a empresa pudesse acelerar a produção e suprir a demanda de mercado. Dessa forma, com um mercado em plena ascensão, com busca em mais investimentos, Albino Souza Cruz, decidiu transformar a empresa em uma Sociedade Anônima, transferindo o seu controle acionário ao grupo British American Tobacco. Assim, a transnacional passou a atuar em praticamente todo o território nacional e, principalmente, em toda a região sul do país, posteriormente em diversas partes do mundo (Bat, 2023).

Outro grande grupo a inserir-se na cadeia produtiva do tabaco no Brasil foi a transnacional Philip Morris, no ano de 1973, instalada primeiramente no município de Santa Cruz do Sul/RS, a empresa já tinha reconhecimento mundial como uma das maiores e mais importantes produtoras de cigarros, principalmente na América do Norte e Europa. A marca mais famosa, a “Marlboro”, mais vendida atualmente no mercado mundial, foi durante décadas a marca mais valiosa de cigarros do mundo. Essa marca se tornou bastante conhecida devido à intensa propaganda de mercado. Isso, por meio das mais variadas formas de divulgação do produto, de televisão, rádio, outdoors, entre outros, mas, principalmente, por meio de patrocínios à esportes radicais, e a mais conhecida, na formula 1, considerada a responsável pela maior visibilidade mundial da marca.

¹¹ O consumo de tabaco já existia à época, principalmente nos estados do nordeste, Minas Gerais e também no estado do Rio de Janeiro. No entanto, o cigarro era enrolado manualmente em papel ou palhas secas de milho (Da Mata, 2023).

No Brasil, a Philip Morris passou a denominar-se como “Philip Morris Brazil”, (PMB) e, inicialmente, não adentrou a produção de tabaco a campo, ao modo de Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), que será melhor explorada no próximo capítulo deste trabalho. No entanto, adquiria tabaco de empresas de menor porte, brasileiras, que atuavam principalmente no estado do Rio Grande do Sul, para elaboração do produto. Essa forma de negócio da PMB perdurou até o final da década de 1990, quando, principalmente por pressão de mercado, no sentido de maior controle de rastreabilidade do produto, passou a operar sob o SIPT, modelo que tinha tradição de tabaco no Brasil.

Dessa forma, uma das mais importantes transacionais de tabaco do mundo opera na cidade de Santa Cruz do Sul/RS há mais de 50 anos, e com atuação nos três estados da Região Sul do Brasil e em praticamente em todos os continentes, sob a nomenclatura de Philip Morris International (PMI). (Philip Morris Brazil, 2023).

Figura 6 - Carro de Fórmula 1: Escuderia Italiana Ferrari - Por muitos anos patrocinada pela Philip Morris, principalmente através da marca Marlboro



Fonte: o autor, 2023.

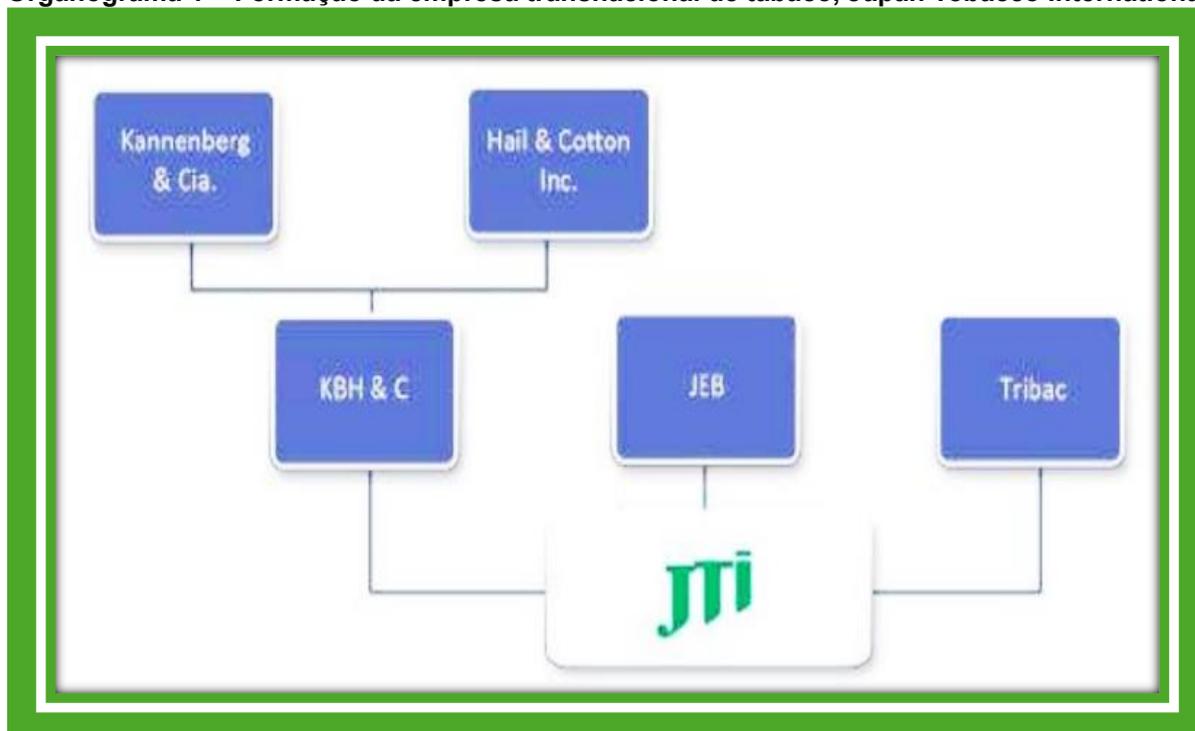
Dentre as BIG 4, como são chamadas as transacionais líderes do setor de tabaco no mundo, conforme citado na introdução deste trabalho, a empresa mais recentemente fundada foi a Japan Tobacco International (JTI). Criada, em 1999, após a aquisição da “RJ Reynolds.” Em de 2007 comprou o britânico “Gallaher Group”, permitindo, assim, que a empresa passasse a controlar 10,5% do mercado mundial

de cigarros. No Brasil, a empresa comercializa as marcas Camel e Winston, sendo a Winston, a segunda marca mais consumida no mundo.

Ainda sobre a JTI, posteriormente ao período citado, a empresa realizou junções com firmas de menor porte espalhadas pelo mundo e também no Brasil (JTI, 2023).

No organograma 1 a seguir, disponível no site da empresa Japan Tobacco International (JTI), observam-se as principais junções mais recentes que formaram e consolidaram a transnacional.

Organograma 1 – Formação da empresa transnacional de tabaco, Japan Tobacco International



Fonte: Japan Tobacco International (JTI), 2023.

A JTI, apesar da recente fundação, ganhou rapidamente o mercado consumidor, produzindo e comercializando as marcas que mais consumidas pelo mercado mundial.

A JTI opera no Brasil sob o sistema de integração entre produtor e indústria e a maior planta de operação está localizada no município de Santa Cruz do Sul/RS (JTI, 2023).

Mais recentemente, no ano de 2011, a China adentrou no mercado brasileiro de tabaco. A estatal chinesa, a “China National Tobacco Corporation”, opera no Brasil sob o nome de “Brasil China Tabacos”, e a principal unidade de compra e

industrialização está situada, como as demais transnacionais já citadas, na região do Vale do Rio Pardo, no município de Venâncio Aires/RS.

Principalmente, buscando atender às exigências de qualidade do mercado chinês, a empresa é a maior exportadora de tabacos para a China, respondendo por cerca de 50% do tabaco brasileiro exportado para esse país.

A chegada e operações da empresa no Brasil podem ser explicadas em parte pela ascensão de classe de um país cuja população é a maior consumidora de cigarros do mundo, e cada vez mais busca consumir produtos rastreados e de qualidade, como é reconhecido o tabaco brasileiro (China Brasil Tabacos, 2023).

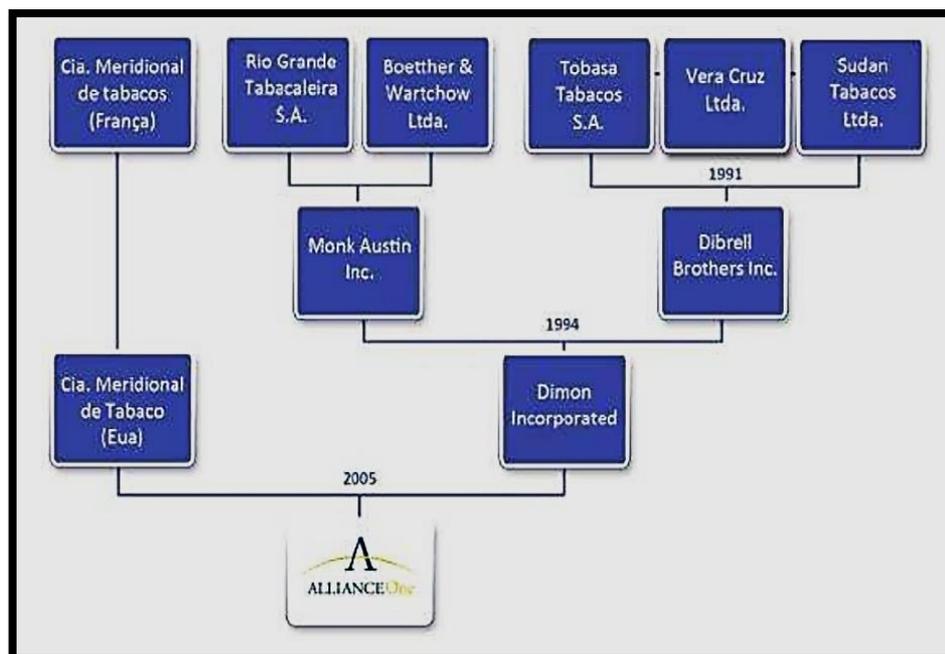
É importante destacar existem diversas outras empresas de tabaco em atuação no Brasil, como a Alliance One, Brasfumo, Premium Tabacos do Brasil, Continental (CTA), Universal Leaf Tabacos, entre outras.

Essas empresas atuam sob o sistema de integração com produtores e, muitas vezes, ao modo “*Joint Venture*” com as transacionais citadas. Ou seja, possuem postos de compra de tabaco direto dos produtores, no entanto, não produzem o cigarro propriamente dito, mas o que é chamado de “*Blends*”¹², sob encomenda das grandes empresas, geralmente destinados à exportação.

Os organogramas 2 a seguir, das que foram encontradas, principalmente nos sítios das empresas citadas, contribuem para compreensão da evolução e desenvolvimento das firmas de tabaco que atuam na Região Sul do Brasil e também no estado de Santa Catarina.

¹² Mistura do tabaco negociado com o cliente. São produzidas caixas padrão de 200kg, posteriormente acomodados em pellet, para serem carregados nos containers destinados à exportação (Informação obtida em saída de campo na empresa Alliance One, 2023).

Organograma 2 – Formação da empresa de melhoramento genético e produção de tabaco, Alliance One

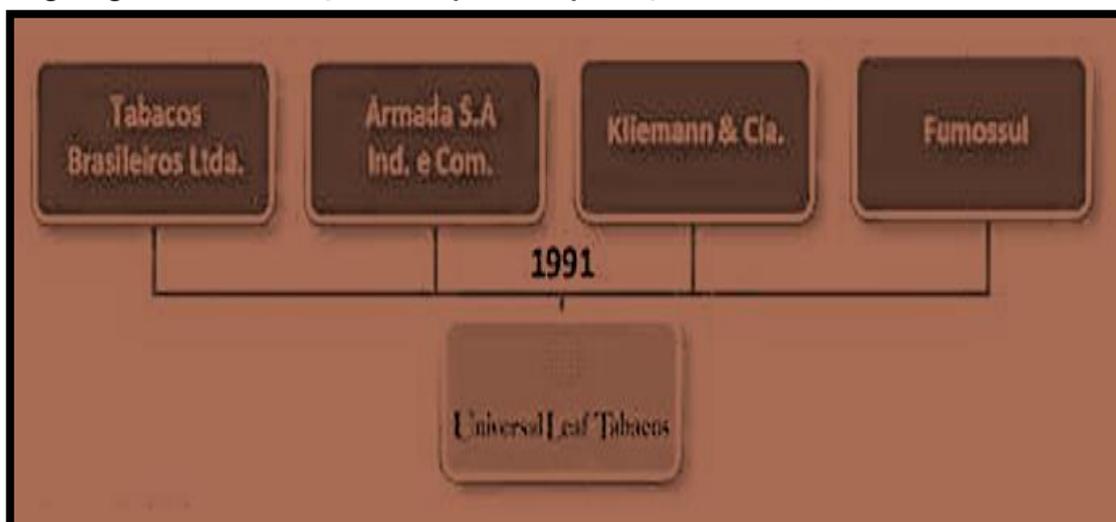


Fonte: Alliance One, 2023.

Ao analisar o organograma de formação da empresa Alliance One, observa-se que as firmas que participaram da formação do que é hoje a companhia Alliance One são provindas de várias partes do mundo, entre elas, Grã Bretanha, Estados Unidos da América, França, Sudão e Brasil. Deste modo, mesmo não possuindo nenhuma marca de cigarros, a empresa Alliance One contribui de forma significativa para toda a cadeia mundial, sul brasileira e Santa Catarina. Em amplitude que engloba desde o produtor do tabaco em lavoura, até a fase de elaboração dos *blends* para as mais variadas clientes e partes do globo. Além de ser uma das companhias que mais investe no melhoramento genético do tabaco e difusão tecnológica para esse setor.

O organograma 3 apresenta o processo de junção de firmas, para que, no ano de 1991, fosse fundada a empresa Universal Leaf Tabacos.

Organograma 3 – Formação da empresa de produção de tabaco, Universal Leaf Tabacos



Fonte: Universal Leaf Tabacos, 2023.

A empresa Universal Leaf Tabacos, atualmente, trabalha com o processamento e venda de fumo em folhas entre 15% e 25% da produção anual de tabaco no Brasil. Destacando que a empresa não trabalha apenas com o fumo tipo “Virginia” variedade mais cultivada no país. Entretanto, as operações envolvem ainda o tipo de fumo “Burley”, “Galpão”, “Amarelinho” e ainda fumos especiais destinados a clientes que buscam variedades diferenciadas, principalmente para elaboração de diferentes tipos de charutos e cigarrilhas (Universal Leaf Tabacos, 2023).

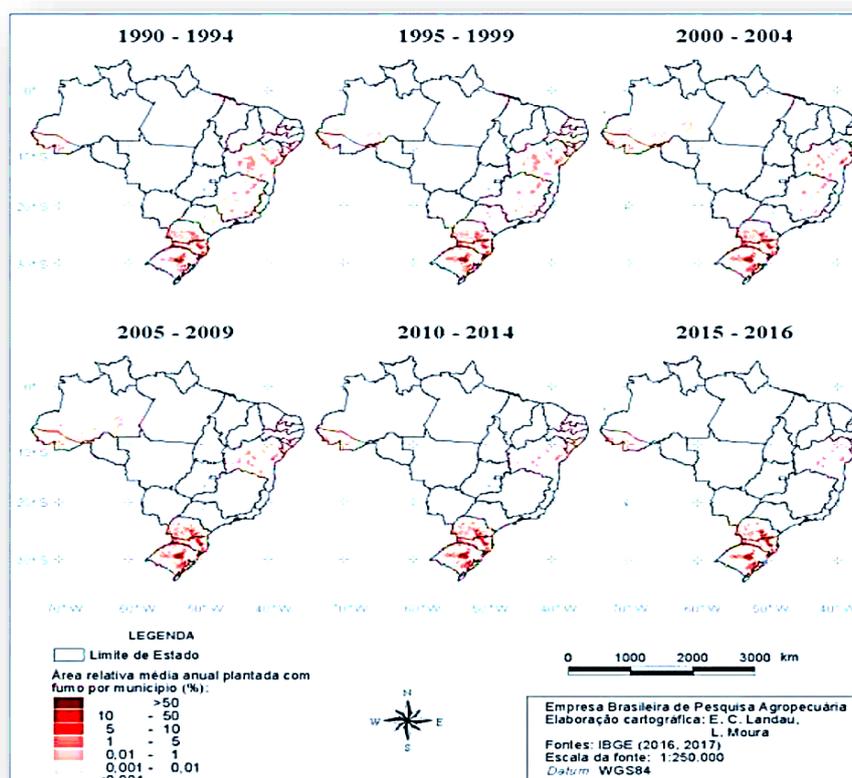
Dessa forma, a companhia se torna mais um elemento significativo entre os elos da cadeia mundial de tabacos, principalmente a nível sul brasileiro.

É importante salientar que não foram encontrados organogramas, dados e ademais, sobre formação/constituição das demais empresas fumageiras citadas.

Complementando essa análise realizada sobre a cadeia produtiva de tabaco mundial, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), são utilizados 32 milhões de toneladas de folhas de tabaco anualmente, para produzir cerca de 6 trilhões de unidades de cigarros em todo o mundo. Essa produção é, em grande maioria, movimentado pelas BIG 4, destacando que não foram encontrados números precisos da empresa estatal de tabacos chinesa e desse mesmo país, devido aos milhões de chineses que fumam o cigarro não industrializado, ou seja, consomem o tabaco ao modo artesanal, enrolado em papéis ou outros materiais (ONU, 2022).

Quanto à produção de tabaco em campo no Brasil, a Figura 7 expõe a distribuição do cultivo de tabaco no país referente aos anos de 1990 a 2016.

Figura 7 - Dinâmica da área Plantada com Fumo entre 1990 e 2016 no Brasil



Fonte: Landau e Moura, 2018.

A figura mostra que entre os anos de 1990 e 1994, a produção de tabaco esteve mais distribuídas por todas as regiões do país, considerando que, nos estados da região norte, o tabaco é mais cultivado para uso próprio, principalmente pelos povos originários daquela região, que ainda o usam para rituais religiosos e também para o hábito de fumar.

Ao analisar o próximo período demonstrado na figura, 1995 a 1999, observa-se que os cultivos de fumo diminuíram na Região Norte e passaram a concentrar-se com maior intensidade nos três estados da Região Sul do país.

Já no próximo período, 2000 a 2004, houve retomada de plantio de tabaco na Região Norte e ligeira queda na Região Nordeste, principalmente no estado da Bahia, e aumento do cultivo na Região Sul do país.

Dos anos 2005 a 2009, o cultivo de tabaco diminuiu de maneira um pouco mais drástica nos estados do nordeste, enquanto na Região Sul, o cultivo manteve-se e até aumentou as áreas de plantio.

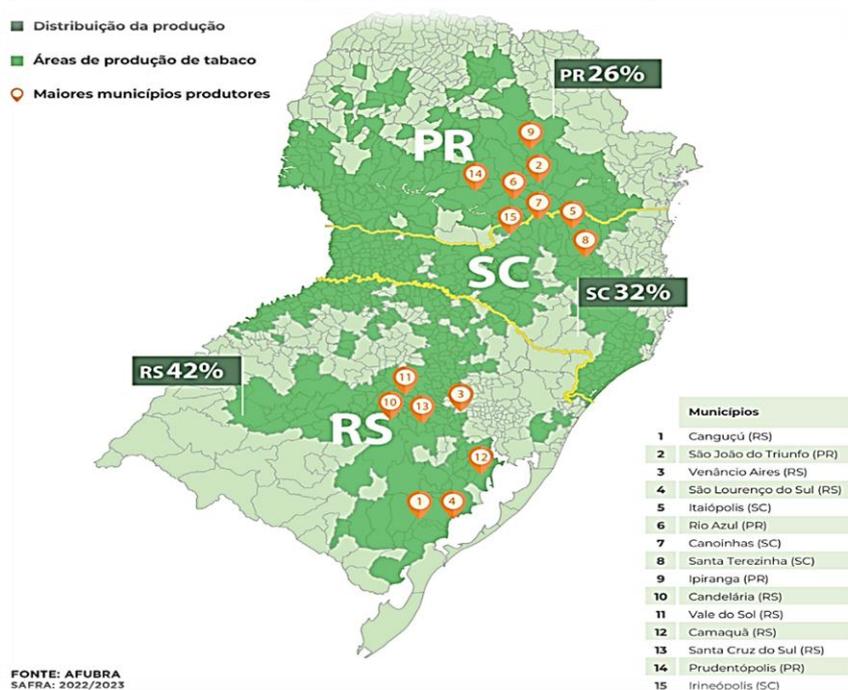
No período que compõem os anos de 2010 a 2014, a cultura diminui em todas as regiões do país com exceção à Região Sul, que manteve os cultivos, mesmo

passando por um período em que a indústria menos valorizou o produto. Segundo as entrevistas com cerca de 15 produtores das três regiões do estado de Santa Catarina, por exemplo, o preço e a classificação do produto no momento da venda para as empresas foi mais acirrada, devido às altas médias de produção por hectare e grandes estoques de fumo a nível mundial, conforme resposta das empresas aos fumicultores.

No período mais recente, de 2015 a 2016, o cultivo de tabaco se concentrou mais nos estados do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, diminuindo nas outras regiões do país. Segundo análises realizadas, principalmente provindas das entrevistas realizadas nas empresas que atuam nesses dois estados, há tendência de concentração da produção, explicada por objetivos de maior eficiência logística por parte das empresas. E, também, pela falta de sucessão familiar no estabelecimento produtor, que prejudica a mão de obra disponível e necessária para a produção, fato que atualmente é o maior gargalo da fumicultura.

A Figura 8 aponta a localização das regiões geográficas da Região Sul brasileira, em que são produzidos os maiores volumes de tabaco do país, onde ocorre cerca de 95% de toda a produção nacional. A figura apresenta, também, os quinze municípios que produzem os maiores volumes de tabaco do país (SINDITABACO, p. 2023, p. 20).

Figura 8 - Distribuição da produção de tabaco na Região Sul do Brasil



Fonte: AFUBRA/ SINDITABACO, 2023.

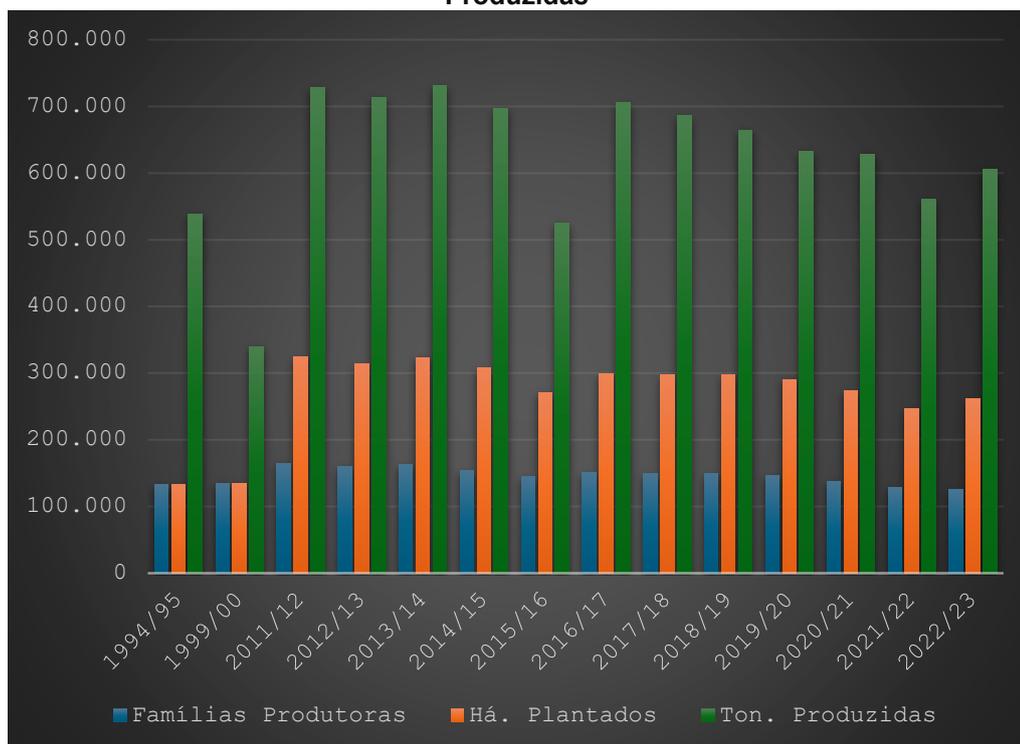
Ao analisar a distribuição geográfica da produção de tabaco na região sul do Brasil, conforme Figura 8, observa-se que no estado paranaense, o tabaco é cultivado principalmente entre a região sudoeste e sul, sendo essa última a que concentra maior número de famílias produtoras e os maiores volumes de produção. Com destaque para o município de São João do Triunfo, que na safra 2022/23 foi o segundo maior produtor do país.

Em Santa Catarina, o maior número de produtores e volumes de produção concentra-se na micro região do planalto norte, com destaque para os municípios de Itaiópolis, Canoinhas, Santa Terezinha, que estão entre os 10 maiores produtores de tabaco do país na safra 2022/23. Contudo, o tabaco também é cultivado em outras micro e regiões do estado, como no vale do Itajaí, sul, e meio oeste, contribuindo, assim, para o status do estado como o segundo maior produtor de tabaco brasileiro.

No estado do Rio Grande do Sul, maior produtor de tabaco do Brasil, a produção se concentra principalmente na Região Sul e Central, e de forma pouco menos expressiva ao norte. A Região Sul do estado gaúcho se destaca por possuir dois dos três maiores municípios produtores de tabaco do país, com Canguçu, na primeira posição; e São Lourenço do Sul, na terceira colocação. Já a região central, além dos grandes volumes de produção, distingue-se, também, por abrigar as principais empresas multinacionais do setor. Os municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires concentram o maior complexo de processamento de tabaco do mundo.

O Gráfico 1, na sequência, mostra o processo de evolução da fumicultura na Região Sul brasileira entre o período de 1994 a 2023, apresentando o número de famílias envolvidas na produção, hectares cultivados e toneladas produzidas.

Gráfico 1 - Evolução da Fumicultura Sul Brasileira – Famílias Produtoras – Há Plantados – Ton. Produzidas



Fonte: AFUBRA, 2022 (adaptado).

Ao observar os dados expostos pelo Gráfico 1, quanto ao número de famílias produtoras, pode-se verificar que após o ano de 2011, houve declínio no número de famílias envolvidas na produção, com exceção a safra de 2013 e 2014, em que o número de famílias praticamente se equiparou ao da safra 2011/12. Esse declínio, em grande maioria, é explicado pela tendência apresentada pelas empresas do setor em concentrar a produção, tendo assim maiores garantias de controle de qualidade e quantidade do produto.

Ao seguir com a análise, quanto a hectares de tabaco cultivados, observa-se que o pico maior se deu no ano safra de 2012/14 e, nos anos seguintes, com pequena oscilação, e a partir do ano de 2014, apenas declínio. Observa-se, ainda, que mesmo com a diminuição significativa de famílias envolvidas na produção após o ano 2011, a área cultivada não teve queda correspondente. Ou seja, a diminuição da área plantada não resultou em diminuição da produção, pois houve maior rentabilidade por hectare da cultura e aumento de hectares cultivados por família.

A maior rentabilidade de produção por hectare é resultado de maior inserção tecnológica em todas as fases de produção, bem como de constantes pesquisas na área de melhoramento genético que vem desenvolvendo cultivares com maior desempenho produtivo.

Ainda com relação à área em hectares cultivados da planta e também produção em toneladas, nota-se que a menor quantidade foi atingida no ano de 2016, ano considerado pelo setor como desfavorável climatologicamente para a cultura, devido a ocorrência de eventos extremos do clima, como estiagens, precipitação de granizo, entre outros. Observa-se, ainda, que nos três anos posteriores, a área cultivada teve pequeno aumento em relação a 2016 e se manteve mais regular nas safras seguintes.

Identificou-se, ainda, que a maior produção em toneladas, considerando hectares cultivados no período analisado ocorreu na safra 2013/14, com 731.390 toneladas produzidas, mesmo não sendo o ano em que uma maior área em hectares foi cultivada.

Essa análise permite tirar conclusões no sentido da presença do desenvolvimento das relações capitalistas de produção nesse setor, que obrigam a modernização por parte das famílias produtoras, ou, do contrário, exclusão da atividade devido à incapacidade produtiva. Assim, concentra-se a produção em número reduzido de estabelecimentos/famílias, com eficiência produtiva aumentada, e por outro lado e consequência, ocorre aumento das desigualdades sociais no campo devido à falta de trabalho para as famílias excluídas da atividade.

Nesse sentido, ressalta-se, também, a importância da variável clima nessa atividade, pois é fator determinante quanto à quantidade e qualidade da produção, sendo que esse aspecto, também, pode ser otimizado em estabelecimentos rurais com maior acesso à tecnologia, como previsão do tempo, sistemas de irrigação ou até mesmo técnicas de cultivo, que podem diminuir o problema, possibilitando, assim, maior controle sobre essa variável, o que proporciona maior seguridade quanto à produção, mostrando, assim, que o agricultor de nível familiar, com recursos reduzidos em âmbito de tecnologia e informação, pode ter meios de produção de vida ainda mais afetados ou prejudicados por eventual adversidade climática que pode impulsionar ainda mais a concentração da produção nesse setor.

Ao continuar com a análise referente aos parâmetros da fumicultura sul brasileira, a Tabela 1 demonstra a produção média de tabaco por hectare, preço médio de comercialização por quilo do produto, e ainda o montante gerado, permitindo, assim, realizar algumas análises importantes referentes a esse processo.

Tabela 1 - Evolução da Fumicultura Sul Brasileira – Kg/Há – Valor R\$/ Kg – Valor Total em R\$

Ano/Safra	Kg/Hectare	Valor R\$/Kg	Valor total em R\$
1994/95	1.733	10,5	5,4mi
1999/00	2.092	2,0	1,07bi
2011/12	2.241	6,3	4,6bi
2012/13	2.272	7,45	5,3bi
2013/14	2.259	7,28	5,3bi
2014/15	2.263	7,13	5,0bi
2015/16	1.938	9,96	5,2bi
2016/17	2.365	8,63	6,1bi
2017/18	2.306	9,15	6,3bi
2018/19	2.235	8,83	5,9bi
2019/20	2.180	8,86	5,6bi
2020/21	2.299	10,54	6,6bi
2021/22	2.272	17,02	9,5bi
2022/2023	2.314	18,12	10,9bi

Fonte: AFUBRA, 2023 (adaptado).

A importância econômica da fumicultura, principalmente para o sul do Brasil, torna-se evidente quando se avistam os montantes anuais gerados pelo setor, principalmente tratando-se do fato que o cultivo é realizado predominantemente a nível familiar em pequenas extensões de terra. Observa-se, ainda, que a cultura apresenta ótima rentabilidade por hectare cultivado, pois como mostra a Tabela 1, no ano de safra de 2022/23 por exemplo, a produção atingiu uma média de 2.314 quilos por hectare, nesse mesmo ano, o preço médio de comercialização por quilo do produto foi de R\$ 18,12, o que gera uma renda bruta total média de 41.929,26 reais/ha.

Assim, a cultura do tabaco na Região Sul brasileira, continua sendo de extrema importância econômica e social, visto que se faz muito atrativa, principalmente comparado ao rendimento de outras culturas, principalmente para produtores que dispõem de poucas quantidades de terra para cultivo e mão de obra familiar. E, enquanto ao viés social, permite que pequenos agricultores mantenham os estabelecimentos agrícolas ativos, dispondo de renda anual que faculte as necessidades de pequeno estabelecimento rural.

2.2 GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICA DA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO EM SANTA CATARINA

A cadeia produtiva do tabaco em Santa Catarina é caracterizada por dinâmica geoeconômica complexa, influenciada tanto por fatores locais quanto globais, e constitui um enigmático sistema produtivo que envolve diversas etapas e agentes, desde a produção a campo até a comercialização final do produto (Begniss *et al.*, 2017).

Dessa forma, neste item, busca-se explorar sua gênese, importância socioeconômica, os principais desafios encontrados e as diversas interações entre os sujeitos envolvidos, focando na relevância da pequena produção mercantil como alicerce do setor, ainda é destacado como fatores de inovações tecnológicas e institucionais moldaram a produção, desde os métodos de cultivo até as políticas regulatórias, enfatizando, ainda, a influência significativa de grandes oligopólios e a necessidade de se compreender o campo de disputa entre produtor, indústria e estado.

Nesse sentido, a cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina tem a gênese em paralelo ao estabelecimento da cultura do tabaco em todo o país e, principalmente, nos três estados da região sul do Brasil (Schenato, 2015).

A análise e posterior seleção de diversos Relatórios de Presidentes da província de Santa Catarina, disponíveis em *Center of Research Libraries: Global resources network*, <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>, no final do século XIX, indicam que o caráter escravista da cultura do fumo ainda está em discussão. Nesse sentido, desenvolveu-se no estado, avanços das exportações dessa cultura. As informações são essenciais para a compreensão das características da produção de tabaco no século XIX, que atualmente tornou-se a cultura não alimentícia com maior volume de exportação do estado.

Os Relatórios de Presidentes de Província apontam como ocorreu o funcionamento e desenvolvimento das colônias de 1830-1930, englobando várias culturas nos estados brasileiros. A ênfase é dada nesse caso ao cultivo do fumo nas principais colônias de Santa Catarina.

Quando se remete à produção de tabaco, pensa-se em pequenos estabelecimento agrícolas geridos por mão de obra familiar. No entanto, o sistema de produção de tabaco, durante o período colonial, era distinta da produção atual.

Muitos historiadores e economistas, como Celso Furtado, Caio Prado Júnior, entre outros, apontam que a produção de tabaco primeiramente na região nordestina, impulsionou as exportações na era colonial, promovendo desenvolvimento a essa região. Já Caio Prado Júnior, compreende que a produção de fumo era de caráter

Como citado neste trabalho, perceptivelmente, a cultura do tabaco distribuiu-se por outras regiões do país, tendo o auge no século XX. Mas, logo no século XIX, no estado de Santa Catarina, a cultura se demonstrou mais rentável que aos produtos alimentícios cultivados à época, tanto para a colônia em si, quanto para os agricultores. É importante destacar que já ao final do século XIX, ocorre pequena pulverização da produção de tabaco pelas colônias do estado, influenciada basicamente pela decadência da escravidão, declínio do império português e abertura de alguns, ainda pequenos, portos pelo estado.

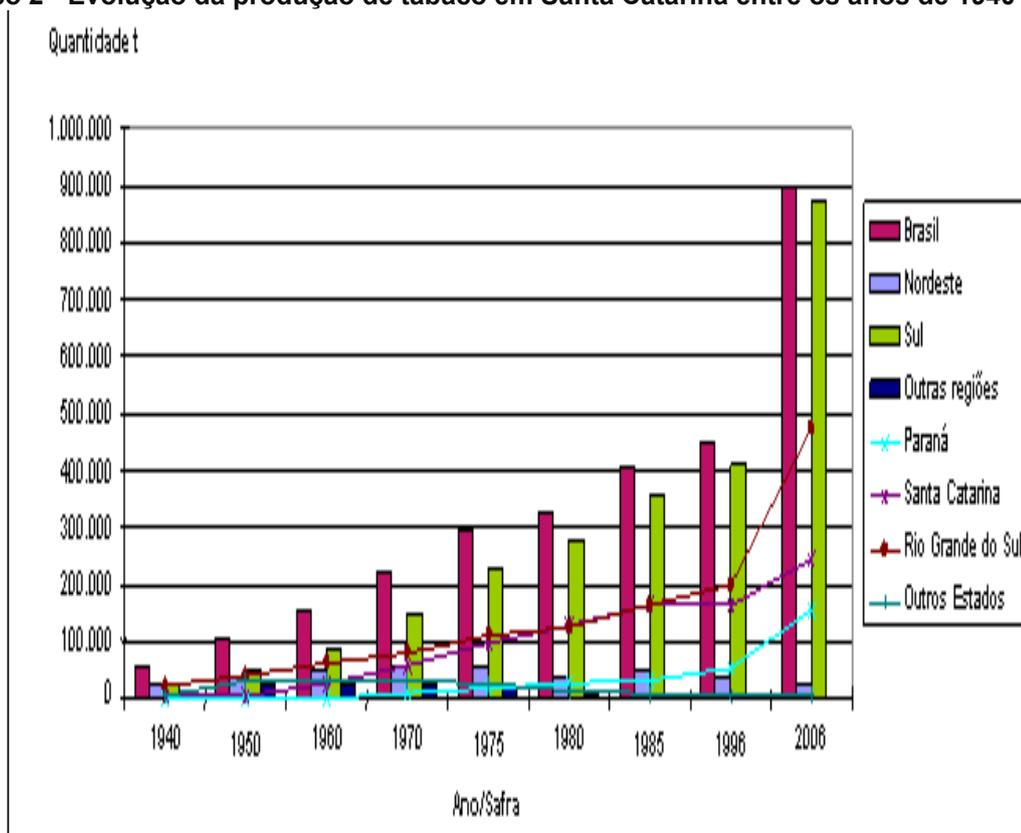
Ao analisar bibliografia mais recentes, observa-se que a gênese da produção de tabaco em Santa Catarina propriamente dita ocorreu ao estabelecimento e desenvolvimento das colônias pelo estado.

Dessa forma, partindo desse pressuposto de compreensão, a região da qual conhecemos hoje, como Vale do Itajaí, posteriormente, rearticulada por divisões do (IBGE), para micro região do Alto Vale do Itajaí, pode ser denominada como uma das pioneiras em volumes mais elevados na produção dessa cultura, atualmente ainda aparece como a segunda micro região do estado catarinense que produz os maiores volumes de tabaco.

Também, é importante salientar que o início da produção de tabaco em Santa Catarina foi, primordialmente, influenciada pelas condições edafoclimáticas favoráveis e mão de obra disponível provinda dos imigrantes italianos, alemães e poloneses recém chegados ao estado, formando ao que denominamos como colônias, enfatizando que na região do Vale e Alto Vale do Itajaí, quando trata-se do cultivo do tabaco, as colônias de alemães foram os pioneiros na produção (Kopper-Müller e Tavares, 2018).

O Gráfico 2, a seguir, demonstra a evolução da produção de tabaco em Santa Catarina entre os anos de 1940 e 2006, comparando, ainda, com a produção nacional, Região Nordeste, Região Sul, outras regiões, o estado do Paraná, Rio Grande do Sul e outros estados.

Gráfico 2 - Evolução da produção de tabaco em Santa Catarina entre os anos de 1940 e 2006



Fonte: Silveira, Dornelles e Ferrari, 2012.

Ao analisar o gráfico 2, observa-se que a produção de tabaco nacional dos anos de 1940, era de um pouco mais de 50 mil toneladas, atingindo as 300 mil toneladas no ano de 1975. Comparando esse mesmo período, com relação a produção do país, Santa Catarina obteve crescimento de 1/3 desse total.

Seguindo com a análise do gráfico 2, pós os anos de 1940 até os anos de 1975, a produção de fumo em Santa Catarina saltou de um pouco mais de 10 mil toneladas para aproximadamente 100 mil toneladas. Ou seja, em menos de 35 anos a produção de tabaco em Santa Catarina teve um aumento superior a 5 vezes.

Subtraindo mais informações expostas pelo Gráfico 2 sobre a evolução da produção de tabaco em Santa Catarina, é possível destacar o período entre os anos de 1975 e 1996, ocorreu crescimento ininterrupto da produção, ou seja, decorreu-se evolução de cerca de 100 mil para mais de 250 mil toneladas.

Vale um adendo, quanto ao período demonstrado pelo Gráfico 2, que o estado de Santa Catarina, contribuiu significativamente para que a produção de tabaco do país, saltasse de menos de 50 mil toneladas, para, na safra de 2013/14, atingisse produção que ultrapassou as 700 mil toneladas, tornando o país atualmente como o

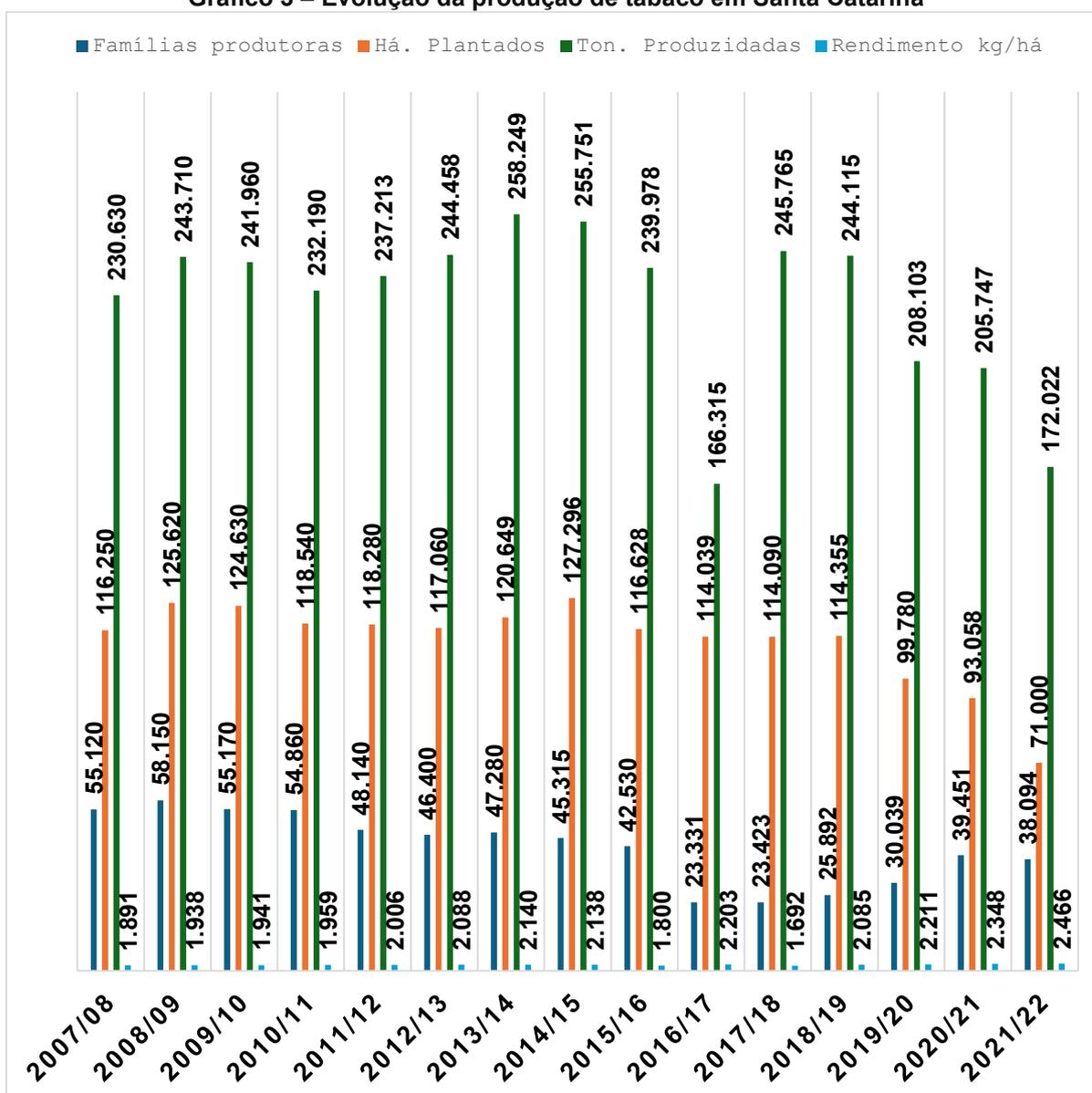
segundo maior produtor mundial da planta, e líder global em exportações da folha a mais de 30 anos (AFUBRA, 2023).

Em outro destaque sobre a produção de fumo em Santa Catarina, é que na década de 1990, 1,06% de Santa Catarina e 1,01% do estado de Alagoas eram cultivados com fumo. Já entre os anos de 2010 e 2016, Santa Catarina passou a ser o único estado brasileiro com mais do que 1% da sua área territorial cultivada com tabaco, ou seja, 1,26% do total (Hirsch; Landau, 2018).

Consequente com a investigação sobre a produção de tabaco em Santa Catarina, principalmente pós os anos de 2006, o Gráfico 2 permite verificar que a produção de fumo do estado ocorreu da seguinte forma.

O Gráfico 3 traz dados referentes ao período de 2007/08 até a safra 2021/22 sobre o número de famílias produtoras, hectares plantados, toneladas produzidas e rendimento médio de produção por hectares cultivados em Santa Catarina.

Gráfico 3 – Evolução da produção de tabaco em Santa Catarina



Fonte: EPAGRI/CEPA, 2022/23 (adaptado).

O Gráfico 3 permite realizar análise mais recente e mais completa sobre a produção de tabaco em Santa Catarina que o Gráfico 3 anterior. Neste sentido, percebe-se que a produção de fumo no estado entre as safras de 2007/08 e 2013/14, manteve-se de certo modo estável, com oscilações entre 230.630 e 258.249 mil toneladas. Já nas três safras seguintes, houve decréscimo mais acentuado na produção, sendo que decaiu de 258.249 toneladas para 136.3015. Esse movimento pode ser explicado pelas variáveis do clima, decadência no cultivo, principalmente pela valorização de commodities agrícolas, como milho e soja. E, ainda, pelo excesso de oferta do produto no mercado mundial, que fez com que as firmas incentivassem os produtores a diminuírem suas áreas de cultivo.

O Gráfico 3, também, proporciona que possamos realizar análise quanto aos número de famílias dedicadas a produção de tabaco em Santa Catarina no período representado, em que, pós-safra de 2008/09, o número de produtores de tabaco apenas diminuiu, isso, até a safra de 2019/20, quando o número de produtores novamente aumentou em cerca de 20 % até a última safra analisada quanto ao estado catarinense. Esse acréscimo no número de produtores pelo estado ocorreu pelo fato de que o preço médio da cultura, pago pelas empresas aos produtores, praticamente dobrou, passando, assim, a ser novamente um cultivo extremamente rentável. Essa super valorização do produto ao produtor deve-se, sobretudo, conforme literaturas recentes consultadas, disponíveis principalmente pela associação dos fumicultores, a Afubra e também pelo Sinditabaco, além das entrevistas realizadas nas empresas do setor em saídas de campo. A demanda mundial pelo tabaco aumentou durante o período da pandemia de Covid-19 e pelas recentes guerras atuais que, de certo modo, fizeram que o consumo do cigarro pelo mundo aumentasse significativamente.

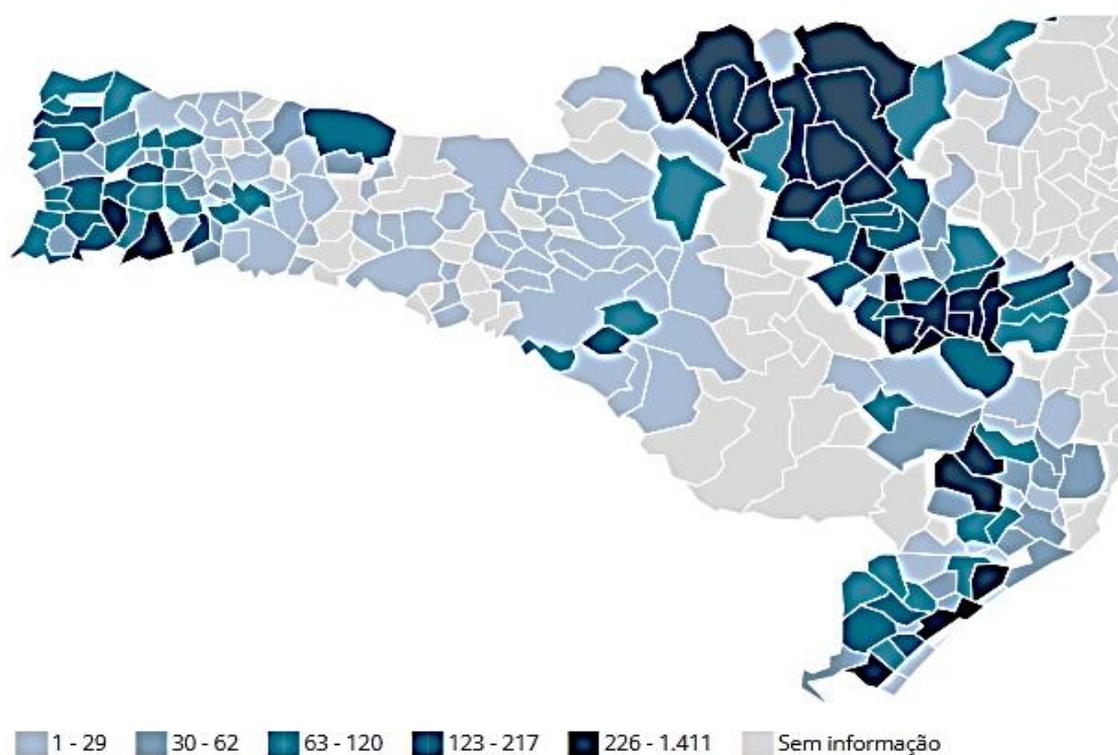
Retirando mais informações sobre o Gráfico 3, pode-se observar quanto a média de produção de tabaco por hectare em Santa Catarina, que o crescimento foi ininterrupto dentro o período analisado, sendo que, da safra 2007/08 a safra 2021/22, o rendimento em quilos por hectare da folha, saltou de 1.891 para o recorde de produção de 2.466kg/há.

Esse crescimento na produção por hectare deve-se basicamente ao grande esforço por parte das empresas de pesquisa e melhoramento genético da planta do tabaco que juntamente com novas tecnologias inseridas na produção por parte dos agricultores, como equipamentos mais eficazes, melhor trato do solo e manejos culturais de maior eficiência foram responsáveis para que esse aumento acontecesse.

A seguir, serão explorados alguns organogramas e rankings, subtraídos do censo agropecuário do IBGE, que trazem mais informações sobre a cadeia produtiva de tabaco no estado de Santa Catarina (IBGE, 2017).

Figura 10 – Cartograma – Fumo – Folha seca de Santa Catarina por número de estabelecimentos

Cartograma - Fumo - Folha seca de Santa Catarina por Número de estabelecimentos
em estabelecimentos

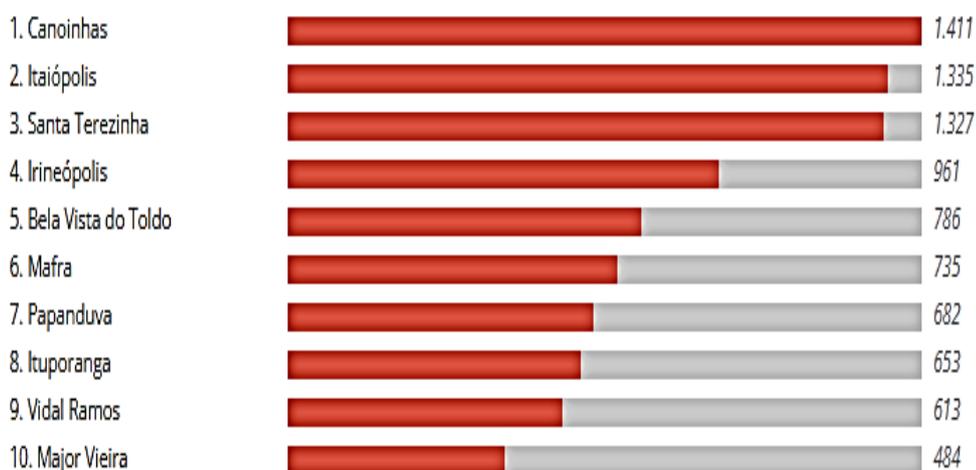


Fonte: IBGE, 2017 (adaptado).

Figura 11 – Ranking – Fumo – Folha seca dos municípios de Santa Catarina por número de estabelecimentos

Ranking - Fumo - Folha seca dos Municípios de Santa Catarina por Número de estabelecimentos

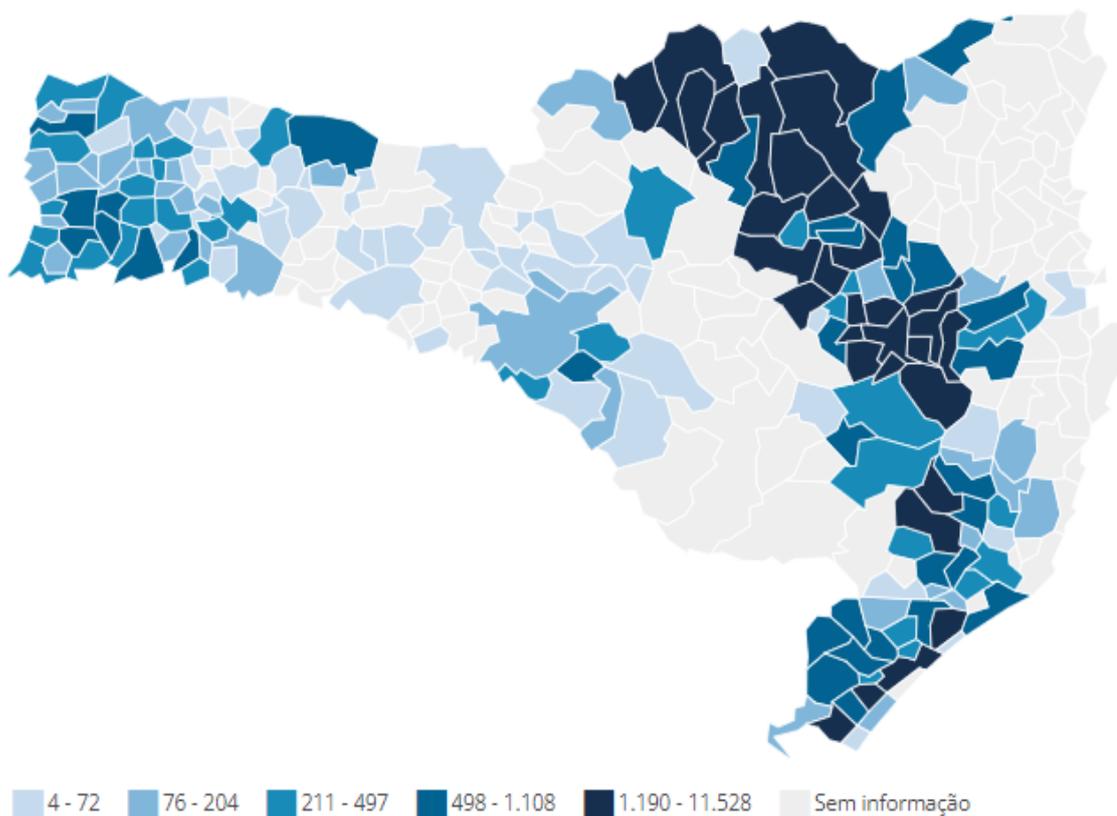
em estabelecimentos



Fonte: IBGE, 2017 (adaptado).

Figura 12 – Cartograma – Fumo – Folha seca de Santa Catarina por quantidade produzida
Cartograma - Fumo - Folha seca de Santa Catarina por Quantidade produzida

em toneladas

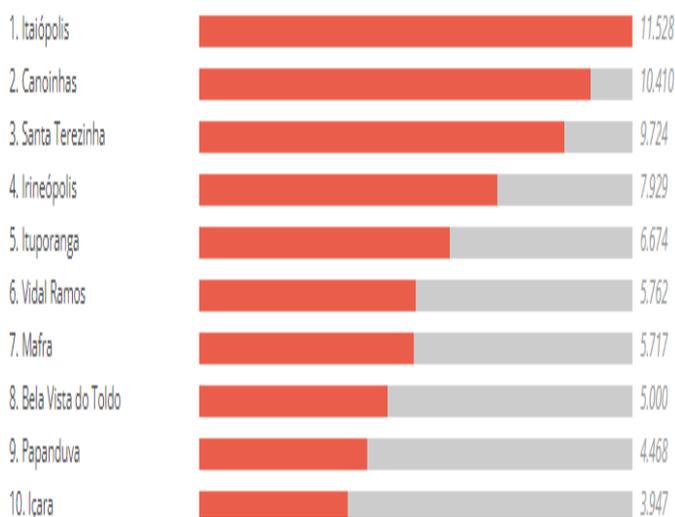


Fonte: IBGE, 2017 (adaptado).

Figura 13 – Ranking – Fumo – Folha seca dos municípios de Santa Catarina por quantidade produzida

Ranking - Fumo - Folha seca dos Municípios de Santa Catarina por Quantidade produzida

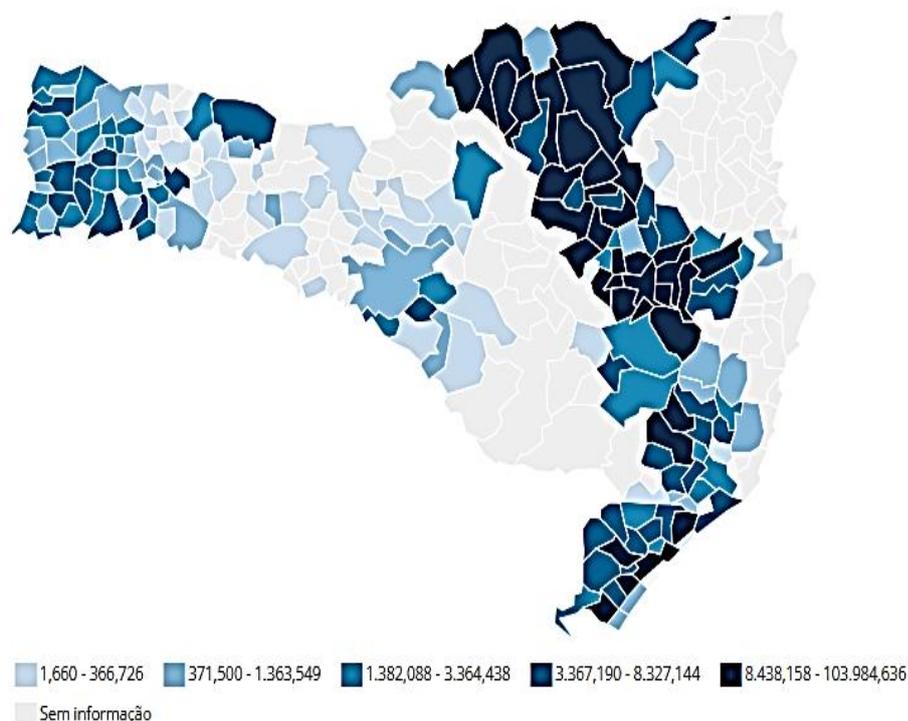
em toneladas



Fonte: IBGE, 2017 (adaptado).

Figura 14 – Cartograma – Fumo – Folha seca de Santa Catarina por valor da produção
Cartograma - Fumo - Folha seca de Santa Catarina por Valor da produção

em (x1000) R\$

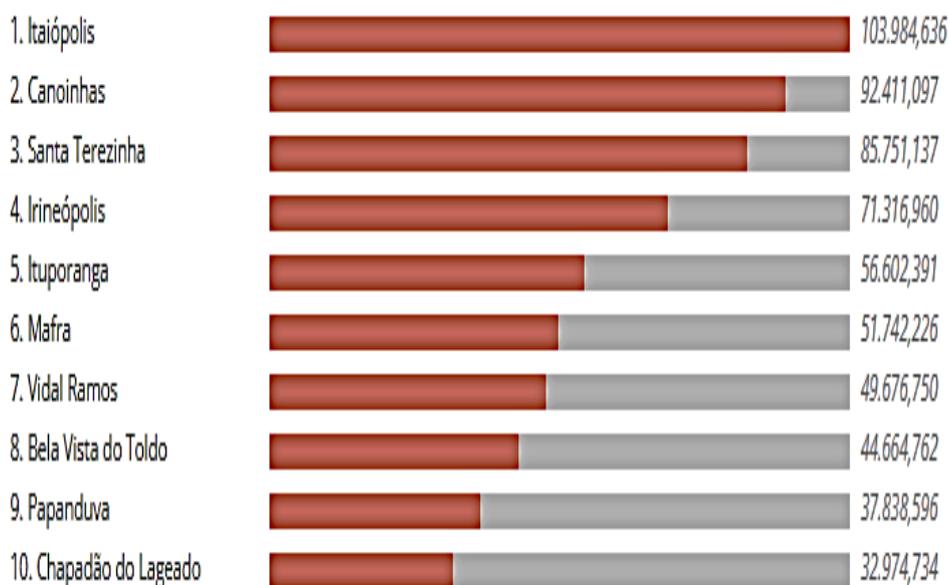


Fonte: IBGE, 2017 (adaptado).

Figura 15 – Ranking – Fumo – Folha seca dos municípios de Santa Catarina por valor da produção

Ranking - Fumo - Folha seca dos Municípios de Santa Catarina por Valor da produção

em (x1000) R\$



Fonte: IBGE, 2017 (adaptado).

Os organogramas e *rankings* apresentados identificam os principais usos do território catarinense para produção do tabaco. Primeiramente, como a cultura do tabaco é considerada de baixa mecanização, é compreensível que estejam localizadas nas regiões onde o relevo do estado é mais acidentado, o que dificulta a mecanização agrícola necessária para o cultivo de grandes culturas, como o milho e a soja em grande escala. Com exceção, a região do planalto norte, onde o relevo permite maior inserção da mecanização agrícola para produção de grandes commodities. No entanto, essa região ainda é caracterizada por estabelecimento rurais de pequena extensão, o que torna o cultivo do fumo produção mais rentável, fato que explica os grandes volumes de produção e concentração da produção da cultura. A exemplo, a cultura teve ascensão somente após a década de 1970, quando o setor madeireiro, carro chefe da economia entrou em franca decadência.

Assim, em contexto de globalização da economia da cadeia mundial do tabaco no mundo e em Santa Catarina, pode-se expor que:

[...] o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações e é com base nessa ideia e nas noções de técnica e de tempo, de razão e de emoção, que propõe a construção de um sistema de pensamento que busca entender o espaço geográfico. Levando em conta a nova realidade trazida pelo processo de globalização que se instalava à época, o geógrafo Milton Santos buscou auxílio na história, na filosofia, na sociologia e em outras disciplinas humanas e sociais, para propor esta teoria geral do espaço humano (Santos, 1996).

Assim, pode-se afirmar que a hegemonia do capital monopolista do mundo é o que dita as regras, por meio de um processo de dinamismo espacial que se reinventa por meio, principalmente, das modificações operacionais e espaciais.

Essas mudanças operacionais ocorrem, sobretudo, sob a influência de uma grande concorrência oligopolista. Sempre ditada pelos mercados consolidados e por mercados que apresentam certa posição emergente quanto à produção de tabaco e do principal produto final, o cigarro (Santos, 1996).

2.3 O PAPEL DA PEQUENA PRODUÇÃO MERCANTIL NA GÊNESE NA EVOLUÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO DE SANTA CATARINA

No estudo acerca da pequena produção mercantil e influência no desenvolvimento da cadeia produtiva do tabaco, é importante reconhecer as

contribuições de Vladimir Lênin. Na obra "O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: o processo da formação de um mercado interno para a grande indústria", Lênin explora o conceito de pequena produção mercantil, essencial para se compreender a dinâmica da agricultura familiar na Região Sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina. Este conceito, que descreve um sistema em que os produtores possuem e controlam os meios de produção dentro de um contexto capitalista, é fundamental para analisar como a pequena escala e o envolvimento direto das famílias moldaram a indústria do tabaco na região e o impacto socioeconômico. A referência a Lênin oferece perspectiva teórica valiosa para entender a adaptação, evolução e significado da pequena produção mercantil na economia local e nacional (Lênin, 1907).

A pequena produção mercantil teve papel crucial na gênese e evolução da cadeia produtiva do tabaco, especialmente no Brasil e, por extensão, em Santa Catarina. Destaca-se que a Região Sul do Brasil, onde Santa Catarina se situa, desenvolveu a produção de tabaco com base na agricultura familiar. Esta forma de produção, caracterizada pela pequena escala e pelo envolvimento direto das famílias na gestão e no trabalho, foi determinante para estabelecer as primeiras bases da indústria do tabaco na região. Assim, também responsável pelo desenvolvimento das pequenas colônias à época, que iniciavam a produção de tabaco no estado catarinense (Brum *et al.*, 2020).

Ao longo do tempo, a pequena produção mercantil adaptou-se e evoluiu, enfrentando desafios e aproveitando oportunidades. Esses produtores tiveram que se adaptar às mudanças nas demandas do mercado e às inovações tecnológicas. Essa capacidade de adaptação não somente permitiu a sobrevivência da pequena produção mercantil, como também contribuiu para diversificação e aprimoramento da qualidade do tabaco produzido (Mengel; Aquino, 2017).

A pequena produção mercantil também desempenhou papel significativo no desenvolvimento socioeconômico local. A cadeia produtiva do tabaco, sustentada em grande parte pela pequena produção, foi e ainda é fonte importante de emprego e renda, especialmente em comunidades rurais. Este aspecto reforça a importância de políticas e práticas que apoiam e fortalecem a pequena produção mercantil, garantindo a viabilidade e contribuição contínua para economia local e nacional (Begniss; Arend; Alievi, 2017).

2.4 INOVAÇÕES INSTITUCIONAIS NA CADEIA PRODUTIVA DE TABACO EM SANTA CATARINA

As principais inovações institucionais na cadeia produtiva do tabaco, em Santa Catarina, devem-se, principalmente, às influências dos oligopólios atuantes no setor. Como comentado em outros momentos nesse trabalho, as BIG 4, principais transnacionais que dominam o setor, são as que mais têm voz, quando o assunto é políticas públicas, regulação e readequação de mercados, inserção de tecnologias industriais, em âmbito de campo, entre outras. Assim, a cadeia produtiva de tabaco catarinense, principalmente quanto ao nível fumicultores propriamente ditos, enfatiza-se que não foram encontradas ações significativas, quando o assunto é inovações institucionais no setor. Deste modo, dependem basicamente das condutas da Associação de Fumicultores do Brasil, a Afubra, e do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco, o Sinditabaco, sendo que esse atua em nível mais estreito com as indústrias desse ramo. Ou seja, a associação Afubra tem representação maior na relação entre produtor e empresas, enquanto o Sinditabaco traduz mais os interesses da indústria.

2.4.1 O papel do Estado na cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina

A nível nacional, pode-se afirmar que a cadeia produtiva de tabaco brasileira e catarinense, atualmente, está sob poder/controlado dos interesses das transnacionais que operam no país. Esses interesses ficam em torno de conduzir dinamismo da cadeia que proporcione, desde a gênese, manter-se em uma mercado extremamente lucrativo.

O avanço das colônias em Santa Catarina, englobando o cultivo de fumo no final do século XIX, foi apoiado pelo estado brasileiro, principalmente, à época, para estabelecer e ocupar os imigrantes que chegaram ao estado. Ainda com nenhum tipo de financiamentos, de certo modo, a recém formada república utilizou- da cultura para impulsionar o desenvolvimento das colônias em Santa Catarina e na Região Sul.

O início de uma, ainda pequena forma de extensão rural pela Região Sul do país, no início do século XX, buscou aumentar a produção e melhorar a qualidade da produção, já com vistas a adentrar ao mercado internacional (Kienle; Basil; Jungbluth, 2015).

2.4.2 O papel da EMBRAPA

A Empresa Brasileira de Pesquisa de Agropecuária (EMBRAPA) contribuiu e contribui de maneira irrefutável para o desenvolvimento da agropecuária brasileira a mais de 50 anos, inclusive, servindo de modelo de instituição no setor para todo o mundo, produzindo, desenvolvendo e exportando tecnologias para todos os setores da agropecuária.

Para a fumicultura brasileira, a Embrapa tem participação mais efetiva até o início dos anos 2000, em que a fumicultura e o tabagismo passaram a ser criticados de forma mais intensa, por meio de diversas campanhas antitabagistas pela grande maioria da sociedade. Após a adesão do Brasil à CQCT, as instituições públicas do setor, por meio de diversas regulamentações, passaram a ter papéis restritos significativos quanto à produção de fumo no país.

Nesse sentido, a Embrapa não possui uma “Embrapa Fumo” como “Embrapa Milho”, “Embrapa Soja”, “Embrapa Trigo”, entre outras. Entretanto, contribui produções científicas a nível principalmente acadêmico sobre conservação de solo e diversificação de culturas e renda destinadas aos fumicultores.

Desse modo, considerando produções verificadas para esta pesquisa, entre os anos 1970 e 1980, produzidas pela Embrapa, basicamente, tornaram-se obsoletas em relação à evolução técnica da cultura encabeçadas pelas próprias fumageiras. Pode-se citar o trabalho de uma circular, n° 15, de um encontro realizado pela Embrapa em Arapiraca/AL, sobre Sistemas de Produção para a Cultura do Fumo no ano de (1975).

Em exemplo mais recente, sobre a produção de fumo conduzida por pesquisadores da Embrapa, pode-se destacar a produção de André Hirsch *et al.* (2016), “Evolução da Produção de Fumo (*Nicotiana tabacum*, Solanaceae)”. Quando tratam de leitura mais recente e efetiva da evolução da produção de fumo em nível nacional, após os anos de 1990, em que se pode observar quão tanto a cultura evoluiu, alcançando status de importância econômica e social incontestável a nível de Brasil e, principalmente, a Região Sul brasileira.

Cabe destacar, ainda, o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC), desenvolvido pela Embrapa, que permite aos agricultores, não somente aos que cultivam o fumo, mas para todas as culturas, controle da variável do clima, determinante para produtividade e qualidade da fumo.

2.4.3 O papel da Epagri e Cidasc na cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina

O papel do estado catarinense por instituições como a Epagri, Cepa e Cidasc é fundamental para cadeia produtiva do tabaco.

É importante destacar que as informações descritas neste item se baseiam, principalmente, nas entrevistas realizadas nas saídas de campo para a construção deste trabalho, essas, nas unidades da Epagri, em Canoinhas e Rio do Sul. Respectivamente, as duas micro regiões do estado que produzem os maiores volumes de fumo atualmente. Essas entrevistas semiestruturadas sobre a fumicultura foram realizadas com os gerentes das duas unidades.

Observou-se discurso bastante alinhado entre as duas unidades, sendo que as informações se deram da seguinte forma:

(a) Logo após a fundação, no ano de 1975, a Epagri realizava acompanhamento mais efetivo sobre a fumicultura no estado, principalmente na difusão de tecnologias, por meio de extensão rural categórica para o setor.

(b) Posteriormente, após os anos de 1985, o trabalho da Epagri deixou um pouco de lado a produção fumageira do estado e focou no desenvolvimento tecnológico de outros setores da agropecuária catarinense, como incentivo ao desenvolvimento da agroindústria, produção de commodities e, ainda, a fruticultura.

(c) Em uma análise mais recente, principalmente após a adesão do país a CQCT, que restringiu a atuação de instituições públicas, quando a produção de fumo. A Epagri basicamente atua no setor apenas, no sentido da conservação do solo e diversificação de culturas e renda aos fumicultores.

(d) Criado no ano de 1997 como um dos membros da Epagri, em Santa Catarina, o Epagri/Ciram, abriga estrutura capaz de levantar e monitorar dados de recursos naturais e meio ambiente em geral, contando com diversas estações meteorológicas espalhadas pelo estado, fornece aos fumicultores previsão do tempo a nível mais local, proporcionando, assim, maior controle sobre a variável clima, essencial para a fumicultura.

Pode-se destacar, ainda, a Epagri/Cepa (Centro especializado de informação e planejamento para o desenvolvimento agrícola, pesqueiro e florestal de Santa Catarina). Criado e incorporado à Epagri, no ano de 2005, o Cepa tem a função de realizar o monitoramento e a análise da produção, do mercado agrícola e das políticas

públicas para atuar no desenvolvimento local e regional e desenvolver estudos e pesquisas sobre o espaço rural. Gerar e disseminar informações e prestar serviços para os governos do Estado, da União e municipais, iniciativa privada, organizações de produtores e universidades. Um dos principais trabalhos para essa divulgação dessas informações são divulgadas pela “Síntese anual da agricultura Catarinense” (EPAGRI/CEPA, 2023).

2.4.4 O papel da Cidasc na fumicultura catarinense

A CIDASC (Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina), fundada pelo estado no ano de 1979, atua na inspeção e certificação sanitária de produtos de origem animal e vegetal, assegurando a qualidade e a segurança do tabaco produzido no estado. Este aspecto é vital para manter a confiança e a credibilidade do produto no mercado, como destacam Begnis, Arend e Alievi (2017), que enfatizam a importância da confiança nas relações comerciais e contratuais na cadeia produtiva.

A seguir, são apresentadas as competências gerais da Cidasc, quando, na maioria delas, está incluída a cadeia produtiva de tabaco do estado.

(a) executar os serviços de defesa sanitária animal e vegetal e assegurar a manutenção do serviço de inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal Serviço de Inspeção Estadual (SIE), por meio do registro dos estabelecimentos, produtos e da fiscalização do ato de inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal executado por profissionais da medicina veterinária habilitados pela CIDASC;

(b) promover, apoiar e executar os mecanismos de armazenagem, abastecimento e comercialização de produtos de origem animal e vegetal, os subprodutos, insumos e resíduos;

(c) promover e executar os serviços de fiscalização, padronização, certificação e classificação de produtos de origem vegetal, os subprodutos, insumos e resíduos;

(d) prestar serviços laboratoriais para análise de resíduos tóxicos em produtos de origem animal e vegetal, solo, ração e demais análises laboratoriais relacionadas com a produção e comercialização de animais e vegetais, seus

subprodutos, insumos e resíduos, incluindo análises de controle de qualidade em apoio à fiscalização da produção agropecuária;

(e) estabelecer critérios para credenciamento, reconhecimento, extensão para novas demandas tecnológicas e monitoramento de laboratórios para exercício das atividades previstas no inciso IV, bem como fiscalizar a execução; e desenvolver as atividades de operador portuário no Terminal Graneleiro de São Francisco do Sul (CIDASC, 2024).

Assim, o papel do estado de Santa Catarina, por meio das instituições Epagri e Cidasc, é essencial para a cadeia produtiva do tabaco em Santa Catarina, visto que contribui para a qualidade, a sustentabilidade e a competitividade do setor no mercado nacional e internacional.

2.4.5 O papel da AFUBRA

A Afubra tem a importância verificada para a fumicultura sul brasileira, no sentido de ser a associação com maior representatividade no setor.

Em uma das saídas de campo, foi possível realizar entrevista semiestruturada com dois diretores da instituição, bem como conhecer instalações histórico e a atuação. Essa entrevista, realizada na cidade de Santa Cruz do Sul/RS, município que sedia a matriz da associação, e onde foi fundada a instituição no ano 1955, permitiu alinhar a pesquisa bibliográfica realizada com as informações coletadas, por meio da referida entrevista.

Nesse sentido, a Afubra surge, primeiramente, em função de realizar intermédio entre fumicultor e indústria. Devido ao mercado tabaqueiro à época, possuir muitas oscilações de preço no momento da venda do produtor às empresas.

Posteriormente, como muito enfatizado na entrevista concedida pelos diretores, a Afubra surge com o aporte ao produtor de tabaco em forma do seguro granizo, visto que esse evento climático pode comprometer toda a produção, bem como a qualidade da lavoura. Deste modo, o fumicultor tinha, muitas vezes, a principal renda anual perdida, tendo muitas vezes que renegociar as dívidas com as fumageira e buscar financiamento junto as mesmas para a próxima safra, fato que provocava muitos endividamentos por parte dos fumicultores e, em casos mais extremos, muitas vezes, até perdendo suas terras.

Embasado principalmente na premissas do seguro rural contra granizo para os produtores de fumo, a Afubra cria o Sistema Mutualista de Produção de Fumo. Trata-se de um membro de uma entidade pública, pelo Decreto 8.304, de 6 de dezembro de 1957, na época, pelo governador do estado do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti.

Esse sistema possui histórico de criação e desenvolvimento, onde foram ao longo do tempo sido contemplados outros benefícios aos fumicultores. Assim, o sistema se desenvolveu da seguinte forma:

- Em 1962, criaram-se auxílios para reconstrução de estufa em caso de ocorrência de sinistros durante a cura do tabaco, causado por incêndio.

- Em 1963, a atuação da entidade expandiu se para os produtores de Santa Catarina e do Paraná, passando, a partir de então, a atuar como Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA).

- Em 1967, instituiu o auxílio-funeral para atender a mais uma necessidade social do fumicultor.

- Em 1980, incluiu o auxílio granizo e tufão.

- Em 1987, instituiu o auxílio funeral aos filhos.

- Em 2001, incluiu o auxílio reconstrução estufa, em caso de sinistro, durante a cura do tabaco, causado por vendaval, granizo e raio.

A Tabela 2 demonstra o número de eventos e sinistros derivados da adversidade climática registrados e atendidos pelo sistema mutualista da Afubra desde a safra de 1989/90 até a safra 2022/2023.

Tabela 2 - Número de eventos climáticos e/ou sinistros ocorridos respaldados pelo sistema mutualista da AFUBRA

SAFRA	Nº danos em lavouras	Danos em estufas
2022/2023	28.344	1.322
2021/2022	23.566	988
2020/2021	18.667	1.059
2019/2020	18.067	1.144
2018/2019	22.571	1.309
2017/2018	21.651	1.261
2016/2017	16.160	895
2015/2016	28.227	930
2014/2015	24.604	1.593
2013/2014	34.101	1.410
2012/2013	29.877	1.311
2011/2012	33.659	886
2010/2011	25.455	1.182
2009/2010	23.616	978

2008/2009	34.643	855
2007/2008	40.916	1.077
2006/2007	19.138	1.513
2005/2006	42.668	1.301
2004/2005	26.022	1.400
2003/2004	40.847	1.775
2002/2003	25.807	1.206
2001/2002	35.660	1.056
2000/2001	30.043	836
1999/2000	28.143	770
1989/1990	13.071	618

Fonte: AFUBRA/Sistema Mutualista, 2023.

Observa-se que em todo o período descrito na tabela, os eventos climáticos se fizeram presente acometendo prejuízos a toda a cadeia produtiva do tabaco, sendo que muitos desses fenômenos podem também ocorrer e gerar dano nas instalações, como estufas e galpões, utilizados para a secagem do fumo, conseqüentemente comprometendo a lucratividade da safra para o produtor.

Outro aspecto importante a ser observado nessa tabela está na grande alternância de ocorrências de tais eventos entre anos/safra, anos com muitos registros e outros com redução significativa logo na sequência. Caso observado por exemplo, entre as safras de 2016/17 e 2017/18, em que houve aumento significativo de uma para outra, em danos a lavouras e também danos em estufas, permitindo, assim, se ter uma ideia da grande vulnerabilidade climática sofrida por esse setor e a necessidade de cada vez mais buscar alternativas que diminuam os impactos provenientes dessa adversidade.

O Sistema Mutualista da AFUBRA se faz de grande valia como mais uma ferramenta em que o fumicultor pode contar, a fim de reduzir e minimizar os efeitos causados pelas adversidades climáticas, sendo que se encontra como o tipo de seguro de mais fácil acessibilidade, segundo os fumicultores entrevistados, isso pelo fato de poder ser realizado/adquirido quando o produtor faz o “pedido.” Ou seja, quando o agricultor firma o contrato com a empresa fumageira integradora e na maioria das vezes já faz a aquisição junto a mesma de todos os insumos a serem utilizados, durante o processo de produção do tabaco. Nessa oportunidade, os orientadores agrícolas que desempenham canal mais direto entre empresa e produtor em contratos e assessoria direta, dispõem, também, da condição de realizar o intermédio entre o produtor e a AFUBRA, para fazer a aquisição do seguro vinculado

ao Sistema Mutualista da AFUBRA, o que os torna um membro associado, passando a se beneficiar dessa condição e a ter mais seguridade a suas produções, sendo que esse intermédio é a única ação contribuidora que as empresas fumageiras realizam, pois não propiciam ou apresentam nenhuma outra em relação à seguridade das lavouras de produtores. Conseqüentemente, essas ações ficam em responsabilidade e encargo da associação do setor, a AFUBRA, que oferece o aporte por meio de sistema mutualista ao fumicultor (AFUBRA, 2023).

2.4.6 O papel do SINDITABACO

Fundado em 1947, o Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SINDITABACO) tem a sede no município de Santa Cruz do Sul/RS.

Ao representar os interesses semelhantes de 14 empresas associadas, a entidade oferece visibilidade a importância socioeconômica do setor fumageiro para o mundo e mais de 100 municípios da Região Sul brasileira, incluindo o estado de Santa Catarina.

A seguir, é possível observar uma lista de empresas associadas que trabalham em conjunto com o Sinditabaco com o viés de otimização do setor:

- Alliance One Brasil exportadora de tabaco;
- ATC – Associated Tobacco Company Brasil Exportadora e Importação de Tabaco Ltda.;
- BAT Brasil;
- Brasfumo Indústria Brasileira de Fumos S.A.;
- China Brasil Tabacos Exportadora S.A.;
- CTA – Continental Tobacco Alliance S.A.;
- JTI Processadora de Tabaco do Brasil Ltda.;
- OTC Comércio e Fabricação de Fumos Ltda.;
- Philip Morris Brasil Indústria e Comércio Ltda.;
- Premium Tabacos do Brasil S.A.;
- ProfiGen do Brasil Ltda.;
- Tabacos Marasca Ltda.;
- Universal Leaf Tabacos Ltda.;
- UTC Brasil Indústria e Comércio de Tabaco Ltda.

O Sinditabaco, por sua vez, representa a indústria do tabaco, atuando como interlocutor entre os fabricantes e outras partes da cadeia produtiva, incluindo governos e organizações internacionais. Conforme mencionado por Brum *et al.* (2020), o papel do Sinditabaco é fundamental para a promoção do setor, a negociação de acordos comerciais e a defesa dos interesses da indústria do tabaco. Além disso, o Sinditabaco desempenha papel importante na implementação de práticas sustentáveis e responsáveis na indústria, refletindo as crescentes demandas por responsabilidade social e ambiental no setor.

Essas entidades e organizações, portanto, são essenciais para equilibrar os interesses dos diferentes agentes da cadeia produtiva do tabaco. Elas facilitam a comunicação e a colaboração entre produtores, indústria e governo, contribuindo para a sustentabilidade e o desenvolvimento do setor. Begnis, Arend e Alievi (2017) enfatizam a importância da confiança e da boa governança na cadeia produtiva, ressaltando que a colaboração efetiva entre organizações públicas e privadas é crucial para o sucesso e a estabilidade do setor de tabaco.

2.4.7 Leis, Regras, Convenção Quadro para o Controle do Tabaco e Tabagismo

Como toda cadeia produtiva, com a do tabaco não é diferente. Existem leis, regras, convenções, entre outras que regem a produção, industrialização dos produtos e o consumo. Neste sentido, apresentam-se as principais normatizações sobre a cadeia produtiva do tabaco no Brasil, na Região Sul brasileira e, conseqüentemente, as do estado catarinense, ressaltando que, em grande maioria, estão todas dispostas a serem seguidas à nível de país e mundo.

Assim, realizando consulta por tema, quanto à legislação do setor, disponíveis no Instituto Nacional do Câncer (INCA), foram subtraídos dados que remetem ao objetivo desse item da pesquisa (INCA, 2023).

(1) Proteção contra os riscos da exposição à fumaça do tabaco:

(a) Proteção contra os riscos da exposição à fumaça do tabaco: Portaria Interministerial n° 2.647 (4 de dezembro de 2014). Regulamenta as condições de isolamento, ventilação e exaustão ao ar e medidas de proteção ao trabalhador, em relação à exposição ao fumo nos ambientes estabelecidos no artigo 3° do Decreto n° 2.018/1996, alterado pelo Decreto n.º 8.262/2014.

(b) Decreto nº 8.262 (31 de maio de 2014): regulamenta a proibição do tabagismo em recintos coletivos de todo país e a exposição de produto de tabaco nos pontos de venda. Altera o Decreto nº 2.018/1996, que regulamenta a Lei nº 9.294/1996.

(c) Lei nº 12.546 (14 de dezembro de 2011): altera a Lei n.º 9.294/1996, proibindo o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo fechado, privado ou público, em todo país.

(d) Portaria do Ministério da Saúde nº 300 (9 de fevereiro de 2006): institui o programa “Ministério da Saúde Livre do Tabaco”, com a finalidade de elaborar e implementar ações educativas destinadas a conscientizar os funcionários e os visitantes da instituição em relação aos males provocados pelo uso do tabaco. Proíbe fumar em todas as dependências do Ministério da Saúde, tanto as sediadas no Distrito Federal como as sediadas nos estados e nos municípios.

(e) Portaria interministerial nº 1.498 (22 de agosto de 2002): recomenda às instituições de saúde e de ensino a implantarem programas de ambientes livres da exposição tabagista ambiental.

(f) Lei nº 9.294 (15 de julho de 1996): dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos derivados do tabaco, proibindo o consumo em aeronaves e demais veículos de transporte coletivo.

(g) Portaria interministerial nº 3.257 (22 de setembro de 1988): recomenda medidas restritivas ao fumo nos ambientes de trabalho e confere certificados de honra ao mérito às empresas que se destacarem em campanhas para o controle do tabagismo.

(2) Restrição do acesso aos produtos derivados do tabaco:

(a) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 840 (15 de dezembro de 2023): dispõe sobre a exposição à venda e a comercialização de produtos fumígeno derivados do tabaco.

(b) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 213 (23 de janeiro de 2018): dispõe sobre a exposição à venda e a comercialização de produtos fumígenos derivados do tabaco.

(c) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 15 (17 de janeiro de 2003): proíbe a venda de produtos derivados do tabaco na Internet.

(d) Lei nº 9.294 (15 de julho de 1996): dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos derivados do tabaco, proibindo:

- a venda por via postal, a distribuição de amostra ou brinde;
- a comercialização em estabelecimentos de ensino e de saúde;

(3) Proteção aos jovens:

(a) Lei nº 12.852 (05 de agosto de 2013): institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e as diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE:

Seção V – Do Direito à Saúde

Art. 19. O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral.

Art. 20. A política pública de atenção à saúde do jovem será desenvolvida em consonância com as seguintes diretrizes:

IV – garantia da inclusão de temas relativos ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas, à saúde sexual e reprodutiva, com enfoque de gênero e dos direitos sexuais e reprodutivos nos projetos pedagógicos dos diversos níveis de ensino;

VI – capacitação dos profissionais de saúde, em uma perspectiva multiprofissional, para lidar com temas relativos à saúde sexual e reprodutiva dos jovens, inclusive com deficiência, e ao abuso de álcool, tabaco e outras drogas pelos jovens;

VII – habilitação dos professores e profissionais de saúde e de assistência social para a identificação dos problemas relacionados ao uso abusivo e à dependência de álcool, tabaco e outras drogas e o devido encaminhamento aos serviços assistenciais e de saúde;

VIII – valorização das parcerias com instituições da sociedade civil na abordagem das questões de prevenção, tratamento e reinserção social dos usuários e dependentes de álcool, tabaco e outras drogas;

X – veiculação de campanhas educativas relativas ao álcool, ao tabaco e a outras drogas como causadores de dependência; e

XI – articulação das instâncias de saúde e justiça na prevenção do uso e abuso de álcool, tabaco e outras drogas, inclusive esteroides anabolizantes e, especialmente, crack.

(b) Lei nº 12.921 (26 de dezembro de 2013): proíbe a fabricação, a comercialização, a distribuição e a propaganda de produtos nacionais e importados, de qualquer natureza, bem como embalagens, destinados ao público infante-juvenil, reproduzindo a forma de cigarros e similares.

(c) Decreto nº 6.481 (12 de junho de 2008): aprova a “Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil” e proíbe o trabalho do menor de dezoito anos no processo produtivo, beneficiamento e industrialização do fumo.

(d) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 304 (07 de novembro de 2002): proíbe a produção, importação, comercialização, propaganda e

distribuição de alimentos na forma de cigarros, charutos, cigarrilhas, ou qualquer outro produto derivado do tabaco. Proíbe o uso de embalagens de alimentos que simulem as embalagens de cigarros ou que utilizem nomes de marcas pertencentes a produtos derivados do tabaco.

(e) Portaria do Ministério do Trabalho e Emprego nº 20 (13 de setembro de 2001): proíbe o trabalho do menor de 18 anos na colheita, beneficiamento ou industrialização do fumo.

(f) Lei nº 9.294 (15 de julho de 1996): dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos derivados do tabaco, proibindo a venda a menores de 18 anos e a participação de crianças e adolescentes na publicidade de produtos derivados do tabaco.

(g) Lei nº 8.069 (13 de julho de 1990) – Estatuto da Criança e do Adolescente: proíbe vender, fornecer ou entregar, à criança ou ao adolescente, produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica.

(4) Tratamento e apoio ao fumante:

(a) Portaria Conjunta nº 10 (16 de abril de 2020): aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Tabagismo.

(5) Publicidade e patrocínio dos produtos derivados do tabaco:

(a) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 840 (15 de dezembro de 2023): dispõe sobre a exposição à venda e a comercialização de produtos fumígenos derivados do tabaco.

(b) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 838 (14 de dezembro de 2023): dispõe sobre embalagens de produtos fumígenos derivados do tabaco.

(c) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 213 (23 de janeiro de 2018): dispõe sobre a exposição à venda e a comercialização de produtos fumígenos derivados do tabaco.

(d) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 195 (14 de dezembro de 2017): dispõe sobre embalagens e advertências sanitárias para produtos fumígenos derivados do tabaco.

(e) Lei nº 12.546 (14 de dezembro de 2011): altera a Lei nº 9.294/1996, vedando a propaganda comercial de produtos derivados do tabaco em todo território nacional, permitindo apenas a exposição dos produtos nos locais de venda, acompanhada de advertências sanitárias e da tabela de preços.

(f) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 199 (24 de julho de 2003): regulamenta as frases de advertência do Ministério da Saúde exibidas durante a transmissão de eventos esportivos e culturais internacionais.

(g) Lei nº 9.294 (15 de julho de 1996).

Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos derivados do tabaco, proibindo:

- a propaganda por meio eletrônico, inclusive Internet;
- a propaganda indireta contratada, também denominada merchandising;
- o patrocínio de eventos esportivos e culturais.

(h) Portaria interministerial nº 477 (24 de março de 1995): recomenda às emissoras de televisão que evitem a transmissão de imagens em que apareçam personalidades conhecidas do público fumando. Recomenda aos órgãos integrantes do Sistema Único de Saúde a recusa do patrocínio, colaboração, apoio ou promoção de campanhas de saúde pública pelas indústrias de tabaco.

(i) Constituição da República Federativa do Brasil (5 de outubro de 1988): determina que a publicidade de tabaco estará sujeita à restrições legais e conterà advertência sobre os malefícios do tabagismo (artigo 220).

(7) Ações educativas e de conscientização da população:

(a) Resolução-RDC n.º 838 (14 de dezembro de 2023): dispõe sobre embalagens de produtos fumígenos derivados do tabaco.

(b) Lei nº 12.546 (14 de dezembro de 2011): determina que, a partir de janeiro de 2016, 30% da parte inferior da face frontal das embalagens de produtos de tabaco tenham advertências sanitárias sobre os malefícios do tabagismo.

(c) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 335 (21 de novembro de 2003): dispõe sobre a inserção de novas advertências, acompanhadas de imagens, nas embalagens dos produtos fumígenos derivados do tabaco. Determina a impressão da seguinte informação nas embalagens de cigarros: "Este produto contém mais de 4.700 substâncias tóxicas, e nicotina que causa dependência física ou psíquica. Não existem níveis seguros para consumo destas substâncias."

(d) Portaria interministerial nº 1.498 (22 de agosto de 2002): confere certificados de honra ao mérito às instituições de saúde e de ensino que se destacarem em campanhas para o controle do tabagismo.

(e) Medida Provisória nº 2.190-34 (23 de agosto de 2001): altera a Lei n.º 9.294/96, determinando que as embalagens de produtos fumígenos

derivados do tabaco, exceto as destinadas à exportação, contenham advertências acompanhadas de imagens que ilustrem o seu sentido.

(f) Portaria Interministerial nº 3.257 (22 de setembro de 1988): confere certificados de honra ao mérito às empresas que se destacarem em campanhas para o controle do tabagismo.

(g) Lei nº 7.488 (11 de junho de 1986): cria o Dia Nacional de Combate ao Fumo e determina a realização de comemorações no dia 29 de agosto, em todo o território nacional.

(8) Controle e fiscalização dos produtos derivados do tabaco:

(a) Resolução-RDC n.º 838 (14 de dezembro de 2023): dispõe sobre embalagens de produtos fumígenos derivados do tabaco.

(b) Decreto nº 9.517 de 1/10/2018: institui o Comitê para Implementação do Protocolo para Eliminar o Comércio Ilícito de Produtos do Tabaco.

(c) Decreto Legislativo nº 185 de 11/12/2017: aprova o texto do Protocolo para Eliminar o Comércio Ilícito de Produtos de Tabaco, celebrado em Seul, em 12 de novembro de 2012.

(d) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 43 (3 de setembro de 2013): altera a Resolução RDC nº 30, de 23 de maio de 2013, sobre prazos para adequação das imagens e advertências sanitárias nas embalagens dos produtos derivados do tabaco.

(e) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 30 (23 de maio de 2013): altera a Resolução RDC n. 335, de 21 de novembro de 2003, que dispõe sobre embalagens de produtos fumígenos derivados do tabaco.

(f) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 38 (9 de julho de 2012): dispõe sobre alteração do disque saúde e do logo nas imagens de advertência sanitária nas embalagens de produtos derivados de tabaco.

(g) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 14 (15 de março de 2012): dispõe sobre os limites máximos de alcatrão, nicotina e monóxido de carbono nos cigarros; restringe o uso de aditivos em produtos derivados do tabaco comercializados; proíbe a utilização, em embalagens ou material publicitário, de descritores, tais como, classes, baixos teores, suave, light, leve e outros que possam induzir o consumidor a uma interpretação equivocada quanto aos teores contidos nos cigarros.

(h) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 46 (28 de agosto de 2009): proíbe a comercialização, a importação e a propaganda de quaisquer dispositivos eletrônicos para fumar, conhecidos como cigarro eletrônico.

(i) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 90 (27 de dezembro de 2007): dispõe sobre o registro de dados cadastrais dos produtos fumígenos derivados do tabaco.

(g) Lei nº 11.488 (15 de junho de 2007): obriga os fabricantes de cigarros a instalarem equipamentos contadores de produção e que permitem o controle e rastreamento dos produtos em todo o território nacional, possibilitando a identificação legítima da origem do produto e reprimindo a produção e importação ilegais, bem como a comercialização de contrafações.

(h) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 335 (21 de novembro de 2003): dispõe sobre a inserção de novas advertências, acompanhadas de imagens, nas embalagens e no material de propaganda dos produtos fumígenos derivados do tabaco. Determina a impressão da seguinte frase nas embalagens dos produtos derivados do tabaco: “Venda proibida a menores de 18 anos - Lei 8.069/1990 e Lei 10.702/2003”, proibindo o uso de frases como “Somente para adultos” e “Produto para maiores de 18 anos.”

(i) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 199 (24 de julho de 2003): regulamenta as frases de advertência do Ministério da Saúde exibidas durante a transmissão de eventos esportivos e culturais internacionais.

(j) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 15 (17 de janeiro de 2003): regulamenta disposições dadas pela Lei n.º 9.294 de 15 de julho de 1996.

(k) Resolução-RDC da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 304 (7 de novembro de 2002): proíbe em todo o território nacional a produção, importação, comercialização, propaganda e distribuição de alimentos com forma de apresentação semelhante a cigarro, charuto, cigarrilha, ou qualquer outro produto fumígeno, derivado do tabaco ou não.

(l) Lei nº 9.782 (26 de janeiro de 1999): define o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária. Cria a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), responsável pela regulamentação, controle e fiscalização dos cigarros, cigarrilhas, charutos e qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco.

(8) Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco:

(a) Portaria do Ministério da Saúde nº 713 (17 de abril de 2012): torna pública a Resolução nº 1, de 15 de dezembro de 2011, que estabelece as Diretrizes Éticas aplicáveis aos membros da Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco e de seus Protocolos (Conicq).

(b) Portaria do Ministério da Saúde nº 1.083 (12 maio de 2011): aprova o Regimento Interno da Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (Conicq).

(c) Decreto presidencial s/nº (16 de março de 2012): altera o art. 3º do Decreto de 1º de agosto de 2003, que cria a Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco e de seus Protocolos.

(d) Decreto nº 5.658 (2 de janeiro de 2006): promulga a Convenção-Quadro sobre Controle do Uso do Tabaco, adotada pelos países membros da Organização Mundial de Saúde, em 21 de maio de 2003, e assinada pelo Brasil, em 16 de junho de 2003.

(e) Decreto (1º de agosto de 2003): cria a Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco e de seus Protocolos.

(f) Decreto nº 11.672 de (30 de agosto de 2023): institui a Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro sobre Controle do Uso do Tabaco e de seus Protocolos.

(9) Taxação sobre os produtos de tabaco:

(a) Para informações sobre este tema, acesse a página da Secretaria da Receita Federal, visto que pode ocorrer variações de estado para estado.

Observa-se que há algumas décadas, a legislação brasileira possui campanha antitabagista que é considerada uma das melhores do mundo. Principalmente, pós-adesão à Convenção Quadro do Controle do Tabaco, o país passou a restringir muito mais a produção, industrialização e venda do produto.

No entanto, conforme o trabalho referência sobre o papel da Convenção Quadro de Controle do Tabaco, na fumicultura sul brasileira, afirma que o impacto não foi efetivamente significativo, visto que, em algumas regiões do mundo, como o leste europeu e asiático, ocorreu aumento no consumo do cigarro, fazendo com que o mercado exportador de tabaco brasileiro se manteve e até teve ligeiro aumento Hilsinger (2016).

Portanto, assim, afirma-se que a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco, comparando com outras regiões do mundo, ainda no aspecto do consumo interno do cigarro, que foram encontrados mais êxitos que a nível de Brasil, ao que outros países que adeririam à convenção.

3 DINÂMICA TERRITORIAL DA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO EM SANTA CATARINA

O propósito traçado para este capítulo é promover análise a respeito da dinâmica territorial da cadeia produtiva de tabaco do estado de Santa Catarina, razão pela qual, em primeiro momento, será analisada a distribuição territorial da produção de tabaco em Santa Catarina, para, posteriormente, compreender o processo de concentração da produção que vem ocorrendo, principalmente depois dos anos 2000.

Aliado a isso, igualmente será enaltecido o aspecto que toca os fatores responsáveis pelo deslocamento da produção, bem como a origem territorial da matéria prima e os fluxos entre as unidades produtivas.

Por fim, compreender como ocorrem os mercados consumidores, mais especificamente o interno e o externo.

3.1 DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DA PRODUÇÃO DE TABACO EM SANTA CATARINA

Inicialmente, cumpre esclarecer que a distribuição territorial da produção de tabaco, mais precisamente em Santa Catarina, passou por alterações significativas a partir da década de 1990, cujas transformações estão ocorrendo nas mesorregiões e macrorregiões, resultantes, pois, de uma diversidade de fatores, como o econômico, o político e o social, por exemplo (Eckel, 2020).

Ao considerar os anos de 1985 até 2006, verifica-se que houve manifesta redução de Santa Catarina quanto à produção de tabaco, pois, em 1985, era de 45%, passando para 29% no ano de 2006. A área colhida de tabaco igualmente sofreu diminuição, de 46% para 29%, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 2 - Produção de tabaco e área colhida em Santa Catarina: anos 1985 até 2006

Unidades territoriais	Quantidade Produzida (Toneladas)			Área colhida (Hectares)			Produtividade (Tonelada/hectare)		
	1985	1996	2006	1985	1996	2006	1985	1996	2006
Canoinhas	13.582	26.790	70.651	7.107	15.785	32.674	1,91	1,69	2,16

Rio do Sul	31.598	27.872	46.856	17.650	17.318	23.395	1,79	1,60	2,00
Total	161.559	163.310	306.530	103.659	101.520	154.702	1,55	1,61	1,98

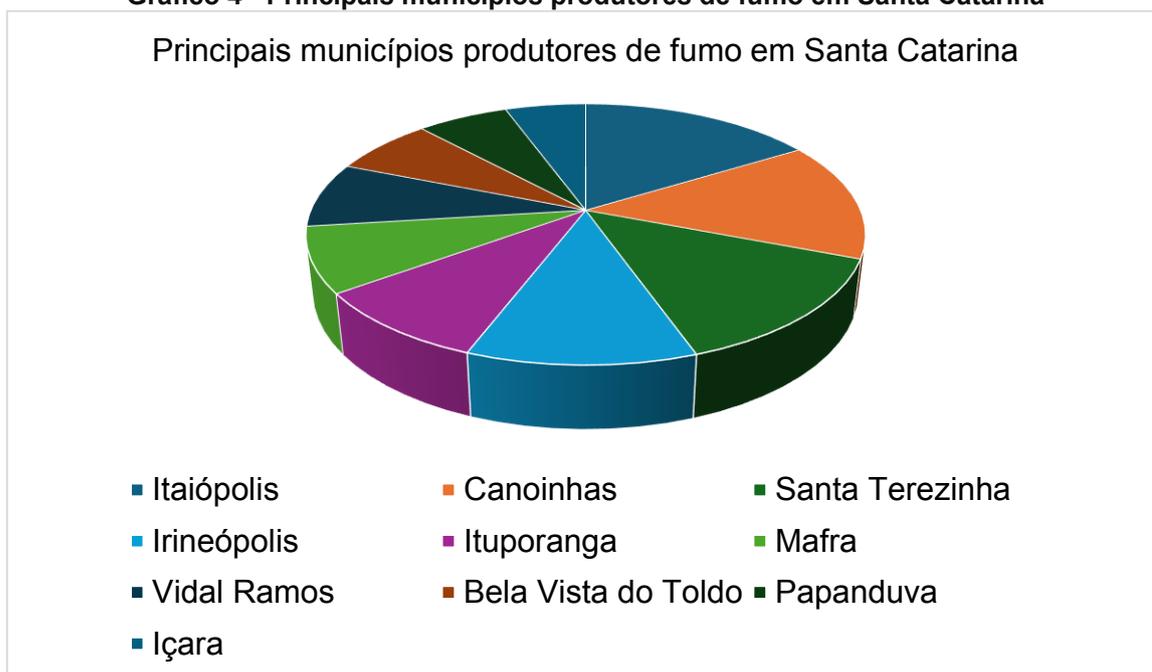
Fonte: Silveira, 2013, p. 29.

Ao compreender os anos de 2006 até 2017, a mesorregião serrana comportou maior rendimento – cerca de 69,6% - sendo que a diminuição da área colhida foi de 44,4% e, diante disso, a participação na safra estadual se manteve abaixo. Na mesorregião Norte Catarinense, tanto em 2006, quanto em 2017, foram obtidas maiores participações na produção, obtendo-se, assim, rendimentos mais vultosos (Eckel, 2020).

Desta feita, é relevante expor que “Da produção estadual de tabaco, 94,3% têm sua origem em oito microrregiões, de um total de 20 microrregiões: Canoinhas, Rio Grande do Sul, Ituporanga, Tubarão, Araranguá, Criciúma, São Miguel do Oeste e Chapecó” (Eckel, 2020, p. 25).

Das microrregiões que não produzem tabaco, podem ser citadas Florianópolis, Itajaí e Joinville. Já 66,3% da produção total catarinense advém de Canoinhas, Rio do Sul e Ituporanga (Eckel, 2020).

Veja-se que o tabaco manifesta grande importância para a economia do Estado, já que perfaz uma das principais culturas agrícolas de Santa Catarina, capaz de gerar empregos e, conseqüentemente, renda para milhares de famílias. Diante disso, tem-se que a produção de tabaco, vinculada de forma direta à indústria do fumo, figura como um dos principais setores da economia de Santa Catarina. Os dez principais municípios produtores de fumo do estado são observados estatisticamente, estando, dentre eles, Itaiópolis, Ituporanga e Papanduva:

Gráfico 4 - Principais municípios produtores de fumo em Santa Catarina

Fonte: Eckel, 2020.

É necessário lembrar de que a distribuição do tabaco no âmbito de Santa Catarina vem passando por modificações significativas nos últimos anos, já que, em primeiro momento, a concentração se dava em regiões específicas do estado, como o Sul e o Oeste Catarinense, passando a se expandir, posteriormente, para outras áreas, como no caso do Vale do Itajaí e o Plantio Serrano (Silveira, 2013).

Cabe ser esclarecido que, em 2011, as regiões que concentravam maior número na produção de fumo foram: “o Sul (31% da produção estadual); o Vale do Itajaí (26%), o Norte (23%) e o Oeste (15%)” (CEPA, 2011, p. 1).

Havia, inclusive, 55.200 famílias produtoras de fumo, sendo que a maior parte era de pequenos produtores, detendo propriedades de menos de dez hectares (CEPA, 2011).

Essa alteração ocorre em virtude de diversos fatores, como com a busca de novas áreas de cultivo, considerando, para tanto, o esgotamento dos solos nas regiões que até então eram usadas como meio tradicional de produção. Aliado a isso, cumpre pontuar a respeito da diversificação das atividades agrícolas, somando-se às alternativas econômicas que são capazes de impulsionar a expansão da produção de tabaco (CEPA, 2011).

Nesse sentido, cumpre esclarecer que o mercado de tabaco vem sendo modificado consideravelmente e, diante disso, “Áreas tradicionais de consumo de

cigarro têm apresentado uma progressiva redução no tabagismo, ao mesmo tempo em que novas áreas de consumo ampliam crescentemente sua participação no mercado mundial” (Silveira, 2013, p. 25).

Mais especificamente entre os anos de 2010 e 2017, foi produzido em Santa Catarina média de 252.771 e 252.017 toneladas de folhas, sendo que, em 2016, houve queda, perfazendo produção de 195.033 toneladas. Esses dados deixaram o estado catarinense apenas atrás do Rio Grande do Sul, cuja produção foi de 414.488 toneladas:

Em Santa Catarina, a produtividade de fumo entre os anos de 2010 e 2017, foi de 252.771 toneladas e 252.017 toneladas de folhas, respectivamente, somente em 2016 houve um declive na produção com 195.033 toneladas. Esses dados colocam Santa Catarina em 2º lugar no Ranking Brasileiro de Produção de Fumo, atrás apenas do Rio Grande do Sul com 414.488 toneladas (ECKEL, 2020, p. 24).

Em decorrência disso, viabiliza-se o desencadeamento da política de incentivos fiscais e de crédito agrícola que é objeto de adoção por parte do governo local, proporcionando maior estímulo, para que os produtores efetivamente invistam na produção de tabaco, mormente nas regiões que carecem de maior desenvolvimento econômico (Silveira, 2013).

3.1.1 A concentração da produção de fumo em Santa Catarina

É importante salientar que o estado de Santa Catarina consiste em um dos principais produtores de tabaco do Brasil, de maneira que o clima favorável, bem como o solo que se mostra propício para o cultivo, contribuem significativamente para tanto. Indiscutivelmente, por um lado, essa atividade é capaz de gerar diversos empregos locais, promovendo a movimentação da economia (Hirsch, 2020).

A produção de fumo assumiu maior relevância no Estado a partir do século XIX, quando se consolidou o formato de produção da agricultura familiar com novas técnicas e o deslocamento do eixo produtivo do tabaco para a região Sul. Em 1918, a empresa Souza Cruz trouxe inovações tecnológicas no cultivo e beneficiamento e a implantação do Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), passando a produção a ser realizada em escala comercial, no estado catarinense devido incentivos de empresa fumageira (Kopper-Müller; Tavares, 2018, p. única).

A partir do momento que houve a introdução do SIPT no âmbito das empresas fumageiras, a atividade relativa ao tabaco realizada em Santa Catarina passou a ser

operacionalizada por empresas multinacionais que, por sua vez, atuam por meio de uma dinâmica da produção, capaz de abranger empresas e produtores, cuja jornada de trabalho abrange praticamente oito meses do ano, desde a sementeira até o momento da venda do produto (Kopper-Müller; Tavares, 2018).

Entretanto, é necessário lembrar de que muitas famílias dependem sobremaneira do cultivo do tabaco para respectiva subsistência, o que pode trazer riscos para a região, em razão de haver a dependência econômica em relação a um único produto (Hirsch, 2020).

Aliado a isso, cabe lembrar a respeito da vulnerabilidade dos produtores aos preços internacionais, bem como as políticas de controle do tabagismo (Hirsch, 2020).

Nesses termos, esclarece-se que “49% dos produtores de tabaco dependem unicamente da renda do tabaco e entre os não produtores 40,5% dependem da renda de um único produto, entre os quais se destacam o leite, o milho e a soja” (Amadeu, 2018, p. 40).

Diante disso, a vulnerabilidade dos produtores aos preços internacionais do tabaco, bem como as políticas de controle de tabagismo, é observada como um dos principais problemas que estão atrelados à concentração da produção de tabaco nesta região, não podendo deixar de mencionar que as flutuações podem impactar significativamente na renda dos agricultores, assim como na economia da região (Hirsch, 2020).

Cumpra-se ainda esclarecer que outra particularidade que igualmente tende a afetar a economia do tabaco, consiste e reside na maior conscientização da população a respeito dos malefícios, o que enseja, conseqüentemente, maior restrição quanto ao consumo e à publicidade do produto, o que afeta a demanda e, por conseguinte, a própria produção (Hirsch, 2020).

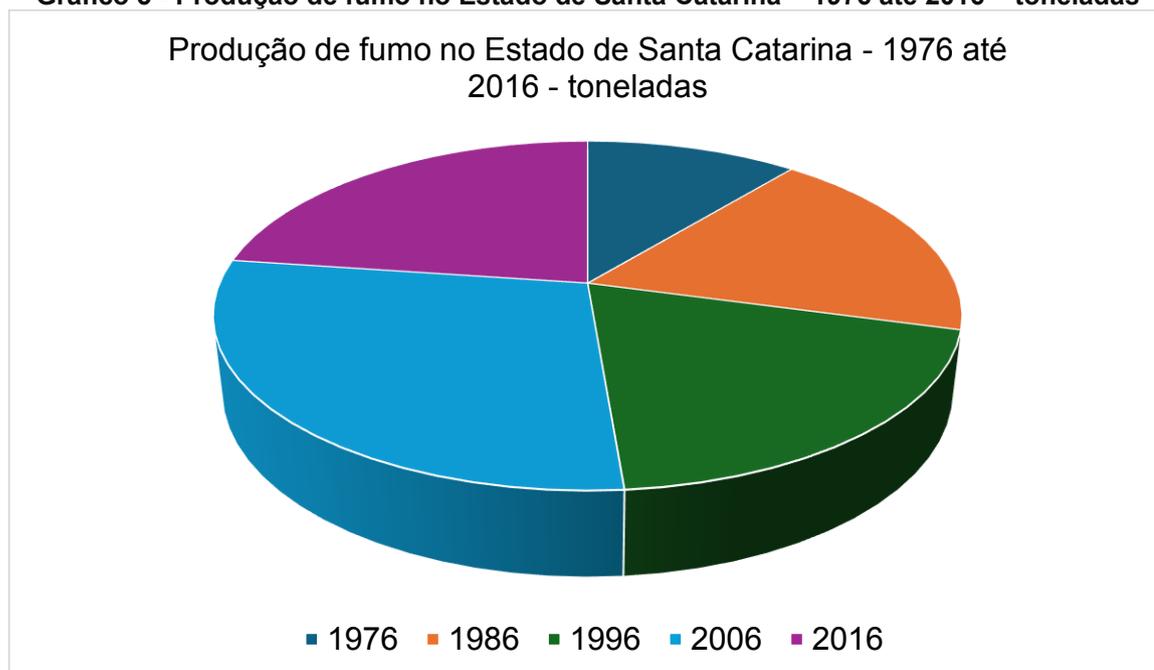
Uma das questões que também agregam na concentração da produção diz respeito ao impacto ambiental ocasionado pela produção do tabaco, tendo em vista que a utilização de agrotóxico, (que diminui a cada ano, conforme relato dos produtores e empresas entrevistados), somando-se à necessidade das grandes áreas de cultivo, são passíveis de desencadear conseqüências negativas tanto para a região do solo, quanto para os recursos hídricos da respectiva região (Kopper-Müller; Tavares, 2018).

Nesse enfoque, cabe ser sinalizado que “O estado catarinense tem apresentado crescimento progressivo na produção de fumo, porém, a partir da década

de 2010 vem apresentando declínio, sendo que entre os resultados da produção de 2006 a 2016 a redução na produção foi de 20%” (Kopper-Müller e Tavares, 2018, p. única).

O Gráfico 5 mostra quantidade de fumo que foi produzido em Santa Catarina, entre os anos de 1976 e 2016.

Gráfico 5 - Produção de fumo no Estado de Santa Catarina – 1976 até 2016 – toneladas



Fonte: Kopper-Müller; Tavares, 2018.

No quadro a seguir, demonstra-se uma série histórica da produção de fumo, considerando a mesorregião de Santa Catarina, compreendendo, neste particular, o período de 1996 até 2016. Aliado a isso, igualmente, foi apontado o índice de produção por microrregião, mais precisamente em relação à safra pertinente a 2015/2016.

Quadro 3 - produção de fumo considerando a mesorregião de Santa Catarina (1996 até 2016) e índice de produção por microrregião (2015/2016)

Mesorregião	Microrregião	Nº munic. Microrreg.	1996* (ton.)	2006 (ton.)	2016 (ton.)	% safra 2015/2016
Grande Florianópolis	Florianópolis	9	6213	9185	6324	0
	Tijucas	7				2,3
	Tabuleiro	5				0,9
Norte Catarinense	Canoinhas	12	31486	62625	69288	34,8
	São Bento	3				0,6
	Joinville	11				0

Oeste Catarinense	Concórdia	15	31624	41768	21872	0,1
	Xanxerê	17				0,9
	Chapecó	38				4,8
	S.M. Oeste	21				4,8
	Joaçaba	27				0,7
Serrana	Curitibanos	12	3661	2937	2774	0,5
	Campos de Lages	18				0,9
Sul Catarinense	Criciúma	11	52578	50651	39023	5,8
	Tubarão	20				8,3
	Araranguá	15				6,0
Vale do Itajaí	Blumenau	15	40726	76845	55752	0,7
	Rio do Sul	20				16,8
	Ituporanga	7				11,1
	Itajaí	12				0
Totais produzidos			166288	244011	195033	100

Fonte: Kopper-Müller; Tavares, 2018.

Assim, observa-se que alguns desafios são possíveis de serem encontrados, razão pela qual é fundamental o uso de alternativas que tenham por escopo promover a diversificação da economia. Isso porque, a alta concentração da produção de tabaco no estado de Santa Catarina reside em realidade capaz de apresentar desafios e oportunidades para a região (Hirsch, 2020).

3.2 FATORES RESPONSÁVEIS PELO DESLOCAMENTO DA PRODUÇÃO

Salienta-se que o estado de Santa Catarina reside em uma região conhecida quando o assunto é a produção de tabaco no país. Entretanto, é notório que, nos últimos anos, está ocorrendo manifesto deslocamento da produção de tabaco para outras localidades do Brasil, em virtude de alguns fatores que serão sinalizados a partir deste momento (Dening, 2019).

Desta feita, não é demais lembrar que “O capital investido pelas empresas em ramo global acelerou a demanda por produtos oriundos do tabaco, ampliando o leque de opções ao usuário de tabaco e incorporando novas tendências de uso” (Dening, 2019, p. 6).

O primeiro fator a ser analisado consiste no aumento da concorrência, pois, diante da globalização, somando-se à abertura do mercado, determinados países passaram a proceder com a produção de tabaco em larga escala, razão pela qual subsiste a oferta de preços que se mostram mais competitivos, ocasionando, conseqüentemente, a busca do setor em alternativas tidas como mais econômicas (Figueiredo, 2008).

Questão que vem influenciando sobretudo nesta particularidade é o aspecto que toca a saúde, eis que, nos últimos anos, é possível verificar crescente preocupação a respeito da conscientização em relação aos malefícios ocasionados pelo uso do tabaco, fazendo com que subsista a diminuição do consumo (Figueiredo, 2008).

Em decorrência disso, as empresas estão optando cada vez mais pela redução dos custos, optando, geralmente, regiões em que a mão de obra é menos onerosa (Figueiredo, 2008).

[...] para que a produção de fumo atinja números consideráveis, o trabalho desenvolvido pelos agricultores nas lavouras adquire características particulares como a multiplicidade de tarefas, a exigência de esforço físico excessivo durante a jornada de trabalho, a exposição a intempéries climáticas e a necessidade de adotar posturas inadequadas. A associação destes fatores (riscos ocupacionais) favorece o surgimento de problemas de saúde, além de levar a alterações no desempenho funcional do agricultor, que a curto ou longo prazo podem levar ao afastamento do trabalho (HEEMANN, 2009, p. 15).

Diante disso, “Empresas de tabaco ao longo da história se posicionavam contra toda e qualquer política antitabaco que surgiu em meio a várias mortes causadas pelos seus produtos, evitando assim uma onda de processos e de indenizações” (Denning, 2019, p. 9).

Na medida do possível, os produtores vinculavam as mortes ao consumo de outros produtos, sendo, pois, diversos dos seus (Denning, 2019).

Os regramentos jurídicos que se encontram vigentes e compreendem maior restrição também contribuem para o deslocamento da produção, pois, por exemplo, por meio de obrigatoriedade da utilização de embalagens com advertências sobre os males ocasionados pelo tabaco, bem como a proibição de fumar em locais públicos, torna-se dificultosa a permanência das empresas nestas regiões, que acabam buscando estados com legislações mais flexíveis, para que possam produzir de maneira mais livre (Figueiredo, 2008).

A ausência de incentivos governamentais é, igualmente, fator contribuinte para o deslocamento da produção do tabaco, eis que existem regiões que são capazes de ofertar subsídios e benefícios fiscais que tenham o escopo de atrair empresas atreladas ao setor, tornando-se locais mais atrativos, eis que é um fator preponderante em relação aos custos de produção (Heemann, 2009).

Assim, muito embora a produção de tabaco tenha íntima relação com as políticas antitabagistas que são delimitadas pelos órgãos de saúde, “[...] encontra apoio em muitos setores governamentais, nos quais sempre aproveitavam que este produto tinha rápido mercado para garantir para si um pouco da política ao seu favor” (Dening, 2019, p. 8).

Por fim, não é demais lembrar que o uso da mão de obra menos onerosa em países considerados como menos desenvolvidos constitui elemento que contribui para o deslocamento da produção, de forma que os empreendedores acabam visando a troca de mercadorias para, conseqüentemente, diminuir o valor para fins de exportação, viabilizando o aumento da qualidade, da quantidade produzida e, ainda, do desempenho do fumo para o mercado (Dening, 2019).

3.3 A ORIGEM TERRITORIAL DA MATÉRIA PRIMA E OS FLUXOS ENTRE AS UNIDADES PRODUTIVAS

Como é de conhecimento, o estado de Santa Catarina é conhecido em virtude da diversidade econômica, destacando-se, aqui, a produção de tabaco. Neste sentido, o estado comporta grande quantidade de unidades produtivas dedicadas ao cultivo e, conseqüentemente, no processamento da referida matéria-prima (Berdnachuk, 2019):

Desde o início das plantações, até atualmente, o fumo era cultivado em propriedades de 20 hectares, sendo usados pouco mais de 10% das mesmas. A produtividade da terra já era elevada, pois iniciaram as plantações de maneira tecnicada, com sementes e insumos selecionados, todos repassados pela fumageira, dentro do cumprimento de metas de um pacote tecnológico (SILVA, 2002, p. 115).

Compreende-se que a origem territorial da matéria-prima é de suma importância quando o assunto versa a respeito da produção do tabaco, eis que a localização geográfica influencia significativamente na qualidade do tabaco que é objeto de produção, especialmente em decorrência do clima, do solo, assim como de

outros fatores que determinam as características, como o sabor e o teor da nicotina (Berdnachuk, 2019).

É importante destacar que o fluxo entre as unidades produtivas igualmente comporta papel relevante quando o assunto é a cadeia produtiva do tabaco, eis que os produtores, em algumas ocasiões, dependem de parcerias e acordos a serem celebrados com outras unidades como meio de garantir a continuidade da produção, já que engloba diferentes etapas, abrangendo desde o cultivo até o processamento final (Berdnachuk, 2019).

Neste particular, deve ser mencionado que “Atualmente, o Estado de Santa Catarina é responsável por 31% da produção de fumo da região sul do País. É também detentor da maior área cultivada do fumo do tipo Burley,¹³ esse, utilizado também para elaboração de tipos de charutos para atender alguns mercados nacionais internacionais em específico, além dos cigarros, assim como o fumo tipo Virgínia”¹⁴ (Silva, 2002, p. 116).

¹³ O tabaco do tipo Burley é assim considerado devido ao fato de passar por um processo de cura considerado mais lento, sendo, pois, processado em condições naturais. Nesse passo, as plantas acabam sendo colocadas em suspensão dentro de um período de 40 dias, sendo, posteriormente, encaminhadas para produção. A coloração atribuída varia de tons marrons mais claros e escuros. (BAT BRASIL, s.d.).

¹⁴ O processo de cura é de 4 a 5 dias, que ocorre em uma estufa capaz de comportar rígido controle de temperatura e umidade. A sua cor pode variar em amarelo vivo, laranja e mogno (BAT BRASIL, s.d.).

Figura 16 - Fumo do tipo Burley

Fonte: ProfiGen, 2023.

Figura 17 - Fumo do tipo Virginia

Fonte: ProfiGen, 2023.

Revela-se importante observar a logística e a distribuição do produto, já que a matéria-prima necessita ser transportada das áreas de cultivo para as respectivas unidades de processamento, transformando-se, assim, em produtos finais, como blends, charutos e cigarros. Diante disso, há diversidade de figuras envolvidas nesse processo, como os produtores, transportadores e distribuidores. Desta feita, o controle do fluxo entre as unidades produtivas são cruciais para efetiva garantia da

disponibilidade do produto que está sendo inserido no mercado (Berdnachuk, 2019)

3.4 OS MERCADOS CONSUMIDORES

3.4.1 O mercado interno

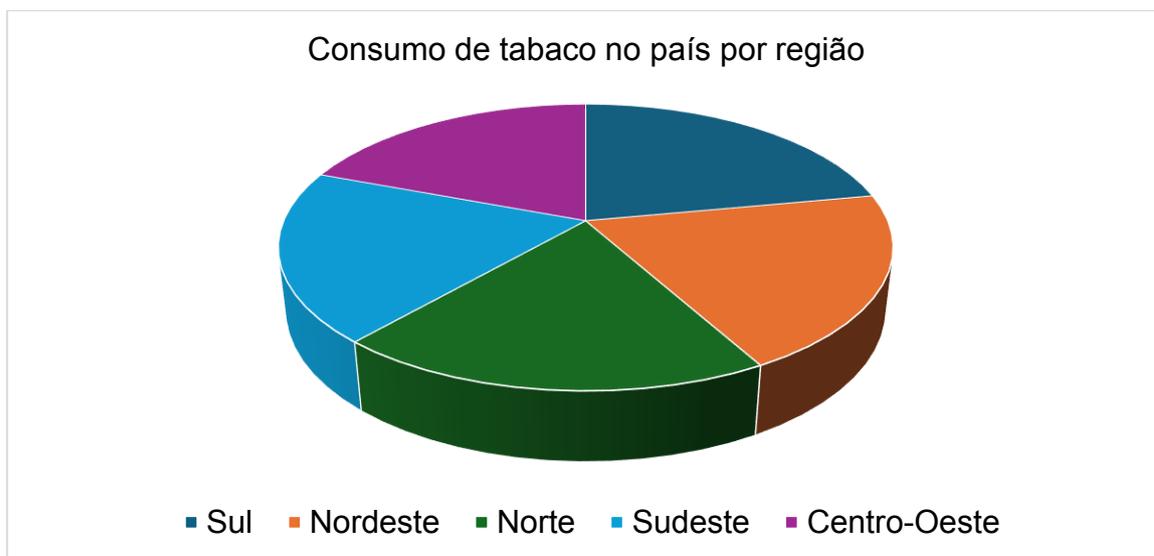
Nesse particular, cabe mencionar que o mercado consumidor reside no coração de qualquer tipo de economia, tendo em vista perfazer o local em que os produtos acabam sendo comprados e vendidos, ocasionando, conseqüentemente, o crescimento e a geração de riqueza, sobressaindo, nesta pesquisa, o mercado interno de tabaco (Rubem; Silva; Bittencourt; Rego, 2014).

Desta feita, salienta-se que “A importância socioeconômica do tabaco para a região sul do país é indiscutível. Segundo a Afubra, a lavoura do produto está presente em mais de 488 municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná” (Rubem; Silva; Bittencourt; Rego, 2014, p. 13)

O tabaco comporta grande história como produto consumido, pois, desde a época mais remota, as pessoas vêm desfrutando dos efeitos, mormente os mais relaxantes e estimulantes. E, no decorrer dos tempos, tornou-se negócio lucrativo, razão pela qual os empreendedores não mediram esforços para o fim de atender às demandas dos consumidores (Rubem; Silva; Bittencourt; Rego, 2014)

Ao considerar os dados obtidos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Sul é a região que mais consome tabaco no país, seguindo do Nordeste, Norte, Sudeste e Centro-Oeste.

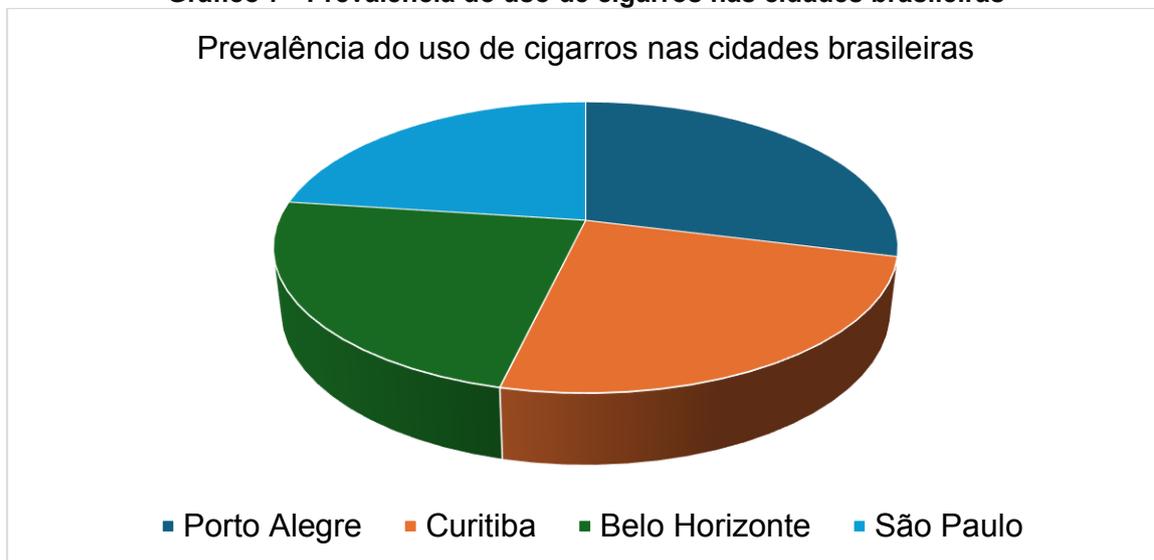
Gráfico 6 - Consumo de tabaco no país por região



Fonte: G1, 2009.

Tomando como base as capitais brasileiras, a maior prevalência quanto à utilização do cigarro foi em Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e São Paulo, graficamente.

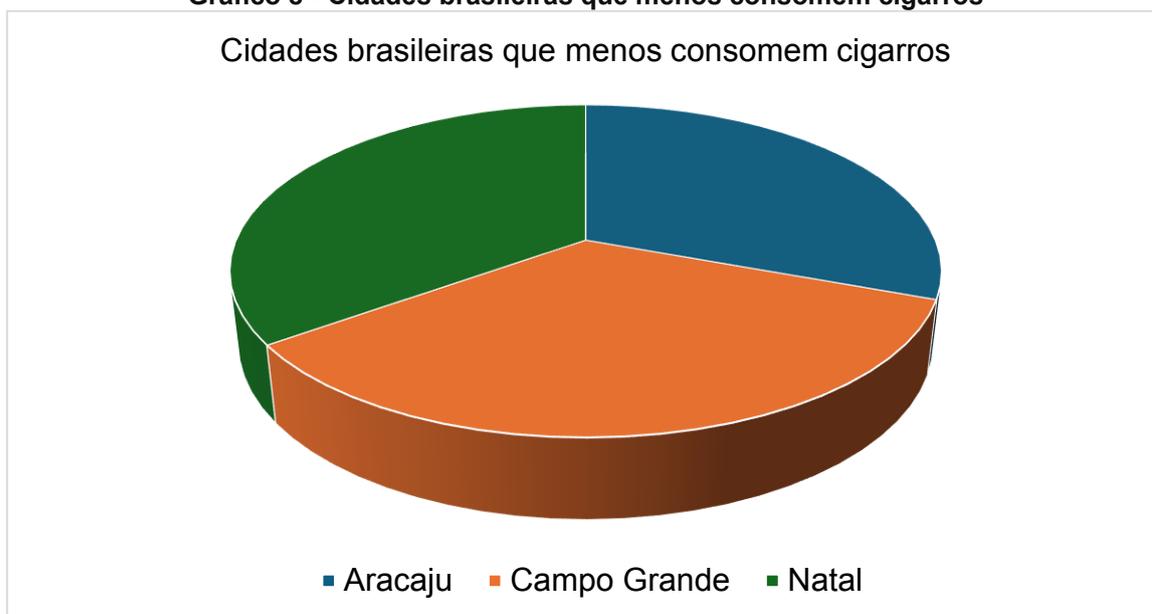
Gráfico 7 - Prevalência do uso de cigarros nas cidades brasileiras



Fonte: Ministério da Saúde, 2004.

Já entre as cidades com menor número de consumo de tabaco estão Aracaju, em que se observa a média de 31%; Campo Grande, comportando 34%; e Natal, com 35%, graficamente.

Gráfico 8 - Cidades brasileiras que menos consomem cigarros

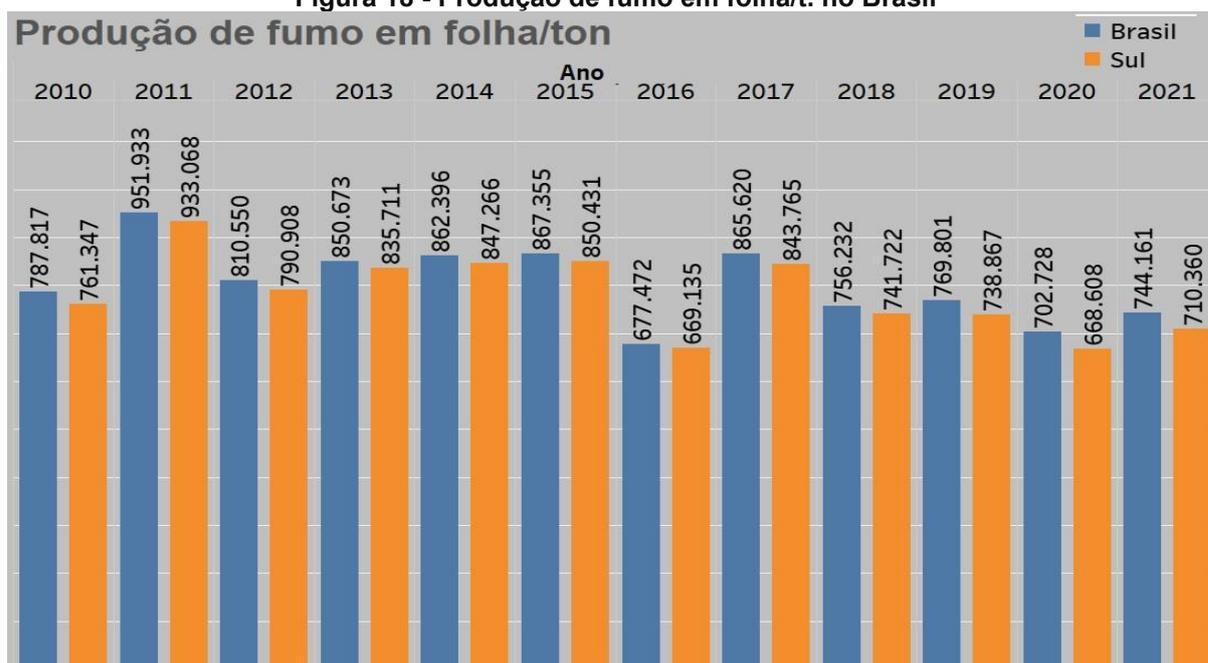


Fonte: Ministério da Saúde, 2004.

A predominância da Região Sul na esfera do tabaco pode ser evidenciada no estudo realizado pelo Instituto Nacional de Câncer, que demonstra dados do período de 2010 até 2021, reforçando a ideia de que quando comparado ao restante do Brasil, os números atingem quase a totalidade dos índices.

Isto é, a Região Sul é praticamente a responsável pela maioria da produção de fumo do país e pelo consumo do produto.

Figura 18 - Produção de fumo em folha/t. no Brasil



Fonte: Governo Federal, 2022.

Conforme informações obtidas junto ao sítio eletrônico da Associação Brasileira dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA), a safra atinente ao tabaco, nos anos de 2022/2023, fechou no patamar de 605.703 toneladas. Dentre as variedades, tem-se que a Virginia chegou a 551.586 toneladas, ao passo que o Burley foi de 46.469 toneladas. Já o Galpão Comum¹⁵ foi de 7.649 toneladas (AFUBRA, 2023).

Considerando apenas a Região Sul do país, “houve um aumento de 6,1%, ou seja, 246.590 há na 2021/2022 para 261.740 há. A produção aumentou de 560.181 toneladas para 605.703 toneladas, um aumento de 8,1%” (AFUBRA, 2023). O aumento da safra em Santa Catarina foi de 1,5%, com receita bruta de R\$ 3.546.840.971,69, representando 32,3% do Sul do país.

Figura 19 - Fumo Galpão Comum



Fonte: ProfiGen, 2023.

No quadro a seguir, verifica-se o comparativo entre as safras 21/22 e 22/23, no estado de Santa Catarina, mais precisamente em relação à produção dos tipos Virginia, Burley e o Comum, enquanto no penúltimo período, a produção foi de

¹⁵ Esse tipo de fumo é curado ao ar, sendo que o destino é para a feitura de cigarros que são comercializados no âmbito doméstico, eis que tanto as características físicas, quanto de fumaça, mostram-se bem aceitas no mercado.

171.805 toneladas, já, no último período, o importe foi de 192.235 toneladas, comportando percentual positivo de crescimento de 11,9%.

Quadro 4 - Comparativo 21/22 – 22/23: Santa Catarina

Produção (t) Santa Catarina			
Tipo/Safra	21/22	22/23	Δ%
Virgínia	159.130	176.508	10,9%
Burley	11.928	14.455	21,2%
Comum	747	1.272	70,3%
Total	171.805	192.235	11,9%

Fonte: AFUBRA, 2023.

Ao considerar os mesmos fatores, no quadro a seguir, foi promovido comparativo a respeito da área (ha) plantada. Em 21/22, a área completou o total de 70.306 hectares, sendo que, em 22/23, 77.489 hectares, com percentual de crescimento de 10,2%.

Quadro 5 - Comparativo 21/22 – 22/23: Santa Catarina

Área (ha) Santa Catarina			
Tipo/Safra	21/22	22/23	Δ%
Virgínia	64.541	70.272	8,9%
Burley	5.345	6.579	23,1%
Comum	420	638	51,9%
Total	70.306	77.489	10,2%

Fonte: AFUBRA, 2023.

Em relação à produtividade (kg/ha), em 21/22, o total foi de 2.444, ao passo que em 22/23, 2.481, com percentual delta de 1,5%.

Quadro 6 - Comparativo 21/22 – 22/23: Santa Catarina

Produtividade (kg/ha) Santa Catarina			
Tipo/Safra	21/22	22/23	Δ%
Virgínia	2.466	2.512	1,9%
Burley	2.232	2.197	-1,6%

Comum	1.779	1.994	12,1%
Total	2.444	2.481	1,5%

Fonte: AFUBRA, 2023.

Finalmente, ressalta-se que no aspecto que toca o preço (R\$/Kg), em 21/22, o montante totalizou 17,19 e, em 22/23, 18,45, verificando-se percentual delta de variação de 7,3%.

Quadro 7 - Comparativo 21/22 – 22/23: Santa Catarina

Preço (R\$/Kg) Santa Catarina			
Tipo/Safra	21/22	22/23	Δ%
Virgínia	17,30	18,52	7,1%
Burley	15,96	17,74	11,1%
Comum	14,35	16,31	13,7%
Total	17,19	18,45	7,3%

Fonte: AFUBRA, 2023.

Entretanto, o mercado interno de tabaco passou a enfrentar desafios considerados significativos, especialmente pela conscientização a respeito dos efeitos prejudiciais que dele emanam, ensejando restrições governamentais, além da diminuição da demanda por parte da população, o que faz com que as empresas acabem buscando novas estratégias como atrativo de consumidores, mantendo, assim, as respectivas vendas (OPAS, 2023).

Diante disso, “Apesar do declínio da prevalência do tabagismo em adultos, a prevalência do tabagismo entre os jovens permanece estável em torno de 5% para ambos os sexos e a taxa de experimentação em torno de 19% para meninos e 17% para meninas” (OPAS, 2023, p. única). Ademais, cumpre lembrar de que, em 2006, o consumo de cigarro perfazia média de 816 por ano, passando para 500 em 2013.

Logo, a diversificação dos produtos consiste em estratégia bastante importante, de maneira que as empresas de tabaco estão inserindo no mercado diversidade de produtos, como ocorre com o tabaco aquecido e o cigarro eletrônico, visando, neste particular, o atendimento das preferências dos consumidores modernos (OPAS, 2023).

Na Figura 20 a seguir, um exemplo do formato de “cigarro com tabaco aquecido” desenvolvido pela empresa Philip Morris. Na entrevista realizada com o gerente da unidade, o cigarro de tabaco aquecido ¹⁶vem ganhando muita aceitação nos mercados Europeus e Leste da Ásia. Segundo a empresa, esse tipo de cigarro é bem menos danoso à saúde do fumante, visto que não se utiliza do uso do fogo para o consumo, agente que desencadeia a maioria dos gases tóxicos prejudiciais aos fumantes.

Figura 20 - Cigarro de tabaco aquecido



Fonte: Foto tirada pelo autor, maio, 2023.

Apesar da ANVISA impor grandes restrições ao controle da circulação de produtos derivados do tabaco, neste sentido, “O Brasil perdeu quase R\$ 90 bilhões nos últimos 10 anos em decorrência do contrabando de cigarros. Hoje, quase metade (48%) dos cigarros consumidos no país é ilegal, sendo que a maioria é contrabandeado principalmente do Paraguai” (Exame, 2022, p. única).

Assim, há estimativa no sentido de que a produção excedente de cigarros provenientes das fábricas paraguaias é capaz de abastecer o contrabando no Brasil, pois, a partir do momento que não há o pagamento de impostos, o valor final acaba

¹⁶ Até então, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) não autorizou a venda e o consumo desse tipo de cigarros no Brasil.

sendo até 65% menos oneroso, quando comparado ao produto legal, servindo como verdadeiro atrativo ao consumidor brasileiro (Exame, 2022).

Além do impacto econômico, os cigarros contrabandeados não obedecem às normas e critérios estabelecidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), não havendo, portanto, nenhum controle da sua composição. O resultado é que o consumidor brasileiro não sabe o que está comprando. De acordo com estudos de universidades públicas brasileiras, o cigarro ilegal chega a conter ácaros, fungos e até pelos de ratos, além de alta concentração de metais pesados (EXAME, 2022, p. única).

Em que pese as diversas inovações serem bem aceitas em determinados mercados, acabam, em outros, enfrentando determinada resistência, tendo em vista o apego excessivo aos cigarros tradicionais (OPAS, 2023).

As políticas governamentais também influenciam significativamente o mercado do tabaco, por meio da adoção de políticas que são capazes de influenciar significativamente o mercado, como ocorre com os impostos que incidem sobre o tabaco, as restrições quanto à publicidade e embalagens padronizadas, por exemplo (OPAS, 2023).

A tabela a seguir exemplifica a produção mensal de cigarros do Brasil no ano de 2021. As informações da tabela são indicadas pela Receita Federal, órgão que regula a produção e exportação de cigarros no Brasil. Destaca-se que as embalagens de cigarros são comercializadas com vinte unidades, sendo em dois formatos, um do tipo “Maço” e outro tipo “Box.” A diferença entre os dois é basicamente quanto ao tipo “Box”, que devido a maior resistência da embalagem, é considerada de melhor qualidade para o transporte, tanto do fumante quanto para distribuição por parte das empresas. Além de constituir-se em mais uma das ferramentas de inovação para “fora da porteira”, que tem por objetivo manter e/ou aumentar o consumo de cigarros, devido a maior comodidade ao fumante. Ademais, a embalagem tipo “Box”, após aberta, é considerada pelo fumante como melhor condicionante do aroma do cigarro.

Ano 2021	PRODUÇÃO DE CIGARROS NO BRASIL* (1)			
	Maço	Box	Exportação**	Total
Janeiro	85.629.677	209.443.437	19.908.093	314.981.207
Fevereiro	88.232.679	217.428.419	19.686.350	325.347.448
Março	89.308.927	242.970.432	17.560.425	349.839.784
Abril	82.586.417	202.261.367	21.501.626	306.349.410
Maio	79.713.357	223.336.330	27.445.339	330.495.026
Junho	76.829.624	220.882.883	28.335.009	326.047.516
Julho	71.073.258	196.258.749	19.803.454	287.135.461
Agosto	69.263.802	223.756.577	23.021.373	316.041.752
Setembro	58.671.219	206.248.604	20.428.674	285.348.497
Outubro	69.752.987	235.530.308	22.414.160	327.697.455
Novembro	69.115.958	220.186.676	22.296.794	311.599.428
Dezembro	61.003.923	199.836.068	24.095.321	284.935.312
Total	901.181.828	2.598.139.850	266.496.618	3.765.818.296

* Em embalagens com vinte unidades.

** Produtos de exportação constam com embalagens maço e rígidas agregadas.

Fonte: Scorpions. Posição em 05/04/2022.

A tabela também demonstra que o Brasil, além de abastecer o mercado interno de consumo, também é um grande exportador do tabaco industrializado, desses, em grande maioria, destinado a países da União Europeia (Receita Federal, 2022).

Quando se analisa que, das mais de 560.181 t. que foram produzidas na safra 2022/2023, cerca de 85% foram exportadas, fato que exemplifica o potencial e a complexidade da cadeia produtiva do tabaco brasileira e catarinense.

3.4.2 O mercado externo

O mercado externo de tabaco é responsável por adquirir cerca de 85% do fumo em folha produzido no Brasil. Para as transnacionais operantes no Brasil, a partir do momento em que as operações tabaqueiras acabam sendo expandidas para países em que as restrições são menores, torna-se mais viável garantir a sobrevivência e, assim, manter os lucros.

Até 2012, observa-se a China na liderança do consumo de tabaco (2.562,050 bilhões), seguido da Índia (465,510), dos Estados Unidos (441.720) e da Rússia (268,750). O Brasil ficou em décimo lugar, com consumo de 88.990.

Figura 21 - Consumo mundial de cigarros

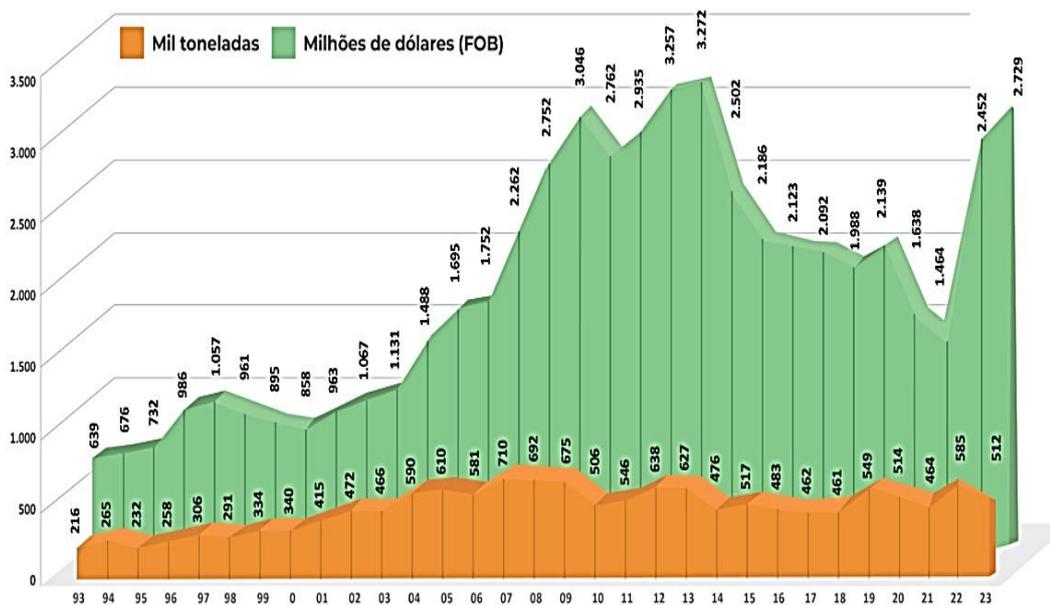
CONSUMO MUNDIAL DE CIGARROS					
PAÍS	Bilhões de Unidades				
	2012	2011	2010	2005	2000
China	2.562,050	2.559,490	2.546,760	2.763,820	2.235,470
Índia	465,510	465,040	462,730	465,610	474,280
Estados Unidos	441,720	441,280	439,080	441,810	498,910
Rússia	268,750	268,480	264,240	279,570	301,480
Alemanha	148,560	148,410	146,060	154,530	175,300
Indonésia	147,940	147,790	147,060	147,980	170,540
Japão	142,080	141,940	141,230	142,120	164,700
Turquia	106,240	106,130	105,600	117,330	114,100
Reino Unido	92,380	92,290	90,830	96,100	100,440
Brasil	88,990	97,450	96,970	108,240	96,550
Outros	1.307,260	1.297,410	1.296,460	1.608,020	2.036,330
TOTAL	5.771,480	5.765,710	5.737,020	6.325,130	6.368,100

Fonte: Governo Federal, 2022.

Sob esse prisma, cumpre salientar que, em 2022, a produção de tabaco de cerca de 138 mil produtores acabou sendo vendida para, aproximadamente, 104 países e, mesmo diante dos problemas com transporte que foram alavancados, devido à pandemia, o país permanece como o maior exportador mundial de tabaco do fumo em folha.

O Gráfico 9 mostra a evolução das exportações do tabaco brasileiro entre os anos de 2009 e 2022.

Gráfico 9 - Evolução das exportações brasileiras de tabaco – 2009 – 2022



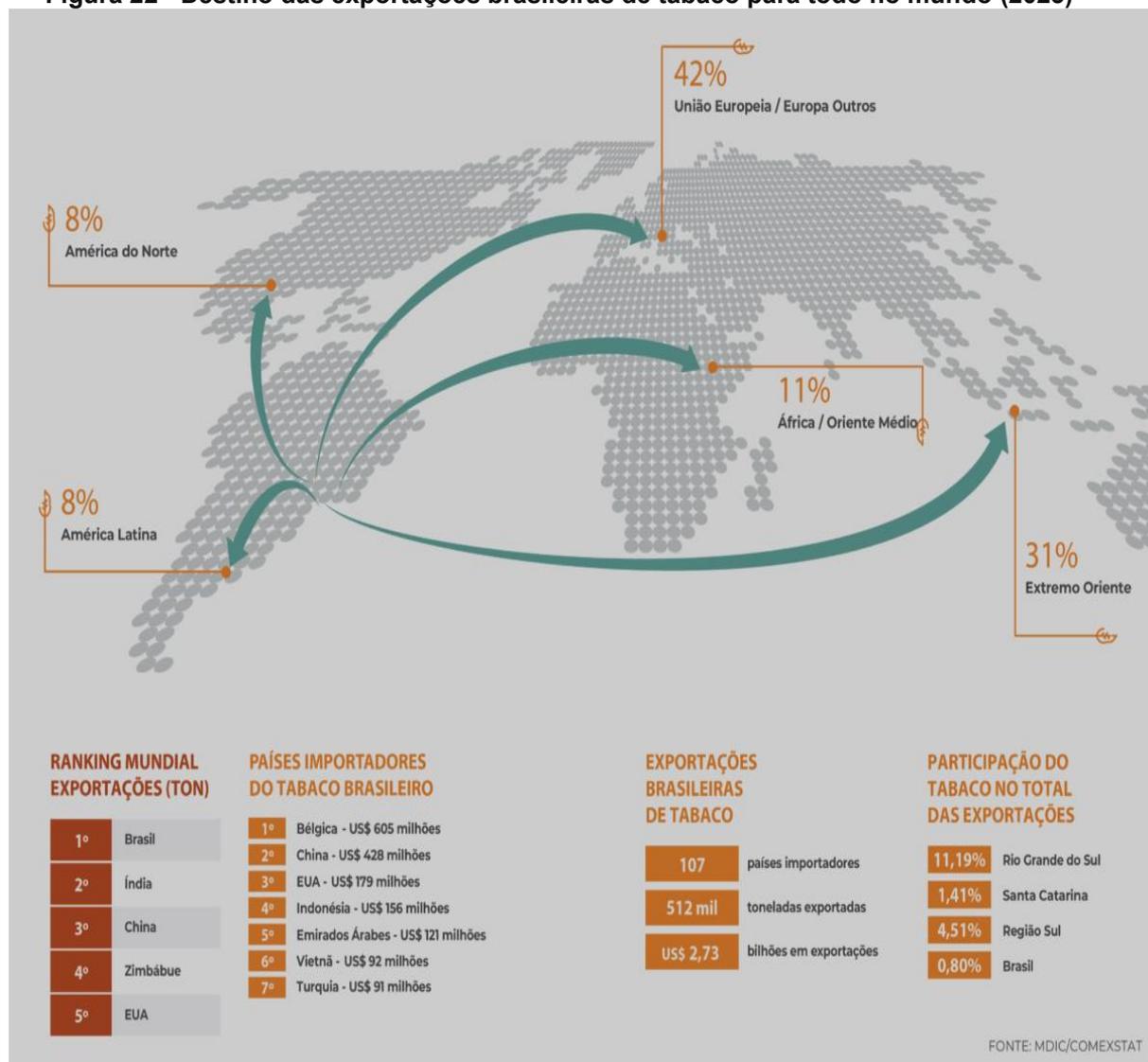
Fonte: SINDITABACO, 2023.

O Gráfico 9 representa todo período em que o Brasil vem se mantendo como líder mundial de exportação de fumo em folha. Com 30 anos de liderança, o país alcançou altos níveis de produtividade da planta e, principalmente, de qualidade. O fumo brasileiro é conhecido no mundo inteiro pela qualidade elevada. Essa, se deve, em maioria, pelo Sistema de Integração Produção de Tabaco (SIPT) que representa maior controle sobre o fornecimento ininterrupto da matéria prima aos diversos mercados consumidores. Além disso, por meio do SIPT, as empresas vem aumentando significativamente a acumulação de ISOS e outras formas de certificação que valorizam ainda mais o produto, principalmente a nível de mundo.

Quanto ao aspecto do destino de exportação do tabaco brasileiro, em 2021, estima-se que saíram dos portos brasileiros média de 464.429 toneladas de tabaco, gerando, por conseguinte, aproximadamente US\$ 1,464 bilhões em divisas (SINDITABACO, 2022).

Entretanto, comparando-se aos anos anteriores, o volume é 9,69% menor e, em bilhões, a queda no preço foi de US\$ 1,638. Isso porque, ao considerar os dados estatísticos provenientes do Ministério da Economia, em 2020, houve a venda de 514.287 toneladas, cujo preço foi de US\$ 1,638 bilhão (SINDITABACO, 2022).

Figura 22 - Destino das exportações brasileiras de tabaco para todo o mundo (2023)



Fonte: SINDITABACO, 2023.

Cabe um adendo para encerrar este capítulo, em buscas nas mais variadas fontes de dados informantes sobre a exportação do tabaco, em âmbito de países específicos, a Bélgica é o país que mais importa o tabaco brasileiro. No entanto, esse país possui o segundo maior porto, o Porto de Antuérpia, responsável pela grande maioria de produtos que adentram a Europa. Nesse caso, a importação de tabaco brasileiro por esse país não é exclusiva para industrialização, mas para distribuição para outros países, principalmente aos quem compõem a União Europeia.

Assim, para terminar, com base nos dados, na bibliografia e nas reflexões realizadas neste capítulo, observa-se que a cadeia produtiva de tabaco do estado de

Santa Catarina, a sul brasileira, a nacional e mundial, traz consigo irrefutável importância econômica e social.

O objeto a se buscar neste capítulo consiste em caracterizar os princípios essenciais a serem verificados para o sistema produtivo do fumo no Brasil, na Região Sul do e no estado de Santa Catarina.

Desse modo, é proposto analisar o sistema técnico produtivo “antes da porteira”, melhoramento genético da planta, entre outras tecnologias, o sistema técnico produtivo “dentro da porteira”, como se planta, como se executam todas as etapas da produção, e ainda, o sistema técnico produtivo “fora da porteira”, ou seja, como se produz na fábrica.

Nesse sentido, compreendem-se as categorias ao viés de que, o “antes da porteira”, consiste nas inovações tecnológicas, no caso da fumicultura, como sendo as impostas/proporcionadas pelas transnacionais do setor. Ou seja, melhoramento genético das plantas, técnicas avançadas de cultivo, estrutura tecnológica, defensivos agrícolas, adubação, mecanização, entre outras, com intuito a otimizar a produção e qualidade do produto (Espíndola; Cunha, 2023).

Quanto à categoria “dentro da porteira”, os mesmos autores explicam que se trata ao que o agricultor emprega dentro do seu estabelecimento agrícola. Isto é, práticas de conservação do solo, otimização da mão de obra, uso de equipamentos agrícolas, estrutura na produção das mudas, da cura do tabaco, entre outras. Em outras palavras, o emprego propriamente dito de tudo o que vem da categoria antes da porteira proporcionada pela indústria.

Enquanto o “pós porteira”, está intrinsecamente ligado ao processo das inovações industriais. Em outros termos, aquelas que são realizadas pelas empresas pós compra do produto. Essas podem variar entre estratégias de regulação de mercado e preço, processos produtivos, que podem, a grosso modo, ser equiparados ao fordismo ou toyotismo, (de acordo com a funcionalidade de cada empresa), até ao marketing de vendas (Espíndola; Cunha, 2023).

Contudo, ainda será explorado o funcionamento do sistema de integração entre produtores e indústria, considerado o alicerce desse setor.

Por último, é realizada análise geral de todo o funcionamento da cadeia produtiva do tabaco em Santa Catarina.

4.1 O SISTEMA TÉCNICO PRODUTIVO DO FUMO EM SANTA CATARINA “ANTES DA PORTEIRA”

É importante destacar que existem diversas variedades, formas de cultivo e secagem da planta do fumo. Como o tipo Virgínia, em que o processo de cura/secagem leva de cinco a seis dias em estufa com rígido controle de temperatura e umidade. Essa variedade apresenta coloração amarelo vivo a tons de laranja e mogno, considerado de qualidade superior aos demais para fabricação de cigarros e portanto, seu valor comercial também é superior. Tem-se, ainda, o tabaco do tipo Burley, que passa por um processo de cura/secagem mais lento, feito em condições naturais, em que as plantas são suspensas inteiras em galpões por cerca de quarenta dias até atingirem a condição ideal para serem encaminhadas para a indústria. A principal característica dessa variedade é apresentar coloração de tons marrons mais claros a escuros. Há, ainda, as variedades do tipo Comum, Dark e Maryland, essas, com características mais semelhantes à variedade tipo Burley, quanto ao processo de cura/secagem, que é realizado de maneira natural e também quanto às características de coloração, que variam entre o marrom claro e escuro. Essas últimas variedades se apresentam de maneira menos expressiva em produção, principalmente em nível do sul brasileiro e de Santa Catarina (BAT BRASIL, 2023).

Segundo o Sinditabaco, em Santa Catarina, as variedades mais cultivadas são do tipo Virgínia e Burley. A área total plantada das duas variedades, na última safra, 2022/23, ficou em torno dos 71 mil hectares, sendo que o fumo tipo Virgínia ocupou cerca de 86,12%, enquanto o tipo Burley, aproximou-se de 11%. As demais variedades cultivadas no estado, somadas, representaram 2,88%.

Cabe salientar que esse trabalho tem como foco principal de análise a variedade do tipo Virgínia, que representa a grande maioria cultivada no estado (SINDITABACO, 2023).

Desta feita, é verificada, principalmente, nas duas últimas décadas, grande e constante evolução tecnológica em todo o processo produtivo da fumicultura no mundo. Não diferente, na Região Sul do Brasil e, conseqüentemente, em Santa Catarina, ocorreu um salto tecnológico que inseriu a cultura do tabaco entre as que mais dispõem de ferramentas dentro dos pacotes tecnológicos agrícolas do país.

Primeiramente, essa evolução ocorre pelo intenso trabalho realizado pelas instituições P&D, no sentido de desenvolver variedades geneticamente melhoradas.

Nesse sentido, o Brasil se destaca por abrigar as duas maiores empresas do mundo na produção de sementes de tabaco, essas, que estão instaladas na região

do Vale do Rio Pardo no estado do Rio Grande do Sul. Na primeira colocação, a ProfiGen do Brasil, no município de Santa Cruz do Sul/RS, e a segunda, o Centro Global de Pesquisa, Desenvolvimento e Difusão (pertencente a empresa Alliance One) no município de Passo do Sobrado/RS. É importante destacar que as duas empresas também são as que mais exportam sementes de tabaco para o mundo, principalmente para continente Africano, sendo líderes globais nesse ramo. Salienta-se, ainda, que todas as cultivares de fumo, são desenvolvidas de acordo com as condições edafoclimáticas de cada país e região. Estratégia que permitiu com que essas duas empresas atualmente possuam liderança mundial nesse setor da cadeia produtiva do tabaco.

Em uma das saídas de campo realizadas na região do Vale do Rio Pardo/RS, foi possível entrevistar o coordenador e gerente de melhoramento de plantas de tabaco no Centro Global de Pesquisa, Desenvolvimento e Difusão (Alliance One).

Nessa visita, foi possível contemplar todas as etapas do processo de melhoramento das sementes de fumo, sendo que o centro conta com mais de 80 hectares de área utilizável para o desenvolvimento desse processo, estufas climatizadas, polinização conduzida, o processo de peletização¹⁷ das sementes, entre outros.

Na Figura 23, podem-se observar as estufas usadas para abrigarem sob as condições climáticas ideais as plantas de tabaco selecionadas para o melhoramento genético.

Figura 23 - Estufas usadas para abrigarem plantas de tabaco para melhoramento genético

¹⁷ Devido à semente do tabaco ser muito pequena, utiliza-se da técnica de peletização. Peletizar, consiste em revestir a semente com substâncias que agreguem qualidades benéficas à própria semente e a vida da planta. A peletização tem a função de proteção contra fatores externos (funciona como uma roupa para a semente) (Allince One, 2023).



Fonte: Foto tirada pelo autor, setembro, 2023.

Quanto à empresa ProfiGen do Brasil, líder mundial na produção de sementes de tabaco, não se teve tempo hábil para realização de uma saída de campo. Entretanto, foram coletadas as informações sobre as atividades apenas no site da empresa.

Nesse sentido, verifica-se que a empresa dispõe de tecnologia de ponta, em modernos laboratórios voltados à P&D e com importantes parcerias com universidades nacionais e internacionais, voltadas ao desenvolvimento de cultivares com elevado padrão de qualidade.

A instituição possui acordos firmados com “clientes dos cinco continentes para o desenvolvimento e testes de novos produtos, a fim de proporcionar soluções efetivas para as diferentes necessidades e cenários produtivos”. “Graças a este comprometimento e ao programa próprio de melhoramento genético, as sementes com a marca da ProfiGen contribuem para a produção de safras mais estáveis, o que se reverte de forma positiva em toda a cadeia produtiva”.

Nota-se a importância do melhoramento das plantas do tabaco, quando por exemplo, no ano 1998, as lavouras de tabaco Virginia estavam sendo gravemente assoladas pelo vírus Y da batata, conhecido como PVY. Foi quando a ProfiGen, por meio de parcerias, contribuiu, por meio da importação de uma cultivar dos Estados Unidos resistente a esse vírus e implantou a campo no Brasil, viabilizando novamente a produção.

Em relação à ProfiGen, podem-se demarcar mais três importantes contribuições quanto ao aspecto de viabilização de novas cultivares de fumo a campo. Entre elas estão:

- licença para produção e comercialização das cultivares desenvolvidas pelas universidades americanas da Carolina do Norte e do Kentucky. Entre as cultivares

licenciadas estava o NC 3, primeiro híbrido Burley com resistência a nematoides plantado no Brasil.

- introdução dos híbridos Virginia de maturação rápida. “Os híbridos com esta característica permitiram a expansão dos negócios da empresa para muitos países, além de oferecer uma ferramenta inovadora para os produtores brasileiros. A maturação rápida é adequada para países que têm um ciclo curto para produção de tabaco e para antecipação da colheita, como é o caso no Brasil. O primeiro híbrido Virginia de maturação rápida da ProfiGen, PVH19, foi lançado em 2001. Nos anos seguintes, esta tecnologia foi sendo aprimorada, chegando na excelência em 2009, com o lançamento do híbrido PVH2310 que passou a ser cultivado em larga escala nas Américas, Europa e Ásia.”

- lançamento de novos híbridos de tabaco com maior adaptabilidade aos diferentes tipos de solo e clima, aliados a um amplo pacote de resistências a doenças e facilidade de manejo.

- conta com um programa de gestão da qualidade, atestado pela manutenção do certificado ISO9001 desde 2001, assegurando os mais altos padrões de qualidade em seus produtos e serviços.

Desse modo, constata-se (com base nas duas maiores empresas fabricantes de sementes de tabaco operantes no Brasil, ProfiGen e Alliance One) que o melhoramento genético das sementes de tabaco apoia-se em três pilares essenciais. Assim, primeiramente, a busca por resistência a pragas e doenças, depois, aumento da quantidade de fumo produzida por hectare, e ainda, a elevação dos níveis de qualidade do produto.

4.2 O SISTEMA TÉCNICO PRODUTIVO “DENTRO DA PORTEIRA”

O preparo do solo para o cultivo de tabaco se inicia pelo menos três meses antes do transplante das mudas a lavoura. O primeiro passo é conhecer o relevo onde o fumo será cultivado, a cultura plantada que antecedeu e também o estado químico e físico do solo. Respectivamente, o primeiro, no sentido da necessidade de calagem ou outra correção dessa possível deficiência química, essa que pode ser facilmente identificada por meio de uma análise de solo. A segunda deve ser verificado aspectos do tipo de solo, capacidade de infiltração da água, ligada ao nível de compactação do solo, ao tipo da lavoura mais próxima cultivada, no sentido de

transferência de doenças e pragas, entre outros aspectos que podem ser influenciados pelas características individuais de cada estabelecimento.

Aprofundando-se ao aspecto químico do solo, verifica-se que um (ph) em torno de 6,0, é o ideal para o cultivo do fumo. Já quanto à adubação, principalmente com base nas entrevistas realizadas com produtores, verifica-se que a base é o NPK, geralmente, na formulação disposta em 10-14-8, muito semelhante a outras culturas cultivadas no país.

Seguindo com as etapas da produção do fumo, a ênfase é dada agora produção das mudas da planta. Essa fase é extremamente importante, pois pode definir a qualidade da planta após o transplante a lavoura.

Até o final da década de 1990, a produção de mudas era realizado diretamente ao solo, Onde as sementes ainda não peletizadas e eram semeadas manualmente em canteiros, onde as mudas ficavam protegidas por uma espécie de pano de seda, também conhecido a época por “talagarça.” Esse tipo de produção ainda requeria irrigação manual, o que tornava o sistema muito trabalhoso para o produtor. Além de estar exposto às variáveis climáticas como granizo e excesso de chuvas. A qualidade das mudas também era bastante inferior as que são produzidas atualmente por outros sistemas, sendo que isso influenciava diretamente o desenvolvimento da planta na lavoura.

Atualmente, as mudas são produzidas pelo sistema “floating”, “que consiste em produzir as mudas em bandejas que flutuam na água de uma piscina em um túnel coberto por plástico. Esse sistema tem por objetivo proporcionar ambiente protegido, que propicie as melhores condições para germinação e desenvolvimento das mudas”.

A produção de mudas de fumo nesse sistema usa estrutura em madeira ou tijolos com 10 a 20 cm de altura, recoberta por uma lona plástica, formando a piscina, outra lona plástica sustentada por arcos para formar o túnel, bandejas desinfectadas, substrato e sementes peletizadas. As dimensões da piscina são definidas de acordo com a quantidade que se quer produzir em cada túnel. Ainda, é necessário observar um mínimo de água nas piscinas, para que o adubo seja bem dissolvido e a água não congele em locais em que a temperatura, muitas vezes, fica abaixo de 0°C.

Seguindo, as bandejas são preenchidas com substrato e a semeadura é realizada utilizando uma semeadora. Neste momento, a escolha de substratos

comerciais de boa qualidade é importante para garantir a boa germinação das sementes. Após semeadas, as bandejas são colocadas na piscina somente com água.

A germinação ocorre entre 10 e 15 dias, quando as temperaturas forem maiores que 18° C. Em locais onde a temperatura é muito baixa, esse período pode ser maior.

O manejo de abrir/fechar a cobertura plástica desde a semeadura é fundamental para germinação das mudas. Altas temperaturas no interior do canteiro prejudicam ou inibem a germinação e, por isto, a ventilação dos canteiros é necessária. O manejo correto, também, vai auxiliar a minimizar o excesso de umidade no substrato e a alta umidade relativa do ar, que favorecem o aparecimento de doenças de canteiro.

O uso de fertilizantes hidrossolúveis na água da piscina é necessário para o bom desenvolvimento das mudas, mas se deve evitar o excesso de adubo que pode ocasionar a salinização do canteiro e por consequência a perda de mudas.

De maneira geral, não se recomenda a aplicação de fertilizantes no momento da semeadura, pois os substratos já possuem fertilização nas fórmulas originais. A aplicação normalmente é realizada depois de 14 dias ou na fase de 2 a 3 folhas que equivale à época de repique.

É recomendado que a primeira poda seja feita quando as mudas atingirem, aproximadamente, 4-5 centímetros ou com cerca de 6 a 7 folhas. Nesse processo, é importante que não se corte o ápice da muda. A poda deverá ser repetida quantas vezes for necessário para permitir o desenvolvimento das mudas menores, é usual realizar entre 3 e 5 vezes em um canteiro, com isto se obtém um conjunto de mudas mais uniformes e fortes. Após a poda, é importante que sejam aplicados produtos preventivos, que impeçam a ocorrência de doenças bacterianas e fúngicas. A desinfecção do material utilizado para fazer a poda também é fundamental para evitar a contaminação das mudas por viroses.

A poda promove o aumento do número de mudas úteis e melhora a uniformidade na altura e diâmetro do caule, deixando-as mais resistentes.

Para produzir mudas de boa qualidade, é importante:

- existir disponibilidade de boa fonte de água nas proximidades do canteiro para os tratamentos químicos e de irrigação;
- os canteiros tenham exposição ao sol da manhã, evitando lugares úmidos e sombrios e que não sejam alocados em áreas de ventos dominantes, o que pode prejudicar a germinação e o desenvolvimento das mudas;

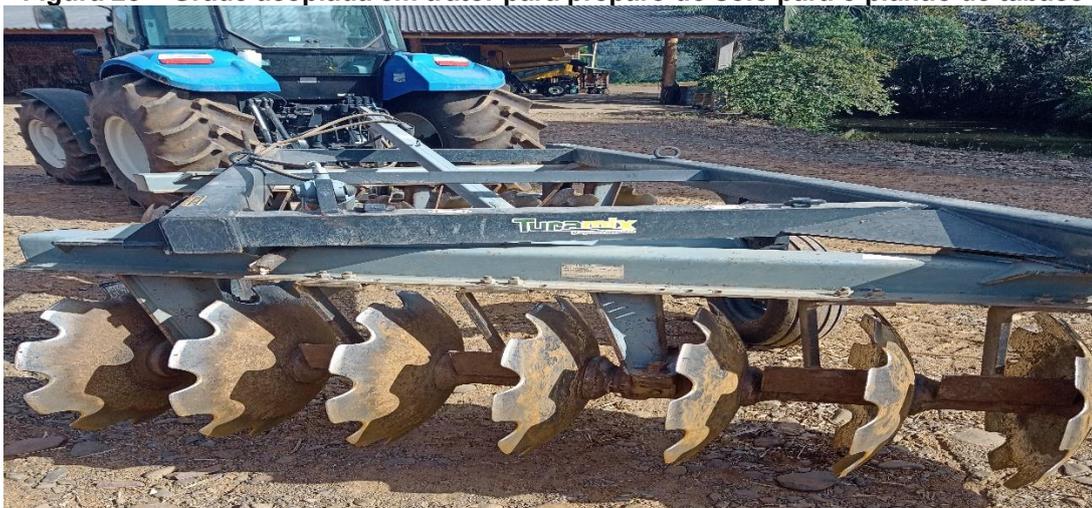
- os canteiros sejam de fácil acesso e planos para facilitar os cuidados e tratamentos estando protegidos de animais que possam provocar danos às mudas;
- não montar os canteiros em locais próximos de lavouras de solanáceas (batata inglesa, tomate, pimentão e berinjela) para evitar doenças;
- fazer as aplicações preventivas de defensivos para o controle de pragas e doenças. Um controle eficaz é essencial para produção de mudas saudáveis. Sem esse cuidado, mudas doentes poderão ser transplantadas, o que irá comprometer o sucesso da lavoura. O controle de doenças no canteiro é mais fácil e o custo é menor.

Figura 24 – Canteiros e bandejas para a produção de muda de tabaco



Fonte: Foto tirada pelo autor, junho, 2023.

Figura 25 – Grade acoplada em trator para preparo do solo para o plantio de tabaco



Fonte: Foto tirada pelo autor, junho, 2023.

Figura 26 – Implemento acoplado em trator para preparo do camaleão para o cultivo do tabaco



Fonte: Foto tirada pelo autor, junho, 2023.

Figura 27 – Modelo diferenciado de implemento acoplado em trator para preparo do camaleão



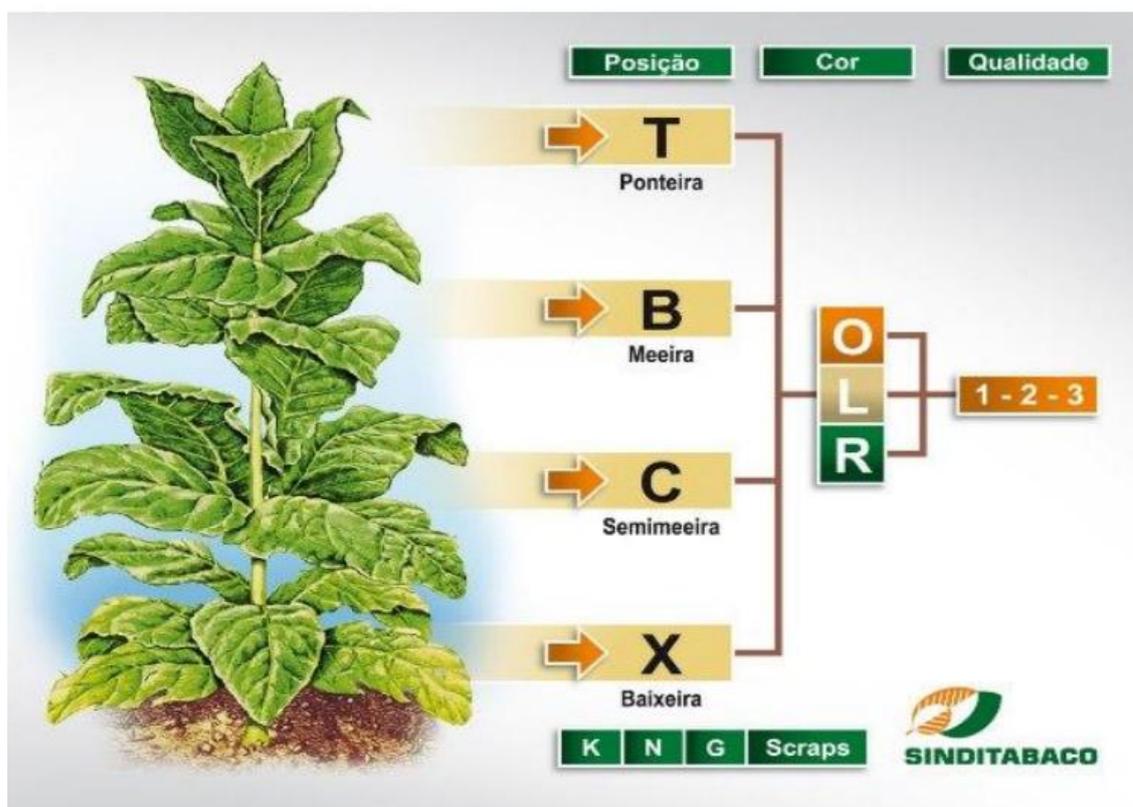
Fonte: Foto tirada pelo autor, junho, 2023.

Figura 28 – Equipamento utilizado para o transporte do tabaco até as estufas de cura



Fonte: Foto tirada pelo autor, junho, 2023.

Figura 29 – Posição, cor e qualidade do tabaco



Fonte: SINDITABACO, 2018.

Figura 30 – Caixa para a produção dos fardos de fumo para serem enviados para a comercialização



Fonte: Foto tirada pelo autor, junho, 2023.

As medidas, listadas a seguir, são algumas das principais ações e práticas de manejo promovidas por parte dos fumicultores, e que, comparada com orientações

técnicas consultadas, verifica-se que podem contribuir, de maneira efetiva, para amenizar os prejuízos, em casos de ocorrência de eventos climáticos extremos em lavouras.

- Plantio direto. Segundo os fumicultores, muitos, atualmente, já se dedicam a esse tipo de cultivo que surgiu há alguns anos na atividade e que ainda sofria resistência de muitos produtores quanto a sua implementação. Com os passar dos anos, ainda conforme relatam os fumicultores, o plantio direto passou a ser implantado em maior número e começou se a notar os benefícios à fumicultura. Esses benefícios relatados ficam em torno da menor ocorrência de erosão do solo, minimização das perdas com possíveis estiagens, pois mantém o solo por mais tempo com umidade, mantendo o solo coberto assim mais protegidos contra chuvas torrenciais, melhora a fertilidade do solo, entre outros.

Destacam-se os benefícios do plantio direto, entre eles, comenta sobre a diminuição da erosão do solo, melhoramento da fertilidade e retenção de umidade, permitindo, assim, suportar os veranicos com mais segurança e estabilidade de produção. Salton *et al.* (1998, p. 22):

- Plantio em duas ou mais etapas. Essa prática tem sido tomada como base para alguns agricultores como modo de amenizar possíveis adversidades climáticas, como por exemplo, a ocorrência de estiagem ou excesso de chuvas no decorrer da safra. Consiste basicamente em realizar o plantio do fumo em duas etapas com intervalos de até um mês, o que pode ser possível de compreender dentro do ciclo normal da planta sem que haja algum tipo de prejuízo nesse aspecto. A prática, segundo os agricultores, pode ser realizada da seguinte forma; faz-se uma primeira leva de plantio em meados do mês de setembro e uma segunda em meados do mês de outubro. Sendo que no planalto norte catarinense, esses são os meses que compreendem o plantio do fumo para que a planta atinja seu pleno desenvolvimento. Os agricultores lembram, ainda, de que, para que isso possa ocorrer, o planejamento da safra deve ser pensado desde o início. Antes mesmo de se iniciar a produção de mudas para o plantio, para que seja possível fazer escalonamento da produção também em duas etapas. Ainda, segundo alguns relatos, essa prática vem contribuindo de forma significativa como ferramenta de enfrentamento das adversidades climáticas nas lavouras de tabaco da região de Canoinhas, sendo usada com o intuito de diminuir possíveis impactos gerados por fatores climáticos.

O tabaco requer muita atenção quanto à época de plantio, pois o plantio no “cedo”, logo ao início da época recomendada, pode estar sujeito aos efeitos das geadas, que podem danificar as plantas e até mesmo compromete-las totalmente. Por outro lado, antecipando, possui a vantagem de evitar o trabalho de colheita no período mais quente, nos meses de dezembro e janeiro. E, ainda, pode evitar a possibilidade de perdas por queda de granizo no mês de dezembro que é um período de maior risco da ocorrência desse fenômeno (Souza Cruz, 2017).

- Subsolação. Consistem em manter as áreas onde são cultivadas o tabaco com boa subsolagem. Os agricultores afirmam que em áreas com melhor absorção de água, como em caso de um solo bem drenado, bem subsolado por exemplo, na possível ocorrência de excessos de chuvas, o solo resiste mais tempo ao encharcamento. Problema que, segundo eles, é uma das causas das ocorrências de doenças bacterianas no fumo, como por exemplo a “murchadeira do fumo,” doença bacteriana já anteriormente citada neste trabalho, que atinge a planta do tabaco, principalmente na ocasião do excesso de umidade no solo, comprometendo total ou parcial o desenvolvimento, gerando prejuízo direto aos fumicultores. Essa prática já se encontra muito difundida entre os produtores de tabaco, e cada vez mais vem sendo parte de ações efetivas dos agricultores frente os impactos das variações do clima nessa atividade.

Segundo o professor Sérgio Filipin, do Instituto Federal do Sergipe (IFS), em demonstração no evento, “Embrapa demonstra vantagens do plantio direto, da subsolagem e da integração lavoura-pecuária,” em quatro municípios do estado de Sergipe (SE), no ano de 2015, no diz que quando o solo se apresenta compactado, ou como é conhecido, pé de grade ou pé de arado, o subsolamento é a primeira coisa a se fazer antes de iniciar qualquer cultivo, pois o subsolamento consiste no rompimento das camadas compactadas do solo, o que melhora a retenção de água e dos nutrientes, além de favorecer o crescimento das raízes, aumentando assim a produtividade das culturas.

- Previsão do tempo para plantio e colheita. Os produtores relataram que esse já um meio muito utilizado para se planejarem em suas atividades diárias relacionadas a produção de fumo. E que, com o aperfeiçoamento das tecnologias e sua chegada gradativa ao campo, esse método vem se fazendo cada vez mais eficaz para um melhor planejamento da lavoura. Há ainda, segundo alguns fumicultores, uma necessidade de que todos tivessem acesso a previsões mais precisas e avançadas.

Como por exemplo, quantidade de precipitação que ocorreu, quantidade que está prevista, e principalmente uma previsão mais longa, ou seja, uma estimativa de 15 ou até mesmo 30 dias com uma acessibilidade facilitada. Isso permitiria planejamento ainda mais eficaz por parte dos produtores em cultivos, fazendo com que os seus riscos climáticos se reduzissem. Mas, essa ferramenta ainda não se faz presente na grande maioria das unidades produtoras de tabaco da região e o uso ainda é considerado restrito se considerarmos suas potencialidades.

Ter maior controle sobre a variável do clima se torna cada vez mais importante a qualquer atividade agrícola, e a previsão do tempo, pode contribuir significativamente nesse aspecto, pois o clima, além de influenciar o crescimento, o desenvolvimento e a produtividade das culturas, também afeta a relação das plantas com micro-organismos, insetos, fungos e bactérias, favorecendo ou não a ocorrência de pragas e doenças. Destaca-se, ainda, que as práticas agrícolas de campo, preparo do solo, semeadura, adubação, irrigação, pulverizações, colheita, dentre outras, dependem diretamente de uma condição climática favorável para serem realizadas (Sentelha; Monteiro *apud* Pereira *et al.*, 2009, p. 3).

- Diversificação da renda. A grande maioria dos produtores que teve contato durante a realização desse trabalho, relataram a necessidade de se ter uma maior diversificação da renda na propriedade. Isso, com o objetivo de se manter a renda essencial para as demais atividades de manutenção da mesma. Essa prática, também, vem sendo notada a nível de outras produções agrícolas e se faz muito eficaz para que o produtor rural não fique dependendo financeiramente de uma única atividade. Fato determinante no que diz respeito à vulnerabilidade climática de propriedade em geral.

O extensionista rural da Epagri de São Miguel do Oeste/SC, engenheiro agrônomo Clístenes Antônio Guadagnin, nos diz que, para garantir a renda e ficar menos vulnerável aos imprevistos, o agricultor familiar catarinense têm investido na diversificação da sua produção. E cita uma família do município de Paraiso, no oeste do estado, como exemplo a seguir. Ela cultiva uva, produz vinhos coloniais, licores, sucos e geleias. Com a produção de leite, doce de leite e queijos coloniais. E ainda açúcar mascavo e mel de abelhas nativas. Assim, melhorando significativamente a renda de seu estabelecimento, e tendo maior segurança a qualquer entrave, climático ou não, que possa ocorrer (Epagri, 2019).

Assim, comparando com orientações técnicas de práticas de manejo conservacionistas, essas reconhecidas mundialmente como sendo modelos e ferramentas que podem contribuir frente ao problema da adversidade climática, e ainda a utilização da previsão do tempo e otimização de novas fontes de renda, verificamos que os fumicultores também estão passando a ser mais conscientes quanto a relação clima versus produção, e tomando posições corretas, no intuito de mitigar as ações desfavoráveis do clima, ainda que seja, somente pelo meio da aplicação do seu conhecimento prático da atividade, adquirido durante os muitos anos de experiência.

Ainda nesse sentido, em instruções providas da Embrapa em relação a praticas conservacionistas. O pesquisador Marcos Aurélio Carolino de Sá, em um evento de transferência de tecnologia da Embrapa, “Agricultura Conservacionista; preceitos e práticas para o cerrado,” (2019), nos diz que, independentemente do sistema de produção e da região, a agricultura conservacionista segue três preceitos fundamentais. Esses são: a redução ou supressão de mobilização de solo, ou seja, o seu revolvimento; a manutenção de resíduos culturais na superfície do solo, ou a cobertura do solo; e a diversificação de espécies, em rotação, consorciação e/ou sucessão de culturas. E segue dizendo que, quanto menor o revolvimento do solo, como no caso do plantio direto, menor é a exposição desse solo à erosão e às perdas de matéria orgânica e de carbono pelo processo de oxidação, ressaltando ainda, que isso representa menos gasto de energia e combustível na preparação ao plantio. Ainda segundo o pesquisador, sempre que se fala em agricultura conservacionista, sempre deve se ter em mente: revolver o mínimo necessário e manter o solo coberto o máximo de tempo possível, seja com resíduos ou com plantas vivas, e ainda com presença permeada de raízes. Explica ainda que, para se manter o solo bem estruturado, é importante a rotação de culturas e a diversificação do sistema de produção, já que diferentes plantas têm diferentes tipos e profundidades de raízes. Cita a soja como exemplo, pois trata se de uma leguminosa com raiz pivotante e sistema radicular mais superficial, enquanto o milho e a braquiária, são gramíneas de sistema radicular fasciculado ou “em cabeleira”, ou seja, contam com muitas raízes para explorar o solo superficialmente e em profundidade, e tendem a estruturar melhor o solo, bem como sua agregação.

Prática que também vem aos poucos sendo implantada pelos fumicultores da região de Canoinhas, principalmente pelo fato de ocorrer arrendamentos de área para

plantio de vizinhos e outros, onde anteriormente foram cultivados outros tipos de cultura, como por exemplo o milho, a soja, entre outras.

Há, ainda, situações de práticas de rotação de culturas realizadas pelos agricultores em suas propriedades, que também diretamente remetem ao processo de diversificação da renda, fator esse, que é reconhecido como essencial para a manutenção das atividades em estabelecimento rural. Esse processo consiste no aproveitamento de áreas disponíveis na propriedade para o cultivo de outra cultura, como por exemplo o milho e, na safra seguinte, nesse mesmo local, alternar para o plantio do fumo. Segundo os produtores de fumo entrevistados, essa prática também vem ganhando muito espaço entre os fumicultores, pois, além de gerar mais renda para a propriedade, ainda contribui para melhor conservação do solo, o que na próxima safra, pode refletir em benefícios a produções, também nos aspectos relacionados ao clima, pois com um solo mais bem estruturado e com boa presença de matéria orgânica, por exemplo, a resistência tanto ao excesso como a falta de chuvas, fica otimizada.

Com base nas principais iniciativas frente às adversidades climáticas tomadas pelos fumicultores e também oriundas de instituições públicas envolvidas no setor agrícola. Além da grande contribuição da Associação Brasileira de Fumicultores, a Afubra, observa-se que os produtores vêm dando passos importantes, no que diz respeito a desenvolver estratégias para enfrentar os fenômenos climáticos que causam tantos danos e perda em suas produções. Diversas ações/estratégias já veem sendo adotadas e, muitas delas, como as citadas, já trazem diversos benefícios e vantagens diretas aos fumicultores frente a reduzirem os impactos do clima em suas lavouras, e, conseqüentemente, aumentarem as chances de lucratividade de suas safras.

Existem em torno de seis variedades de fumo da espécie *Nicotiana tabacum* L. que apresentam características de cultivo das plantas e de cura (processo de secagem) das folhas bem particulares. Estas características são fundamentais na fixação das cores das folhas que, por sua vez, são determinantes no processo de classificação delas. Usando como referência a variedade Virgínia, responsável por cerca de 85% do volume de tabaco produzido no Brasil, o produto é classificado em 41 classes (BO1, TO1, CO1, BO2, TO2, CO2, BR1, XO1, TR1 ... até G3, SC e ST), conforme detalhamento incluído na Instrução Normativa 10/2007, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Brasil, 2007). Cada uma destas classes está

destinada para um produto final de qualidade e de preço por quilo ou por arroba de 15 kg diferente, dependendo da posição das folhas na planta, da cor e do tipo delas, cujo resultado são as diferentes “marcas” de cigarro e de fumo existentes no mercado. Atualmente, considerando o valor médio e as principais indústrias fumageiras, o preço mínimo pago pela arroba da melhor qualidade de fumo Virgínia é de cerca de R\$ 178,00, e pela de pior qualidade, R\$ 9,30, ou seja, uma diferença de quase 20 vezes (Associação dos Fumicultores do Brasil, 2018; SindiTabaco, 2018).

A variedade Virgínia está presente em quase todos os produtos 2 Os nativos centro-americanos usavam a planta do fumo com finalidades terapêuticas, de lazer e religiosas, e as folhas eram consumidas na forma de pó, bebida, fumada, mascada, chupada ou comida (Lorencetti *et al.*, 2008). 3 Comunicação pessoal por email de Claudir Lorencetti de Vera Cruz/RS em 27 de setembro de 2018. 4 Comunicação pessoal verbal de Jorni Eduardo Marquardt em Santa Cruz do Sul/RS em 28 de julho de 2018. Capítulo 24 - Evolução da Produção de Fumo 803 derivados por apresentar os melhores fumos do mundo, e ocupa cerca de 62% de toda produção mundial. Comercialmente, o caule produz entre 18 e 22 folhas, o que resulta em uma produtividade média de 2.000 kg/ha no Brasil. A colheita consiste em quatro a seis apanhas, que é a quebra e coleta de um determinado número de folhas no estágio de maturação adequado, em intervalos de cinco a sete dias entre uma apanha e outra. Seu processo de cura leva cerca de sete dias em uma estufa, tradicionalmente de tijolos, com rígido controle de temperatura e umidade, o que resulta em uma evaporação rápida de modo a fixar os açúcares na folha.

A cor das folhas desta variedade varia do amarelo vivo a tons de laranja e mogno. Naturalmente rica em açúcares e em nicotina, esta variedade produz um fumo com sabor adocicado e aroma tostado. Entra na composição de muitos blends e é o principal, quando não o único, ingrediente dos virginia blends, usualmente prensados na forma de torta de fumo (cakes) e vendidos sob a forma de flocos (flake). (Lorencetti *et al.*, 2008; SindiTabaco, 2018).

O fumo da variedade Burley, responsável por cerca de 13% da produção mundial, também passa por um processo de cura mais lento, feito em condições naturais, em que as plantas inteiras são colocadas em suspensão por cerca de 40 a 60 dias no abrigo de um galpão, para que ocorram as transformações físico-químicas desejadas até estarem prontas para serem encaminhadas para o processamento. Comercialmente, a planta produz entre 22 e 26 folhas, o que resulta numa

produtividade de 1.700-1.900 kg/ha. As folhas curadas apresentam coloração castanha a castanho-escuro, as quais são utilizadas, principalmente, na fabricação de fumos aromáticos (Cavendish) e de blends, já que absorvem melhor que qualquer outra variedade os mais diversos aromas possíveis de adicionar a posteriori, geralmente, produzindo um fumo de aroma achocolatado ou de frutos secos, muito apreciado pelos consumidores de charutos, cachimbos e bolas de fumo para mascar. (Almeida e Canechio Filho, 1973; Lorencetti *et al.*, 2008; SindiTabaco, 2018).

O fumo da variedade Galpão Comum segue um processo de cura mais lento e em condições naturais, semelhante ao Burley, e ocupa cerca de 1% da produção. Em termos de coloração, as folhas curadas seguem tons marrons mais claros a mais escuros. As folhas desta variedade possuem uma espécie de goma que as tornam apropriadas para o processo de fermentação desejado por alguns mercados específicos (Almeida e Canechio Filho, 1973; SindiTabaco, 2018). Por outro lado, as folhas do fumo da variedade Dark ganham tons de marrom mais escuros, e passam por dois processos de cura: Dark Air curado da mesma forma que as variedades Burley e Galpão Comum, e o Dark Fire curado em galpões com fogo embaixo, numa espécie de defumação. No entanto, esta variedade não é produzida comercialmente no Brasil (SindiTabaco, 2018).

Diferentemente das demais variedades, o fumo da variedade Maryland possui folhas de perfil mais fino. O processo de cura também é semelhante ao Burley, feito em Dinâmica da Produção Agropecuária e da Paisagem Natural no Brasil, nas últimas décadas, 804 condições naturais. Como resultado, o fumo adquire a cor marrom, que pode variar de tons claros para mais escuros. (SindiTabaco, 2018). A variedade Oriental recebeu o nome da região onde é produzida, tendo como referência o Oriente da antiguidade, ou seja, a região oriental do Mar Mediterrâneo (Turquia e Síria), e ocupa 10% da produção mundial. São fumos muito aromáticos, com baixo teor de açúcar e de nicotina, tipicamente curados pela seca ao sol ou sob estruturas simples, cobertas com plástico transparente (Lorencetti *et al.*, 2008; SindiTabaco, 2018).

A Região Sul do Brasil também produzia a variedade de fumo Amarelinho, que teve seu maior volume na safra 1988/89, com 43.201 toneladas (11% da safra). Por questões de preferência de mercado, sua produção foi diminuindo até sua extinção em 1997. (SindiTabaco, 2018). Finalmente, estudo comparativo entre as variedades de fumo concluiu que o sistema de produção adotado pelos produtores com a variedade Burley demanda menos força de trabalho, produz uma maior renda per

capita e permite uma maior diversificação da renda que o sistema de produção com a variedade Virgínia (Villwock *et al.*, 2011).

O tabaco, assim como outras culturas, possui diversas etapas em seu processo produtivo. Ressalta-se que a produção de fumo, não somente no Brasil como em outras partes do mundo, em relação a todo o processo produtivo, ainda é, em maioria, manual. Ou seja, é uma cultura que ainda é considerada pouco mecanizada se comparar por exemplo com demais culturas cultivadas no Brasil, e requer muita mão de obra. As grandes culturas, como soja e milho, por exemplo, tem o processo produtivo quase que 100% mecanizado, dependendo do nível de estrutura de cada produtor, sendo que, da semeadura a colheita, o agricultor dispõem de mecanização e outras tecnologias que diminuem, consideravelmente, a demanda de mão de obra.

No caso do tabaco, manuais e orientações disponibilizadas por todas as empresas atuantes no estado de Santa Catarina, por meio de departamentos técnicos, demonstram o quão o processo produtivo do tabaco ainda é muito demandante do trabalho manual.

As saídas de campo realizadas em diversas na regiões de Santa Catarina, como na região do planalto norte, alto vale do Itajaí e região sul, ainda que com certas diferenças de otimização de mão de obra, observou-se que a cultura demanda de muita mão de obra. E ainda, essa mão de obra, tem sua necessidade aumentada proporcionalmente de acordo com a quantidade de “pés” cultivados. Em outras palavras, o volume produzido está diretamente ligado a disponibilidade de mão de obra de cada produtor.

É importante destacar que em cada etapa de produção, a necessidade de mão de obra é variável. Na fase de produção das mudas, por exemplo, conforme verificado nas saídas de campo, duas pessoas são capazes de conduzir quantidade, aproximadamente, de 100 mil pés. Já, na etapa de plantio, essa necessidade dobra, sendo que ainda, o agricultor que dispõem de mais mão de obra, consegue otimizar o tempo para conclusão dessa fase. Com relação a condução da lavoura até o ponto de colheita, a mão de obra de duas pessoas são suficientes para conduzir a mesma quantidade referenciada. Já a etapa de colheita da folha, é a que requer maior quantidade de mão de obra. Alguns fatores influenciam de maneira significativa na demanda de mão de obra no período da colheita. Entre eles, o clima que pode influenciar diretamente no ciclo de maturação da folha, exigindo que a colheita seja realizada o mais rápido possível, para evitar perdas de produção e qualidade.

4.3 DENTRO DA PORTEIRA

É relevante expor, inicialmente, que seja efetuada análise do solo como meio de verificar a fertilidade e, conseqüentemente, aplicar de modo mais correto para adubação. Para o transplante, requer que seja aguardado o prazo de 70 dias (ProfiGen, s.d.).

Os fertilizantes não podem conter cloro, de modo que a primeira adubação (adubação de base) pode ocorrer alguns dias antes do transplante, cujo escopo é disponibilizar pequena quantidade de nitrogênio, bem como quantidades mais significativas de fósforo e potássio para as plantas. Já a segunda e terceira aplicação, intituladas como adubações de cobertura, efetivam-se no período de 20 a 40 dias após o transplante (ProfiGen, s.d.).

A colheita pode ocorrer uma semana após a capação (ProfiGen, s.d.).

Pode-se expor, desde logo, que o processo de cura é efetuado de modo artificial, contando, para tanto, com estufas que são construídas e equipadas para o fim de alcançar este escopo. Por meio dela, ocorre a extração da umidade das folhas, de maneira gradual, o que ocorre por meio do aumento da temperatura e, concomitantemente, pelo controle de entrada e saída de ar (ProfiGen, s.d.).

A partir disso, ocorrem as modificações físico-químicas que se mostram necessárias, sendo que o prazo para conclusão do processo de cura é de sete dias, com temperatura que se inicia aos 35° C, terminando em 75° C. Tão logo sejam curadas, adquirem as cores laranja e amarela, de modo mais predominante (ProfiGen, s.d.).

4.4 O SISTEMA TÉCNICO PRODUTIVO “FORA DA PORTEIRA”

O sistema técnico produtivo fora da porteira alberga o que ocorre no ambiente exterior à propriedade, como ocorre, por exemplo, em decorrência da compra de insumos, como máquinas e agroquímicos, a logística, assim como a armazenagem e, ainda, a distribuição e a venda (AGROMOVE, 2022).

Diante disso, trata-se de processos que não se encontram muito sob o controle do produtor, dependendo, pois, de diversos outros fatores que não estão atrelados ao esforço do produtor. Assim, considerando inexistir controle sobre esses fatores, a atividade necessita do emprego de uma gestão mais correta (AGROMOVE, 2022).

Não é demais lembrar a respeito da comercialização e distribuição, que envolve a negociação dos produtos, estando atrelado à venda do tabaco, além do planejamento e execução do transporte dos produtos, que serão encaminhados até os centros de distribuição (AGROMOVE, 2022).

Cumpra ainda esclarecer a respeito da existência da transformação de matéria-prima, bem como a efetuação do controle de qualidade, sendo igualmente necessário promover o armazenamento e a estocagem dos produtos relacionados ao tabaco, no momento que antecede à comercialização, delimitando gestão eficiente dos estoques como meio de obstar a ocorrência de perdas (AGROMOVE, 2022).

4.5 FUNCIONAMENTO DO SISTEMA DE INTEGRAÇÃO ENTRE PRODUTORES E INDÚSTRIA, CONSIDERADO O ALICERCE DESSE SETOR

A cadeia produtiva do tabaco brasileira e catarinense, historicamente tem como base e também com ponto de partida de todo o processo, o Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), que se faz de extrema importância para o setor, pois permite vantagens para os produtores, empresas e também clientes. Para os produtores, o sistema contribui na garantia de venda da produção, assistência técnica, assistência financeira e transporte do tabaco até a comercialização. Já para as empresas, possibilita maior vantagem sobre o planejamento da safra, qualidade do produto a ser comprado, integridade do produto e garantia de fornecimento. E na parte final da cadeia produtiva, o sistema integrado de produção do tabaco, proporciona aos clientes o fornecimento regular, qualidade garantida, garantia ISO e ainda a rastreabilidade do produto (SINDITABACO, 2020/23).

4.6 ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO EM SANTA CATARINA

A cadeia produtiva do tabaco é composta por várias etapas, desde o cultivo das plantas de tabaco até a produção final de cigarros ou outros produtos relacionados. Inicialmente, compreendem-se as fábricas, seguindo os insumos, os materiais de construção e as máquinas e implementos e, após, os transportadores, seguindo os postos de distribuição e fumicultores. Finalmente, as usinas de processamento, seguindo a exportação, a fábrica de cigarros e o varejista.

Organograma 3 - Cadeia produtiva de tabaco



Fonte: Afubra, 2023

Cultivo: o tabaco é uma planta sensível que requer cuidados específicos em termos de solo, clima e manejo. Os agricultores cultivam as mudas de tabaco em estufas/canteiros e, posteriormente, as transplantam para as lavouras. Durante o crescimento, as plantas recebem tratamentos culturais como capina, adubação nitrogenada, capação, além de um controle rígido contra pragas e doenças.

Colheita: após cerca de três meses de crescimento, as folhas de tabaco estão prontas para a colheita. As folhas são colhidas à mão ou por máquinas, dependendo do tipo de tabaco e da localização geográfica. A colheita é um processo delicado, pois as folhas precisam ser retiradas de acordo com o seu nível de maturação. A colheita é realizada em, ao menos, três etapas dependendo do andamento do nível de maturação das folhas.

Cura: as folhas de tabaco colhidas são então submetidas ao processo de cura, que remove a umidade das folhas e inicia o desenvolvimento do sabor característico

do tabaco. Existem diferentes tipos de estufas para a realização dessa etapa, porém todas são aquecidas por meio de fogo oriundo da lenha queimada, e em alguns casos por meio de gás GLP.

Classificação: após a cura, as folhas de tabaco são classificadas de acordo com sua qualidade, tamanho e tipo. Esse processo determina o valor do produto no momento da comercialização.

Manufatura: as folhas de tabaco são enviadas para as fábricas de cigarros ou outros produtos de tabaco, onde são processadas e transformadas em produtos finais. Nas fábricas, as folhas são desfiadas, picadas e misturadas, de acordo com as receitas específicas para cada marca de cigarro. Em seguida, o tabaco é prensado e cortado em tiras finas. Essas tiras são, então, combinadas com papel de cigarro e outros componentes, como filtros e agentes de sabor.

Embalagem e distribuição: após a manufatura, os produtos de tabaco são embalados em pacotes ou caixas e prontos para serem distribuídos para varejistas e mercados. As empresas de tabaco têm redes de distribuição amplas para garantir que os produtos alcancem consumidores em todo o mundo.

É importante salientar quanto ao mercado tabaqueiro que a cadeia produtiva do tabaco tem implicações sociais, ambientais e de saúde significativas. A produção de tabaco está sujeita a regulamentações governamentais em muitos países, devido aos riscos para saúde associados ao consumo de produtos de tabaco. Além disso, a indústria do tabaco também enfrenta desafios em relação ao uso sustentável dos recursos naturais e ao impacto ambiental.

5 CONCLUSÃO

Com base em toda a bibliografia analisada, dados de órgãos governamentais, como IBGE/SIDRA, EPAGRI/CEPA, EMBRAPA, FAO/STAT, RECEITA FEDERAL, companhias, entidades, corporações, associações e sindicatos envolvidos no setor. Além de saídas de campo, contando com entrevistas com mais de 15 fumicultores, das regiões citadas neste trabalho, que produzem os maiores volumes de tabaco de Santa Catarina. E, ainda, entrevistas nas principais empresas transacionais de tabaco do mundo, distribuídas pelo estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, especificamente na região do Vale do Rio Pardo/RS, nos município de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, considerado o maior complexo industrial de tabaco global. Considera-se que essa junção permitiu responder aos objetivos traçados, inicialmente, para a realização deste trabalho.

O setor fumageiro do sul Brasil e catarinense se sustenta com base no sistema de integrado de produção, tendo como base de toda a cadeia produtiva, o fumicultor, pois é por meio dos contratos firmados por parte das empresas e agricultores que as mesma tem a garantia de quantidade e qualidade do produto para posterior industrialização ou exportação. E, nesse sentido, observou-se, nas últimas décadas, seleção entre produtores mais e menos capacitados financeira e tecnologicamente, visando otimizar o viés de controle de quantidade e qualidade por parte das companhias. Fato que vem gerando forte tendência de concentração da produção, em que os fumicultores com capacidades produtivas reduzidas, automaticamente estão sendo excluídos da atividade.

Conforme dados da FUBRA, o setor abarca mais de 2,5 milhões de pessoas em todo o país. A região sul do Brasil, é a que abriga a grande maioria desses indivíduos envolvidos no setor, pois, além da produção a campo, propriamente dita, mais de 128 mil agricultores cultivaram o fumo no ano safra de 2022/2023. SINDITABACO (2023). A atividade ainda engloba o trabalho de transportadores, em postos de compra, o trabalho direto nas fábricas (beneficiamento e produção), pesquisadores, extensionistas, ainda que bastante restrito, agentes de marketing, empresas de agroquímicos e materiais de construção, gerenciadores de exportação, varejistas, entre outros, formando, assim, cadeia produtiva que gera 1.080.000 empregos diretos.

Destaca-se, ainda, a nível da cadeia produtiva do tabaco sul brasileira, que a mesma mantém mais de 512 mil agricultores exclusivos no meio rural, distribuídos por, aproximadamente, 488 municípios produtores, cultivando cerca de 247 mil hectares, produzindo na safra de 2021/2022, um pouco mais de 560 mil toneladas, sendo que, com a utilização de estoques da indústria, 578 mil toneladas foram exportadas no ano de 2022, gerando montantes de R\$ 9,5 bilhões de receitas aos produtores, US\$ 2,4 bilhões em divisas e mais de R\$12,2 bilhões em arrecadação de impostos ao país no ano de 2022 (SINDITABACO,2023).

Atualmente, a cadeia produtiva de tabaco catarinense conta com 183 municípios que cultivam a planta em, aproximadamente, 71 mil hectares cultivados, 38 mil estabelecimentos produtores, 152 mil pessoas envolvidas diretamente no meio rural e 172 mil toneladas produzidas na safra 2022/ 2023, gerando montantes de R\$ 2.9 bilhões de receita aos produtores, cerca de R\$ 3,7 bilhões em arrecadação de impostos para o estado e US\$ 2013 milhões em exportação (AFUBRA; SINDITABACO, 2023).

Portanto, em um panorama geral da cadeia produtiva de tabaco brasileira e catarinense, é possível observar que as mesmas poderiam ser potencializadas, sendo que, uma maior internalização da industrialização final do produto (criação de um novo mercado interno, novas marcas), proporcionaria mais arrecadação fiscal ao país. Arrecadação essa, que países ditos de capitalismo desenvolvidos, como países integrantes da União Europeia, se beneficiam por meio da importação e posterior industrialização do produto brasileiro. A criação de um novo mercado interno, teria a possibilidade de diminuir a entrada do produto contrabandeado no país, que por unanimidade científica, tem maiores riscos aos fumantes, visto que o controle de qualidade desses produtos é bem menos criterioso. Além de comprometer uma boa parte da arrecadação fiscal nacional, provinda desse setor. Entretanto, o maior foco dessa cadeia produtiva continua sendo o mercado exportador.

Percebe-se, ainda, que apesar desse setor ser amplamente polemizado, questionado e contestado, esses, provindos de diversos campos científicos e sociedade em geral. Principalmente quanto ao uso humano do principal produto, o cigarro, esse setor é a quase há um século um grande impulsionador da socioeconomia catarinense, representando, na maioria das vezes, a principal ou única renda de milhares de famílias do estado, permitindo, assim, que possam permanecer no campo, obtendo renda que otimiza a viabilidade de estabelecimentos rurais.

Por último, ainda foi verificado que muitas das alternativas de substituição ou diversificação de renda dos estabelecimento fumicultores não se apresentam como capazes substituir a renda gerada pelo cultivo do tabaco. Assim, a atividade ainda continua sendo essencial para sobrevivência de milhares de famílias na Região Sul do Brasil e do estado de Santa Catarina.

Assim, por meio de significativa interpretação da complexidade e dinamismo que o setor fumageiro apresenta no estado catarinense, é determinante para servir de alicerce para afirmação de que a cadeia produtiva de tabaco em Santa Catarina representa importância socioeconômica incontestável.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

ACT. Promoção da Saúde. **CQCT**: Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco da OMS. Disponível em: <<https://actbr.org.br/cqct>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

AFUBRA. **Safra de tabaco 2022/2023 fecha em 605.703 toneladas**. Disponível em: <<https://afubra.com.br/noticias/12083/safra-de-tabaco-2022-2023-fecha-em-605.703-toneladas.html>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

AFUBRA. **Sinditabaco**, 2023. Disponível em: <<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-setor/infograficos/>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

AFUBRA. **Sistema mutualista**. 2023. Disponível em: <<https://afubra.com.br/sistema-mutualista-afubra.html>>. Acesso em: 12 out. 2023.

A GLOBAL TOBACCO INDUSTRIY WATCHDOG. Stop. **Quão Grande é a Indústria do Tabaco?** Documento Eletrônico. Disponível em: <<https://exposetobacco.org/pt/o-que-e-a-industria-do-tabaco/>>. Acesso em: 10 out. 2023.

AGROMOVE. **Gestão fora da porteira, por que tão importante**. Disponível em: <<https://agro.genica.com.br/2022/07/11/gestao-fora-da-porteira-por-que-tao-importante/#:~:text=J%C3%A1%20o%20fora%20da%20porteira,%2C%20distribui%C3%A7%C3%A3o%2C%20venda%2C%20etc>>. Acesso em: 17 fev. 2024.

ALLIANCE ONE. **Centro Global de Pesquisa, Desenvolvimento e Difusão**. Disponível em: <www.allianceone.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ALLIANCE ONE. **Formação da Alliance One Empresa do Mercado de Fumo**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Formacao-da-Alliance-One-empresa-do-mercado-de-fumo_fig5_253188528>. Acesso em: 02 out. 2023.

AQUINO, Jéssica Gabrielle Pereira de *et al.* **Dimensões, características e desafios das cadeias agropecuárias do Estado de Santa Catarina**. 2016.

BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T; (Ed.). **Origem e evolução de plantas cultivadas**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2008. 909 p. il. Color.

BAT. BRITISH AMERICAN TOBACCO DO BRASIL. **Importância Global**. Documento Eletrônico. Disponível em: <https://www.batbrasil.com/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YD BC9>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BAT. BRITISH AMERICAN TOBACCO DO BRASIL **O Tabaco na História**. Documento Eletrônico. Disponível em:

<https://www.batbrasil.com/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YDBCK>. Acesso em: 20 set. 2023.

BAT BRASIL. **Tipos de tabaco.** Disponível em: <https://www.batbrasil.com/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DOAH9G53#>. Acesso em: 27 dez. 2023.

BEGNIS, Heron Sergio Moreira; AREND, Silvio Cesar; ALIEVI, Rejane Maria. Confiança, comportamento oportunista e quebra de contratos na cadeia produtiva do tabaco. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 10, n. Esp. 5, p. 888-907, 2017.

BERDNACHUK, Carla Adriana. **Diversificação em áreas cultivadas com tabaco e a territorialização da indústria fumageira:** o caso do cultivo de tabaco orgânico no município de Canoinha/SC. Ponta Grossa: UEPG, 2019.

BOEIRA, S. L.; **Indústria de tabaco e cidadania:** confronto entre redes organizacionais. 2006. Documento Eletrônico. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/z9pDx3RMSDyZFqgBxBmMLYz/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BONATO, Amadeu. **Perfil da produção de tabaco e da agricultura familiar beneficiária da chamada pública de ATER 06/2013, nos três Estados da região Sul.** OPAS, 2018.

BRASIL. **Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. lei nº 11.326. de 24 de julho de 2006.** Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

BRITISH AMERICAN TOBACCO DO BRASIL. **O tabaco na história.** Disponível em: <https://www.batbrasil.com/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YDBCK#>. Acesso em: 27 dez. 2023.

BRUM, Argemiro Luís et al. **Cadeia produtiva do tabaco na Região Sul do Brasil:** estudo da composição e do relacionamento dos seus agentes. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. e852997769-e852997769, 2020.

BUAINAIN, A. M.; e SOUZA FILHO, H. M.; (Org.). **Organização e funcionamento do mercado de tabaco no Sul do Brasil.** Campinas: Unicamp. 2009.

CARVALHO, C. M. **O Cigarro.** Folha Explica. Editora Publifolha. São Paulo/SP. 2001.

CEPA. **Fumo:** a situação do fumo em Santa Catarina. Epagri: CEPA, 2011.

CEPA EPAGRI. Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 2017-2018.** Tabaco. P.98. Florianópolis SC. Disponível em: <<https://cepa.epagri.sc.gov.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CEPA EPAGRI. Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2018-2019**. Tabaco. P.97. Florianópolis SC. Disponível em: <<https://cepa.epagri.sc.gov.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CHINA BRASIL TABACOS. **Sobre nós**. Disponível em: <<https://www.cbtextport.com/sobre>>. Acesso em: 23 dez. 2023.

CIDASC. **Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina**. (2024). Disponível em: <<https://www.cidasc.sc.gov.br/institucional>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

DA MATA. **Palha para cigarro**. Cigarro Artesanal. Disponível em: <<https://www.tabacariadamata.com.br/parabolar/palhas.html#:~:text=Basta%20colocar%20o%20tabaco%20entre,reduzir%20a%20toxicidade%20do%20fumo>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

DENING, Fabio Evandro. **A produção de tabaco no Oeste Catarinense e seu declínio**. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2019.

DUTRA, E. J.; Hilsinger, R. **A Cadeia Produtiva do Tabaco na Região Sul do Brasil: aspectos quantitativos e qualitativos**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p. 17-33, set./dez. 2013.

DUTRA, Éder Jardel da Silva. **A Cadeia Produtiva do Tabaco na Região Sul do Brasil: perspectivas e horizontes**. UNISC - VI Seminário Internacional Sobre Desenvolvimento do Rio Grande do Sul. 2013. Disponível em: <<https://www.unisc.br/site/sidr/2013/Textos/4.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

ECKEL, Kássia Aparecida. **Produção de fumo em Santa Catarina: possibilidades didáticas e agroecológicas**. Santa Catarina: UFSC, 2020.

EMBRAPA. **Sistemas de Produção de Fumo**. 1975. Circular n° 75. Arapiraca/AL. Disponível em: <<file:///C:/Users/Robson/Downloads/SID-DOCUMENTOS-75-SISTEMAS-DE-PRODUCAO-PARA-A-CULTURA-DO-FUMO.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

EPAGRI CEPA. **Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola Epagri/Cepa**. Disponível em: <<https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/institucional/quem-somos/>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ESPÍNDOLA. C; J. CUNHA. R. **Falsas polêmicas na agricultura**. GGN. 2023. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/agronegocio/falsas-polemicas-na-agricultura-por-espindola-e-cunha/>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

EXAME. **Os impactos do mercado ilegal de cigarros no Brasil**. Disponível em: <<https://exame.com/bussola/os-impactos-do-mercado-ilegal-de-cigarros-no-brasil/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

FACCIN, Carolina Rezende. **Divisão Territorial do Trabalho e Rede Urbana: as cadeias produtivas do tabaco e da carne de frango na região dos Vales-RS**. 2020.

FAVARIN, J. L. **Tecnologia na Produção de Fumo**. ESALQ – USP Produção Vegetal. Departamento de Produção Vegetal Piracicaba, SP. Documento Eletrônico. Disponível em: <http://www.ppmac.org/sites/default/files/tecnologia_producao_fumo.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

FIGUEIREDO, Andrei de. **Programa de diversificação de lavouras de tabaco nas encostas da Serra Geral, atividades e potencialidades**. Santa Catarina: UFSC, 2008.

FUGANTI, Eduardo Nery; DE CARVALHO JÚNIOR, Luiz Carlos. Caracterização da cadeia produtiva da soja em Santa Catarina. **Revista Cadernos de Economia**, v. 19, n. 35, 2015.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

GOOGLE IMAGENS. **Representação da Região do Vale do Itajaí/SC**. Primeiras Lavouras de Tabaco de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Map-of-the-region-of-Alto-Vale-do-Itajai-Source-NAS-DESIGN_fig2_279157772>. Acesso em: 23 out. 2023.

GOVERNO FEDERAL. **Consumo de cigarros per capita**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-do-tabagismo/consumo-de-cigarros-per-capita>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GOVERNO FEDERAL. **Produção de fumo e derivados**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-do-tabagismo/producao-de-fumo-e-derivados>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

G1. **Sul é a região com maior percentual de fumantes, segundo IBGE**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1394143-5598,00-SUL+E+A+REGIAO+COM+MAIOR+PERCENTUAL+DE+FUMANTES+SEGUNDO+IBGE.html>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

HEEMANN, Fabiane. **O cultivo do fumo e condições de saúde e segurança dos trabalhadores rurais**. Rio Grande do Sul: UFRS, 2009.

HILSINGER, Roni. **O Território do Tabaco na Região Sul do Rio Grande do Sul Diante da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco**. Porto Alegre, 2016.

HIRSCH, André. LANDAU, E; Charlotte. **Evolução da Produção de Fumo (*Nicotiana tabacum*, Solanaceae)**. 2018. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/214992/1/Cap24.EvolucaoProducaoFumo.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2023.

HIRSCH, André. **Evolução da produção de fumo**, 2020.

IDENTIFY/KNOWING/CONTROLLING. 2024. **PVY. Murchadeira Bacteriana/Solanácea/Tabaco.** Disponível em: <<https://ephytia.inra.fr/pt/c/10814/tabaco-virus-da-batata-y-pvy>>. Acesso em: 14 dez. 2023.

IMPERIAL BRANDS. **A história de nossas marcas desafiadoras.** 2023. Disponível em: <<https://www.imperialbrandsplc.com/how-we-are-transforming/our-history>>. Acesso em: 24 nov. 2023.

INCA. **Instituto Nacional de Câncer – Governo Federal - Inca.** Legislação – por tema. Portarias e Decretos. 2023. Disponível em: <[https://www.gov.br/inca/ptbr/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/legislacao/por tema](https://www.gov.br/inca/ptbr/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/legislacao/por%20tema)>. Acesso em: 14 nov. 2023.

INCA. Instituto Nacional do Câncer. **Página com informações sobre a criação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT/OMS) e seus Protocolos.** <<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/convencao-quadro>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Revista de Informações e Debates do **O que é uma Joy Venture?** 2006. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2110:catid=28&Itemid=#:~:text=Joint%2Dventure&text=Traduzindo%2Dse%20ao%20p%C3%A9%20da,delas%20perca%20a%20identidade%20pr%C3%B3pria>. Acesso em: 12 nov. 2003.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Relatório Técnico das Ações Desenvolvidas no Período 1995/1998. Brasília, agosto de 1999.** Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2747/1/td_0664.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023.

JOLY, Maira. **Alto Vale do Itajaí.** Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Map-of-the-region-of-Alto-Vale-do-Itajai-Source-NAS-DESIGN_fig2_279157772>. Acesso em: 23 out. 2023.

JTI. Japan Tobacco International. **JTI no Brasil.** Disponível em: <<https://www.jti.com/pt-br/americas/brazil>>. Acesso em: 02 out 2023.

JTI. Japan Tobacco International. **Sobre nós.** Disponível em: <<https://www.jti.com/about-us>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KIENLE, Udo; MANOS, Basil. JUNGBLUTH, THOMAS. **Alternatives to Tobacco CULTIVATION (2015)**, Land use policy. The International Journal Covering All Aspects of Land Use Núm. 45, p. 199-203.

KOPPER-MÜLLER, G.C; TAVARES, L. B. B. **Panorama da Fumicultura em Folha no Estado de Santa Catarina, Brasil.** 2018. (Nº 65) Documento Eletrônico.

Disponível em: <<https://revistaea.org/artigo.php?idartigo=3397>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

KREMER, William. **Conheça o pai da ‘invenção’ mais letal da história**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121113_cigarro_pai_dg>. Acesso em: 12 nov. 2023.

LANDAU, E. C.; MOURA, L. **Evolução da produção de fumo (2018)**. In: Censo Agropecuário, 2017.

LÊNIN. V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**: o processo da formação de um mercado interno para a grande indústria. Julho de 1907.

MATTEI, L. F.; **Novo retrato da agricultura familiar em Santa Catarina**. 2010. Disponível em: <<https://apec.pro.br/anais/iv-eeec/anais/35-EEC%202010.PDF>>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MENGEL, Alex Alexandre; AQUINO, Silvia Lima de. **A cadeia produtiva do tabaco como campo de disputas**. Mundo agrário, v. 18, n. 38, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Prevalência do tabagismo no Brasil**: dados dos inquéritos epidemiológicos em capitais brasileiras. Rio de Janeiro: MS, 2004.

OPAS. **Tabaco**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/tabaco>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

PHILIP MORRIS INTERNATIONAL. **Philip Morris Brazil**. Visão Geral. 2023. Disponível em: <https://www.pmi.com/markets/brazil/pt/about-us/overview>. Acesso em 22 de novembro de 2023.

PROFIGEN. **HB4180P**. Disponível em: <<https://profigen.com.br/produto/burley-tolerantes-a-murcha-bacteriana-e-fusarium-hb4180p-350/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

_____. **PGH5360**. Disponível em: <<https://profigen.com.br/produto/comum-tolerantes-a-murcha-pgh5360-6/br/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

_____. **PVH2404**. Disponível em: <<https://profigen.com.br/produto/virginia-resistentes-a-pvy-pvh2404-436/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

PROFIGEN. Brasil. **Sementes de tabaco**. 2023. Disponível em: <<https://profigen.com.br/informacoes/empresa/empresa-218>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

RECEITA FEDERAL. **Produção de cigarros no Brasil. 2021**. Disponível em: <<https://www.gov.br/receitafederal/pt-br/assuntos/orientacao-tributaria/regimes-e-controles-especiais/producao-de-cigarros-no-brasil-2021>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

RELATÓRIOS DE PRESIDENTES DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA. **Center of Research Libraries**: Global resources network. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

RUBEM, Ana Paula dos Santos; SILVA, Pedro Maffia da; BITTENCOURT, Samir Tannus; REGO, Ricardo Bordeaux. O mercado de tabaco no Brasil sob uma ótica macroeconômica: uma análise crítica das medidas antitabagistas de redução de demanda. **Relatórios de pesquisa em engenharia de produção**, v. 14, n. B2, 2014.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHENATO, S. "Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX. **Revista Santa Catarina em História**. UFSC. v. 9, n. 2, 2015. Documento Eletrônico. Disponível em: <<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/1043>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

SILVA, J. G. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. 2.ed. Campinas/SP: UNICAMP. 1998.

SILVA, Leonardo Xavier da. **Análise do complexo agroindustrial fumageiro Sul-Brasileiro sob o enfoque da economia dos custos de transação**. Porto Alegre: UFRS, 2002.

SILVA, J. R. JESUS. P. **os desafios do novo rural e as perspectivas da agricultura familiar no Brasil**. XI CONNEPI, Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação, Maceió/AL, 2016.

SILVEIRA, R. L. L. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 17, n. 987, 2011. Acesso em: 13 dez. 2023.

SILVEIRA, R. L. L.; DORNELLES, M.; FERRARI, S. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. Scripta Nova – **Rev. Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. V. XVII, nº 987, 5 ago. 2012.

SILVEIRA, L; L. Silveira. M. Dornelles, S. Ferrari (2012). Brasil, principais regiões e Estados produtores de tabaco em folha (em toneladas) - 1940 a 2006 - SIDRA - IBGE Série Histórica. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. ISSN: 1138-9796. Depósito Legal: B. 21.742-98 Vol. XVII, nº 987, 5 de agosto de 2012. [Serie documental de *Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana*]. Universidad de Barcelona. Disponível em: <<https://www.ub.edu/geocrit/b3w-987.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVEIRA, R. L. L. **A cultura do tabaco na Região Sul do Brasil**: dinâmica de produção, organização espacial e características socioeconômicas. Geografia Ensino

& Pesquisa, v. 19, n.2 p. 23-40, maio/ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/13087>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

SILVEIRA, R. L. L. **Complexo agroindustrial do fumo e território**: a formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo - RS. Florianópolis, SC. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSC. 2015.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. A cultura do tabaco na Região Sul do Brasil: dinâmica de produção, organização espacial e características socioeconômicas. Produção do Espaço e Dinâmica Regional. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, vol. 19, n. 2, maio/ago. 2015.

SINDITABACO. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. **Consumo do Tabaco**. Ano 2023. Disponível em: <http://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/perfis-do-produtor-e-da-industria/>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

SINDITABACO. **Em 2021, tabaco produzido no Brasil foi exportado para 105 países**. Disponível em: <<https://www.sinditabaco.com.br/item/em-2021-tabaco-produzido-no-brasil-foi-exportado-para-105-paises/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SINDITABACO. **Infográficos**. (2023). Disponível em <<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/infograficos/>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SINDITABACO. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. **Produção de Tabaco na Região Sul do Brasil**. Relatório Institucional. Santa Cruz do Sul/RS. 2023.

SINDITABACO. **Produção por tipo**. 2023. Disponível em: <<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/infograficos/>>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SINDITABACO. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. **Produção Mundial de Tabaco**. Relatório Institucional. Santa Cruz do Sul/RS. 2023.

SINDITABACO. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. **Tabaco na Região Sul do Brasil**. Relatório Institucional. Santa Cruz do Sul/RS. 2023.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica**: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

UNIVERSAL LEAF TABACOS. 2023. **Formação da empresa de produção de tabaco**. Disponibilizado pela empresa via e-mail, em 26 outubro de 2023.

UNIVERSAL LEAF TABACOS. 2023. **Lar/Nossa Empresa/Folha Universal/América do Sul**. Disponível em: <<http://www.universalcorp.com/UniversalLeaf/SouthAmerica>>. Acesso em: 11 out. 2023.

WIKIPÉDIA. **Movimento antitabagista na Alemanha Nazista**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_antitabagista_na_Alemanha_nazista>. Acesso em: 18 out. 2023.